COLETÂNEAS *de*

Volume 8

Aconselhamento Bíblico

Neste volume:

A PALAVRA DO EDITOR

Sofrimento: chicote ou cinzel?

BASES DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

O Evangelho Terapêutico

Sofrimento e o Salmo 119

Açúcar e Limões: como é Deus em seu sofrimento?

PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Ore Além da Lista dos Enfermos

Não Desperdice seu Câncer

A Dor da Perda: compreendê-la e tratá-la não é questão de um processo, mas de uma Pessoa

Estresse Pós-Traumático

O Conselheiro Desanimado

Ajuda aos Ajudadores

Cuidado Pastoral para Missionários

O Pecado Sexual e a Batalha Mais Ampla e Profunda

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Como Acontece a Verdadeira Transformação Bíblica no Momento de Crise?

Christian Counseling & Educational Foundation

RESTORING CHRIST to COUNSELING & COUNSELING to the CHURCH

SEMINÁRIO BÍBLICO PALAVRA DA VIDA - ATIBAIA/SP - BRASIL

COLETÂNEAS DE

Volume 8

Aconselhamento Bíblico

A PALAVRA DO EDITOR

02 Sofrimento: chicote ou cinzel? - *Carlos Osvaldo Cardoso Pinto*

BASES DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

04 O Evangelho Terapêutico - *David A.Powlison*

12 Sofrimento e o Salmo 119 - *David A. Powlison*

32 Açúcar e Limões: como é Deus em seu sofrimento? - *Steve Estes e Joni Eareckson Tada*

PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

60 Ore Além da Lista dos Enfermos - *David A. Powlison*

66 Não Desperdice seu Câncer - *John Piper e David A. Powlison*

73 A Dor da Perda: compreendê-la e tratá-la não é questão de um processo, mas de uma Pessoa - *Paul Randolph*

82 Estresse Pós-Traumático - *Paul Randolph*

94 O Conselheiro Desanimado - *Sue Nicewander*

102 Ajuda aos Ajudadores - *Michael Emlet*

108 Cuidado Pastoral para Missionários - *John Sherwood e Scott Fisher*

121 O Pecado Sexual e a Batalha Mais Ampla e Profunda - *David Powlison*

PERGUNTAS E RESPOSTAS

131 Como Acontece a Verdadeira Transformação Bíblica no Momento de Crise? - *Heather L. Rice*

Sofrimento: chicote ou cinzel?

Carlos Osvaldo Cardoso Pinto[1]

A viagem corria tranquila. Em poucas horas os passageiros desembarcariam na Cidade Luz para férias, reencontro com famílias, lua de mel ou bons negócios. Em algum lugar do Atlântico, o voo AF 447 terminou ninguém sabe como. O moderno Airbus 330 despencou de onze quilômetros de altitude e ninguém sobreviveu. A angústia e o sofrimento pela perda de 228 vidas se instalaram em ambos os lados do oceano.

Recriminações, questionamentos e uma dor funda e aparentemente sem explicação passaram a ser veiculadas na mídia mundial. Falha humana, falha de equipamento, negligência, acaso cego, tudo foi aventado como explicação. Provavelmente, jamais saberemos o que de fato aconteceu.

Ficarão as cenas da recuperação de corpos e partes do Airbus, e ficará o sofrimento calado às vezes, chorado às vezes, de familiares e amigos daqueles que sofreram morte tão brutal e humanamente inexplicável.

Novas tragédias e passageiras alegrias sepultarão o sofrimento brevemente sentido por todos e somente os que ainda sentem na carne o vazio deixado pelos que partiram o experimentarão.

O sofrimento, tanto o inexplicado quanto aquele que resulta de escolhas erradas feitas pelo indivíduo ou por um grupo, é muitas vezes fonte de intensa amargura e rebeldia contra Deus. Torna-se uma desculpa para que Ele seja ignorado, e que o anúncio de Seu profundo amor pelo homem seja recusado, quer com frieza, quer com intensa revolta.

Pecados e injustiças são justificados com base no sofrimento de males passados. As mais bizarras formas de comportamento são escusadas em nome de traumas e

[1]Carlos Osvaldo Cardoso Pinto é reitor e professor no Seminário Bíblico Palavra da Vida em Atibaia, SP e doutor em Teologia pelo Seminário Teológico de Dallas.

sofrimentos que, ocasionalmente, são mais imaginados que reais. Nossa sociedade se especializou em vitimizar-se, e paga quantias astronômicas para tratar indefinidamente de males cujo diagnóstico é simples e cujo tratamento é bem definido.

Deus, por Sua vez, não é estranho ou insensível ao sofrimento. Ele o experimentou em primeira mão, em cores e ao vivo, na pessoa de Jesus Cristo. Rejeição, violência, preconceito, difamação e eventual morte fazem parte do Seu repertório de sofrimento. Por isso, conforme o livro de Hebreus, Ele é capaz de empatizar conosco e oferecer ajuda real aos que dependem dEle.

Recentemente publicado, o livro *A Cabana* busca explicitar essa solidariedade do Deus Trino com o sofrimento humano. Parece-me que nesse esforço, acaba por transformar a cura do sofrimento no papel central de Deus e no cerne da experiência humana com Ele. Em ambos os aspectos, extrapola a evidência bíblica. Reforça, porém, o fato de que Deus não está isolado em Sua torre de marfim celestial, alheio à nossa dor. Também implica que os que confiam nas Escrituras devem oferecer respostas compassivas e competentes a essa questão fundamental da vida humana.

Este número das Coletâneas de Aconselhamento Bíblico examina sob vários ângulos a questão do sofrimento, suas causas e consequências, apontando para a suficiência de Deus e Sua palavra como o Terapeuta e a terapia fundamentais. Desafia o leitor, e aqueles a quem ele ministra, a encarar o sofrimento como o alto-falante de Deus para nos atrair a Ele, a discernir se funciona como castigo divino ou correção divina.

Boa leitura, e boa prática do aconselhamento bíblico.

Carlos Osvaldo Cardoso Pinto
Editor Interino

❖❖❖❖❖

Depois de servir por muitos anos como editor das *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico*, o Dr. David W. Smith deixou esta função. O Seminário Bíblico Palavra da Vida agradece a ele por sua dedicação a este ministério de nossa escola, bem como por seu papel fundamental na implantação do aconselhamento bíblico no contexto evangélico brasileiro.

O Evangelho Terapêutico

David Powlison[1]

O apelo a um "evangelho terapêutico" conduz o desenrolar do conteúdo de um dos mais famosos capítulos de toda a literatura ocidental. No capítulo "O Grande Inquisidor", de *Os Irmãos Karamazov*, Fiodor Dostoiévski imagina a volta de Jesus à Espanha do século dezesseis. Jesus, porém, não é bem recebido pelas autoridades da Igreja. O cardeal de Sevilha, chefe da Inquisição, leva Jesus preso e o condena à morte. Por quê? A Igreja mudou de rumo. Ela decidiu satisfazer os anseios humanos naturais, em vez de chamar os homens ao arrependimento. Ela decidiu inclinar sua mensagem para as "necessidades sentidas", em vez de inspirar a elevada, santa e árdua libertação pela fé, que opera em amor. O exemplo e a mensagem de Jesus são considerados pesados demais para as almas frágeis. A Igreja decidiu suavizá-los.

O Grande Inquisidor interroga Jesus em Sua cela, fazendo as três perguntas que o Tentador Lhe fez no deserto, séculos antes. Ele critica as respostas de Jesus. A Igreja dará o pão terreno em vez do pão do céu. Ela oferecerá magia e milagres religiosos em vez de fé na Palavra de Deus. Ela exercerá poder e autoridade temporais em vez de servir ao chamado à libertação eterna. "Corrigimos Seu trabalho", diz o Inquisidor a Jesus.

O evangelho do Inquisidor é um evangelho terapêutico. Ele é estruturado para dar às pessoas o que elas querem, e não para mudar aquilo que querem. Ele faz as pessoas sentirem-se melhor e se concentra exclusivamente no bem-estar e na felicidade

[1]Traduzido e adaptado de *The Therapeutic Gospel*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 25, n. 3, Summer 2007. p. 2-6. David Powlison é conselheiro e professor na Christian Counseling and Educational Foundation e editor de *The Journal of Biblical Counseling*. É doutor em História e Ciência da Medicina pela Universidade da Pensilvânia e mestre em Divindade pelo Westminster Theological Seminary.

temporal. Ele despreza a glória de Deus em Cristo. Ele se desvia do caminho estreito e árduo que produz o crescimento profundo do homem e a alegria eterna. O evangelho terapêutico aceita e é conivente com a fraqueza humana na busca de melhorar os sintomas mais óbvios de angústia. Ele presume a natureza humana como fixa, pois ela é tão difícil de mudar. Ele não deseja a vinda do Rei celestial. Ele não procura transformar as pessoas para que amem a Deus, aceitem a verdade de quem é Jesus e conheçam Sua Pessoa e obra.

O evangelho terapêutico atual

As mais óbvias necessidades sentidas dos americanos de classe média do século vinte e um são diferentes das necessidades sentidas que Dostoiévski explorou. Temos por certos o suprimento de alimentos e a estabilidade política. Encontramos nas maravilhas da tecnologia nosso substituto para os milagres. As necessidades sentidas da classe média são menos primordiais. Elas expressam um senso de interesse centrado na própria pessoa, mais voltado à busca do prazer e refinado:

- Quero me sentir amado por aquilo que sou. Quero que as pessoas tenham pena de mim por aquilo que já passei na vida. Quero me sentir intimamente compreendido e ser aceito incondicionalmente.
- Quero experimentar um senso de importância e significado pessoal. Quero ser bem sucedido em minha carreira. Quero saber que sou importante e que causo um impacto em outros.
- Quero ganhar autoestima e mostrar que sou alguém realizado. Quero ser capaz de expressar minhas opiniões e desejos.
- Quero entretenimento. Quero sentir prazer no fluxo interminável de espetáculos que deleitam meus olhos e fazem cócegas em meus ouvidos.
- Quero uma sensação de aventura, excitação, ação e paixão, para sentir as emoções no desenrolar da vida.

A versão moderna e de classe média do evangelho terapêutico é influenciada por essa família específica de desejos. Ela apela às necessidades psicológicas sentidas, e não às necessidades físicas sentidas que normalmente surgem em meio às condições sociais difíceis. As atuais teologia da prosperidade e obsessão por milagres expressam algo mais parecido com a versão antiga do evangelho terapêutico do Grande Inquisidor.

No novo evangelho, os grandes males a serem reparados não conclamam a nenhuma mudança fundamental de direção no coração humano. Pelo contrário, o problema está na sensação de rejeição pelas pessoas, na experiência calcinante de futilidade da vida, na minha sensação inquietante de autocondenação e insegurança, na ameaça iminente de enfado caso a minha música pare de tocar, em minhas reclamações em tom irritado quando tenho que enfrentar um caminho longo e penoso. Essas são as mais importantes necessidades sentidas dos dias de hoje, e o evangelho é vergado para servi-las. Jesus e a Igreja existem para fazer com que você se sinta amado, importante, aprovado, entretido e prestigiado. Esse evangelho melhora os sintomas de aflição e faz com que você se sinta melhor. A lógica do evangelho terapêutico é um "jesus a Meu serviço", que satisfaz os desejos individuais e acalma as dores psíquicas.

Mantida em seu devido lugar, a perspectiva terapêutica não é ruim. Por definição, um olhar médico-terapêutico atento capta problemas de sofrimento e colapso físico. Na intervenção médica literal, a terapia trata uma enfermidade, uma doença, um ferimento ou uma deficiência. Você não chama alguém a se arrepender de um câncer no cólon, uma perna quebrada ou uma deficiência de vitaminas. Você procura curar essa pessoa. Até aqui, tudo bem. No entanto, no evangelho terapêutico de nossos dias, o olhar médico-terapêutico é metaforicamente estendido aos desejos psicológicos. Estes são definidos da mesma forma que um problema médico. Você se sente mal, e a terapia faz com que se sinta melhor. A definição de doença ignora o coração humano pecaminoso. Você não é o agente dos seus problemas mais profundos, mas um mero sofredor e uma vítima das necessidades não atendidas. A oferta de cura omite o Salvador que levou nossos pecados. O arrependimento da incredulidade, obstinação e impiedade não é o assunto em questão. Os pecadores não são chamados para uma virada de 180 graus rumo a uma nova vida, que é a vida de verdade. O novo evangelho massageia o amor-próprio. Não há nada em sua lógica interior que o faça amar a Deus e a qualquer outra pessoa além de você mesmo. O evangelho terapêutico pode mencionar muitas vezes a palavra "Jesus", mas Jesus foi transformado em alguém que está lá para *suprir as suas necessidades*, e não para salvá-lo dos seus pecados. O novo evangelho corrige a obra de Jesus. O evangelho terapêutico deturpa o evangelho.

O evangelho definitivo

O verdadeiro evangelho consiste nas boas novas do Verbo que se fez carne, o Salvador que levou nossos pecados, o Senhor ressurreto: "Aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos" (Ap 1.18). Esse Cristo vira o mundo de cabeça para baixo. Um efeito fundamental da presença e do poder operante do Espírito Santo é a mudança da nossa compreensão das necessidades sentidas. Visto que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria, sentimos ardentemente um conjunto diferente de necessidades quando Deus entra em cena e quando entendemos que estamos continuamente diante de Seu olhar. Meus anseios naturais são substituídos (às vezes rapidamente, outras vezes gradualmente) pela consciência crescente das verdadeiras necessidades das quais dependem nossa sobrevivência:

- Acima de tudo, necessito de misericórdia:
  "Senhor, tem misericórdia de mim."
  "Por causa do Teu nome, Senhor, perdoa a minha iniquidade, que é grande."
- Quero adquirir a sabedoria e abandonar a preocupação obstinada comigo mesmo:
  "Tudo o que podes desejar não é comparável a ela."
- Necessito aprender a amar a Deus e ao próximo:
  "Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia."

- Anseio por ver o nome de Deus honrado, que Seu reino venha e Sua vontade seja feita na terra.
- Quero que a glória, a benignidade e a bondade de Cristo sejam vistas na terra e encham a terra de forma tão evidente como as águas enchem o oceano.
- Necessito que Deus transforme aquilo que sou por natureza, escolha pessoal e prática.
- Quero que Ele me liberte da minha justiça própria obsessiva, que mate meu desejo carnal de vingança, de modo que eu perceba minha necessidade da misericórdia de Cristo e aprenda a tratar as pessoas amavelmente.
- Necessito da ajuda poderosa e pessoal de Deus para querer e fazer aquilo que dura para a vida eterna, em vez de dissipar minha vida com ilusões.
- Quero aprender a suportar as dificuldades e o sofrimento com esperança, cultivando uma fé em Deus mais singela, profunda e pura.
- Necessito aprender a ouvir, adorar, alegrar-me, confiar, dar graças, clamar, buscar refúgio, obedecer, servir, ter esperança.
- Anseio pela ressurreição para a vida eterna:
  "Gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo."
- Necessito do próprio Deus:
  "Mostra-me Tua glória."
  "Maranata. Vem, Senhor Jesus."

Permita que isso aconteça, Pai das misericórdias. Permita que isso aconteça, Redentor de tudo quanto está escuro e arruinado.

A oração é uma expressão de desejo, uma expressão da sua noção sentida de necessidade. Senhor, tenha misericórdia de nós. O cântico é uma expressão de alegria e gratidão diante do desejo satisfeito, uma expressão da sua noção sentida de quem Deus é e de tudo quanto Ele dá. Maravilhosa graça, que doce som. Mas não há orações nem cânticos na Bíblia que foram influenciados pelas atuais necessidades terapêuticas sentidas. Imagine: "Pai nosso que estás no céu, ajuda-me a sentir que sou aceito do jeito que sou. Protege-me neste dia de ter que fazer qualquer coisa que eu ache tediosa. Aleluia, eu sou indispensável, e o que estou fazendo causa impacto em outras pessoas, de forma que eu posso me sentir bem com relação à minha vida". Pai, tenha misericórdia de nós! Em vez desse tipo de oração, temos em nossas Bíblias milhares de clamores necessitados e brados de alegria que nos orientam para as nossas verdadeiras necessidades e para o nosso verdadeiro Salvador.

Dádivas boas, deuses maus

Quando corretamente entendidas e cuidadosamente interpretadas, as necessidades sentidas produzem boas dádivas. No entanto, podem produzir também deuses insatisfatórios. Dê o primeiro lugar àquilo que é primordial. Busque primeiro o reino do Pai e Sua justiça, e todas as outras boas dádivas serão acrescentadas. Isso é fácil de notar no caso das três dádivas específicas oferecidas pelo evangelho terapêutico do Grande Inquisidor.

É algo bom ter uma fonte estável de alimento, "pão para amanhã" (Mt 6.11, literalmente). Todas as pessoas de todos os lugares buscam alimento, água e roupas (Mt

6.32). O Pai conhece nossas necessidades. Busque, porém, o Seu reino em primeiro lugar. Você não vive só de pão, mas de cada palavra da Sua boca. Se você adorar as necessidades físicas, você apenas viverá para morrer. Mas se você adorar a Deus, o doador de toda boa dádiva, você será grato por aquilo que Ele dá, terá esperança mesmo quando passar necessidade de algo, e certamente se deleitará no banquete sem fim da eternidade.

Um sentimento de admiração e mistério também é muito bom. No entanto, a mesma advertência e a mesma estrutura aplicam-se aqui. Deus não é nenhum mágico de Oz, que proporciona experiências de admiração como um fim em si. Jesus recusou-Se a fazer de Si mesmo um espetáculo no meio das multidões no templo. Sua fidelidade diária a Deus é a maravilha insondável. Dê o primeiro lugar àquilo que é primordial. Você poderá apreciar a glória de pequenas e grandes formas. No final, você verá todas as coisas como maravilhas, tanto aquilo que é (Ap 4) como aquilo que já aconteceu (Ap 5). Você conhecerá o Deus incompreensível, o Criador e Redentor cujo nome é Maravilhoso.

De forma semelhante, a ordem política é uma boa dádiva. Devemos orar que as autoridades governem bem e vivamos vidas pacíficas (1Tm 2.2). Mas se você *viver em função de* conseguir uma sociedade justa, você sempre ficará frustrado. Novamente, busque em primeiro lugar o reino de Deus. Então você trabalhará pacientemente por uma ordem social justa, desfrutará dessa ordem na medida em que ela pode ser atingida e terá motivos para suportar a injustiça. No final, você conhecerá uma alegria indizível, no dia em que todas as pessoas se curvarem diante do verdadeiro Rei.

Naturalmente, Deus dá boas dádivas. Ele também dá a melhor dádiva, a inefável Dádiva das dádivas. O Grande Inquisidor queimou Jesus na fogueira a fim de acabar com a Dádiva e o Doador. Ele escolheu dar coisas boas ao povo, mas descartou as principais.

As dádivas do evangelho terapêutico atual são um pouco mais complicadas de interpretar. Um indício de interesse próprio e de obsessão consigo mesmo está intimamente ligado à lista de "Eu quero _____". No entanto, quando cuidadosamente recompostas e reinterpretadas, elas também apontam na direção de uma boa dádiva. O pacote todo das necessidades sentidas está estruturalmente falho, mas os pedaços podem ser apropriadamente compreendidos. Qualquer "outro evangelho" (Gl 1.6) torna-se plausível ao oferecer a realidade em pecinhas de montar, encaixadas em uma estrutura que contradiz a verdade revelada. A tentação de Satanás para Adão e Eva só foi plausível porque incorporou muitos elementos da realidade, apontando continuamente na direção da verdade, mesmo ao conduzir firmemente para longe da verdade: "Veja, é uma árvore bela e desejável. E Deus disse que prová-la revelará o bem e o mal, com a possibilidade de surgir vida – e não morte – a partir da sua escolha. Assim como Deus é sábio, também vocês, ao decidirem, poderão se tornar semelhantes a Ele em sabedoria. Venham e comam". Tão perto, e ainda assim tão longe. Quase a verdade, mas o extremo oposto da verdade.

Considere os cinco elementos que identificamos no evangelho terapêutico.

Necessidade de amor? Certamente é algo bom saber que se é conhecido e amado. Deus, que sonda os pensamentos e intenções do nosso coração, também nos

fez objeto do Seu amor leal. Isso, porém, é radicalmente diferente do anseio natural por ser aceito por aquilo que eu sou. O amor de Cristo se manifesta intencional e pessoalmente a despeito de quem eu sou. Você é aceito por quem Cristo é, por causa do que Ele fez, faz e fará. Deus realmente o aceita, e se Deus é por você, quem será contra você? Ao aceitá-lO, porém, Ele não confirma e endossa o seu jeito de ser. Antes, Ele passa a transformar você em um tipo de pessoa fundamentalmente diferente. No verdadeiro evangelho, você se sente profundamente conhecido e amado, mas sua implacável "necessidade de amor" é destruída.

Necessidade de significado? Certamente é algo bom que as obras de suas mãos durem para sempre: ouro, prata, pedras preciosas, e não madeira, feno e palha. É bom quando o que você faz na vida realmente tem valor e quando suas obras o seguem pela eternidade. A vaidade, a futilidade e a insignificância são um registro da maldição sobre todo o nosso trabalho – mesmo no meio do curso da vida, e não somente quando nos aposentamos, quando morremos ou no Dia do Juízo. O verdadeiro evangelho, porém, inverte a ordem daquilo que é pressuposto pelo evangelho terapêutico. O anseio por impacto e significado – um dos típicos "desejos ardentes da juventude" que fervem dentro de nós – é meramente idólatra quando age como o Diretor de Operações do coração humano. Deus não satisfaz a necessidade de significado que você sente; Ele satisfaz a necessidade de misericórdia e de libertação da obsessão com significado pessoal. Quando você se arrepende da sua escravidão aos anseios idólatras e se volta para Deus, as obras das suas mãos começam a ter valor. O evangelho de Jesus e o fruto da fé não foram feitos sob medida para "satisfazer necessidades sentidas". Eles o libertam da tirania das necessidades sentidas e o transformam para temer a Deus e guardar os Seus mandamentos (Ec 12.13). Na ironia divina da graça, é somente isso que dá valor eterno ao que você faz com sua vida.

Necessidade de autoestima, autoconfiança e autoafirmação? Ganhar um senso confiante de identidade é algo muito bom. A carta aos Efésios está repleta de "afirmações de identidade", pois por meio delas o Espírito motiva-nos a uma vida de fé e amor destemidos. Você pertence a Deus – entre os santos, escolhidos, filhos por adoção, filhos amados, cidadãos, escravos, soldados; você é parte da criação de Deus, parte da Igreja e habitação do Espírito – tudo isso *em Cristo*. Nenhum aspecto da sua identidade tem por referência você mesmo e a alimentação da sua "autoestima". O que você pensa acerca de si mesmo é muito menos importante do que aquilo que Deus pensa, e uma autoavaliação precisa é derivada da avaliação que procede de Deus. A verdadeira identidade tem Deus por referencial. A verdadeira consciência de si mesmo está ligada a uma alta estima por Cristo. Uma grande confiança em Cristo está relacionada a um voto de uma *negação fundamental da confiança em si mesmo*. Em nenhum lugar Deus troca a insegurança pessoal e o desejo de agradar as pessoas pela autoafirmação. Na verdade, afirmar suas opiniões e desejos naturais faz de você um tolo. Somente ao se libertar da tirania das suas opiniões e desejos é que você se libertará para avaliá-los com exatidão e expressá-los apropriadamente.

Necessidade de prazer? De fato, o verdadeiro evangelho promete uma experiência de prazer infinita, bebendo do rio dos deleites (Sl 36). Essas palavras descrevem a presença de Deus. No entanto, como já vimos em cada caso, a chave para o acesso a essas dádivas é a transformação dos nossos anseios naturais, e não a satisfação direta deles. O caminho da alegria é o caminho do sofrimento, da paciência, da obediência nas coisas pequenas, da disposição de se identificar com a miséria humana, da disposição de aniquilar seus desejos e instintos mais persuasivos. Eu não necessito de entretenimento. No entanto, necessito aprender a adorar a Deus de todo o coração.

Necessidade de emoção e aventura? Participar do reino de Deus é desempenhar um papel na Maior Historia de Ação e Aventura Já Contada. No entanto, o paradoxo da redenção vira mais uma vez o mundo todo de cabeça para baixo. A verdadeira aventura segue o caminho da fraqueza, do esforço, da perseverança, da paciência e da bondade nas pequenas coisas. A estrada para a excelência na sabedoria não é glamourosa. As outras pessoas podem tirar férias melhores e ter casamentos mais emocionantes do que o seu. O caminho de Jesus inspira mais resolução que emoção. Ele necessitou muito mais de perseverança do que de excitação. Seu reino pode não suprir os nossos anseios por bravura e emoções, mas "somente os filhos de Sião conhecem as sólidas alegrias e os tesouros duradouros".[2] Nós dizemos "sim" e "amém" para todas as boas dádivas. No entanto, dê o primeiro lugar àquilo que é primordial. Em suas muitas formas, o evangelho terapêutico atual aceita nossas exigências sem contestá-las. Ele só pensa nas dádivas. Ele cancela a adoração ao Doador, cuja maior dádiva concedida a nós é misericórdia para com aqueles cujos desejos estavam transtornados pela natureza, aculturação, escolhas e hábitos. Ele nos chama a um arrependimento radical. Bob Dylan descreveu a alternativa terapêutica em uma frase notável: "Você acha que ele é um simples garoto de recados a satisfazer seus desejos inconstantes" (da música *When You Gonna Wake Up? – Quando Você Vai Acordar?*). As coisas secundárias devem ser colocadas a serviço dAquele que é o Número Um.

Dê o primeiro lugar àquilo que é primordial. Abrace o evangelho da encarnação, crucificação, ressurreição e glória. Viva o evangelho do arrependimento, da fé e transformação na imagem do Filho. Proclame o evangelho do dia vindouro quando a vida e a morte eterna serão reveladas – o Dia de Cristo.

Qual Evangelho?

Qual evangelho você viverá? Qual evangelho você pregará? Quais necessidades você despertará e atenderá nas pessoas? Qual Cristo será o Cristo do seu povo? Será um cristo em letras minúsculas que acalenta as necessidades sentidas? Ou o Cristo que vira o mundo de cabeça para baixo e faz todas as coisas novas?

O Grande Inquisidor foi muito compassivo para com as necessidades sentidas do homem – muito indulgente com as coisas que todos, em todos os lugares, buscam de todo o coração. Ele se deixou impressionar pela dificuldade de transformação do ser humano. No final, porém, ele se revelou um monstro. Há um ditado em nossa igreja, no ministério de assistência aos carentes, que diz mais ou me-

[2]NdT. trecho do hino *Glorious Things of Thee Are Spoken*, de John Newton (1725-1807).

nos o seguinte: "Não buscar atender as necessidades físicas das pessoas é não ter coração. No entanto, não oferecer às pessoas o Cristo crucificado, ressurreto, e que voltará, é não ter esperança". Jesus deu pão aos famintos e ofereceu seu corpo partido como o pão da vida eterna. No final das contas, é crueldade deixar as pessoas em seus pecados, cativas dos seus desejos naturais, desesperadas e sob maldição. A princípio, o evangelho terapêutico atual parece ser compassivo. Ele é muito sensível aos pontos de pressão da dor e da desilusão. No final, porém, é cruel e desprovido de Cristo. Ele não alimenta o verdadeiro autoconhecimento. Não re-escreve o roteiro do mundo. Não gera louvores nem cânticos.

Não devemos diminuir nossa sensibilidade, mas aumentar nosso discernimento. Jesus Cristo vira a necessidade humana de cabeça para baixo, gerando a verdadeira oração. Ele é a inexprimível Dádiva das dádivas, que gera cânticos. Ele concede todas as dádivas boas, agora e para sempre. Que todo joelho se dobre e que tudo o que tem fôlego louve ao Senhor.

Sofrimento e o Salmo 119

"Não fosse a Tua lei ter sido o meu prazer, há muito já teria eu perecido na minha angústia."

David Powlison[1]

Quais são suas primeiras associações de ideias ao ouvir as palavras "Salmo 119"?

_____

_____

_____

Considere o que lhe vem à mente ao pensar por meio minuto nesse trecho das Escrituras. Desconfio que o seu coração não lhe trouxe à mente de imediato uma lembrança radiante nem um entusiasmo intenso do tipo: "Sinceridade, esta é a palavra! O Salmo 119 é o lugar aonde vou para aprender de forma completa uma sinceridade completamente adequada. É lá que eu aprendo a expor diante da pessoa em quem mais confio aquilo que realmente importa em meu coração. Declaro abertamente aquilo que amo com maior intensidade. Sou franco com relação aos meus conflitos mais profundos e constantes. Expresso um prazer que é genuíno. Coloco na mesa os sofrimentos e as incertezas que enfrento. Clamo necessitado, e dou brados de alegria. Falo o que quero, e quero o que falo. Lá eu aprendo a ser direto - sem qualquer mácula de justiça própria. Aprendo a ser fraco - sem qualquer mácula de autocomiseração. Tomo conhecimento de como a verdadeira sinceridade expressa-se para com Deus: viva, pessoal e direta. Ela nunca é uma fórmula repetitiva, abstrata ou vaga. Aprendo em primeira mão como a Verdade e a sinceridade encontram-se e conversam. A Verdade nunca é desnaturada, nunca é rígida, nunca desumana. E a sinceridade nunca lamuria, nunca se vangloria, nunca se enfurece, nunca fica na defensiva. Saio dessa conversa fortalecido. Descubro e vivo a esperança mais límpida e doce que se possa imaginar. Em relacionamento sincero com Aquele que fez a humanidade à Sua imagem, aprendo a expressar plenamente o que significa ser humano".

[1]Tradução e adaptação de *Suffering and Psalm 119: "I would have perish in my affliction if Your words had not been my delight"*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 22, n. 4, Fall 2004, p.2-15.

Uma sabedoria autêntica. A Verdade abraçou tudo o que você pensa, sente, faz, vive e necessita, transformando a sua maneira de processar a vida. E você abraçou a Verdade. Considere que agora você pode dizer o que quer que esteja em sua mente, dizer o que realmente sente, pois o egocentrismo insano foi removido daquilo que você pensa sinceramente e sente. Essa sinceridade é aquilo que o Salmo 119 expressa e o que ele pretende operar em você. O Salmo 119 fala sobre as realidades dolorosas da vida e sobre as dádivas de Deus, e mostra como elas se encontram, conversam, travam um diálogo e acabam por revelar o mais alto deleite da vida.

Outras associações, porém, tendem a obscurecer nossa visão, ensurdecer nossos ouvidos e sufocar nossa fala. A reação imediata da maioria das pessoas ao Salmo 119 é esta: *É um salmo longo*. Muito longo. Se você estiver lendo o livro de Salmos, ou a Bíblia toda em um ano, você respirará fundo e colocará um calçado confortável antes de continuar a caminhada árdua, antes de andar mais rápido ou correr pelo Salmo 119. De longe, é o capítulo mais longo da Bíblia. Seu tamanho equivale ao do livro inteiro de Rute, de Tiago ou Filipenses. Ler o Salmo 119 poderia ser comparado com olhar o cenário durante uma viagem em uma rodovia interestadual: você vê de relance muitas coisas, mas no final só lhe resta a lembrança do longo percurso.

Eis uma segunda reação frequente: *É um salmo repetitivo e superficial*. Os versículos tendem a perder o brilho. Eles parecem repetir sempre a mesma coisa, de forma levemente diferente, com poucos detalhes. Em contraste, Rute conta uma história comovente. Tiago brilha em aplicações práticas e metáforas. Filipenses associa maravilhas sobre Jesus Cristo a detalhes da experiência de Paulo, e depois faz implicações diretas de ambos para a nossa vida. De uma forma ou de outra, os argumentos se sucedem à medida que a lista dos livros prossegue. No entanto, o Salmo 119 parece girar em círculos e murmurar generalidades.

Encontramos ainda outra reação comum: *As partes parecem desconectadas*. É possível lembrar diferentes aspectos quando eles se unificam ao redor de uma linha mestra ou de alguma outra progressão lógica. A surpreendente lealdade de Rute ao Senhor a conecta a uma sogra, a uma aldeia, a um novo marido, a seu bisneto, ao Salvador do mundo. No entanto, o Salmo 119 parece um ajuntamento aleatório de partículas sem ligação entre si.

Aqui, porém, temos um fato bíblico a considerar: *O Salmo 119 não é aleatório; ele é um acróstico* solidamente estruturado. Vinte e duas partes, de oito linhas cada, sendo que cada linha começa com a mesma letra, seguindo a ordem do alfabeto hebraico: *alef, beit, gimel... tav*. Não resta dúvida de que esse A a Z ajudou os falantes nativos do hebraico na tarefa de memorização. Esse fato, no entano, tem pouca relevância para nós que falamos a língua portuguesa. A ordem alfabética perde-se na tradução. Ela não causa nenhuma impressão duradoura e não nos faz nenhum bem visível. Aquilo que dá ordem e estrutura a esse salmo é para nós pouco mais que uma curiosidade.

A associação seguinte está provavelmente na lista de qualquer pessoa: *O Salmo 119 fala sobre a Palavra de Deus.* Isso chega mais perto de algo que podemos levar para casa e praticar. No Salmo 119, as

Escrituras falam das Escrituras. Ele tem servido como um texto clássico sobre a importância da fidelidade à Bíblia, do conhecimento, da leitura, do estudo e memorização da Bíblia. Essa enorme porção das Escrituras cita em quase cada versículo, de alguma forma, a importância da Palavra de Deus.

Em seguida, há uma reação negativa comum ao Salmo 119: *Muitas pessoas sentem-se um tanto quanto desconfortáveis ou sobrecarregadas ao se aproximarem desse salmo*. A ênfase aparentemente implacável na leitura e memorização das Escrituras pode parecer moralista, como as exortações pregadas no final de um sermão que deixou a desejar. O seu relacionamento com Deus parece girar em torno de um desempenho zeloso na devocional diária; no entanto, de alguma forma, você está sempre muito ocupado ou distraído para conseguir fazê-la direito. Diferentemente das promessas ardentes e profundas dos salmos favoritos de muitos de nós – os salmos 23, 103, 121 e 139, por exemplo – esse salmo pode parecer biblicista. Ele tem a reputação de colocar a devoção à Bíblia no lugar da devoção ao Deus que Se revela por escrito. Logicamente, essa acusação é falsa, mas reflete com precisão como o Salmo 119 é frequentemente lido, ensinado e usado de forma errada.

Finalmente, temos uma associação mais positiva e produtiva: *Talvez você pense imediatamente em um ou dois versículos queridos*. O salmo como um todo pode parecer como uma grande multidão de rostos sem nome. No entanto, alguns velhos amigos aparecem e se sentam ao seu lado: rostos familiares, pessoas que você pode chamar somente pelo primeiro nome e com quem já conviveu algum tempo, a quem você pode falar diretamente, sem precisar passar pelas preliminares. Talvez o verso 11 esteja em sua lista de versículos memoráveis: "Guardo no coração as Tuas palavras, para não pecar contra Ti". Ou talvez o versículo 18 apareça regularmente em suas orações: "Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da Tua lei". Talvez ainda o versículo 67 tenha se tornado seu resumo do benefício substancial que surgiu do período mais difícil de sua vida até aqui: "Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a Tua palavra". Ou pode ser que o versículo 105 seja uma canção no seu coração e nos seus lábios: "Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra, e luz para os meus caminhos". Se continuarmos a destacar outros versículos, talvez comecemos a entender a direção em que o salmo todo pretende nos levar.

Cada uma dessas associações é plausível. A maior parte delas, porém, não conduz em direção àquele diálogo plenamente franco descrito no segundo parágrafo deste artigo. O Salmo 119 conduz nessa direção. Vejamos como ele chega ao destino, de modo que possamos segui-lo.

Meu primeiro pedido foi que você fizesse associações de ideias. Agora quero propor um teste de última hora. A pergunta é: Quais palavras são repetidas mais frequentemente no Salmo 119?

_____

_____

_____

Um grupo específico de palavras intimamente relacionadas entre si aparece em quase cada versículo. Quantas delas você consegue lembrar sem pensar muito?

Reconheço que essa pergunta é um tanto quanto traiçoeira. A resposta que

normalmente vem à mente segue mais ou menos esta direção: "O Salmo 119 é sobre a Palavra de Deus. Quase cada versículo contém uma das palavras que descrevem o que está escrito na Bíblia: palavra, lei, mandamento, preceito, testemunho, estatuto, juízo".

A resposta chegou perto - meio ponto. De fato, porém, a importância das palavras que descrevem as Escrituras está em segundo plano. Destacando-se por grande diferença, as palavras mais comuns são pronomes da primeira e da segunda pessoa do singular: eu, mim, meu (minha), e tu, teu, tua.[2] O Salmo 119 é o diálogo "de mim a ti" mais extenso da Bíblia. Somente os três primeiros versículos falam *sobre* as pessoas em geral, *sobre* Deus e *sobre* a Palavra, fazendo proposições e afirmando princípios na terceira pessoa: "Bem-aventurados *os que guardam* as *Suas* prescrições e *O* buscam de todo o coração". O quarto versículo começa a personalizar o texto: nós prestamos contas a *Ti.* Um bom começo. Dali em diante, pelos 172 versículos seguintes, *eu, Teu servo, falo a Ti, SENHOR, Aquele que fala e age, a quem eu amo e de quem preciso.*[3]

Em outras palavras, o Salmo 119 é uma oração pessoal. Ele se dirige a alguém, em lugar de ensinar sobre algo. Ouvimos o que um homem diz em voz alta na presença de Deus: seu alegre prazer, sua franca necessidade, sua livre adoração, seus pedidos diretos, afirmações sinceras, conflitos profundos e intenções tremendamente boas. Sim, aqueles vários termos que designam a Palavra aparecem uma vez em cada versículo. No entanto, as palavras do tipo "de mim a ti" aparecem cerca de quatro vezes por versículo: eu falo a Ti o que as Tuas palavras significam na minha vida. Essa é a proporção 4x1, e a ênfase.

Então, se alguém perguntar sobre o que trata o Salmo 119, você só receberá metade da nota se responder que ele é sobre a Bíblia - uma meditação sobre a importância da Palavra de Deus na sua vida. Esse salmo, na verdade, não é sobre o *assunto* de colocar as Escrituras na sua vida. E certamente não é uma meditação, uma contemplação mental de um assunto. Pelo contrário, ouvimos secretamente as *palavras sinceras* que saem com ímpeto quando o que Deus diz penetra no coração. Ouvimos alguém falando ao Deus que fala, alguém que precisa do Deus que fala, alguém que ama o Deus que fala. Não se trata de expressar um pensamento sobre um assunto; é partir para a ação. Não é uma exortação ao estudo da Bíblia; é um grito de fé. Isso não é ser minucioso demais. Esse entendimento faz toda diferença na maneira com que você lê, aplica, prega e ensina o Salmo 119. Um assunto é algo abstrato. Ele passa informação para o intelecto a fim de influenciar a vontade. Um assunto pode ser interessante e informativo. Pode até ser persuasivo. No entanto, as palavras sinceras e fluentes que você ouve secretamente no Salmo 119 fluem de um homem que já foi persuadido. Ele simplesmente fala, unindo seu intelecto, vontade, emoções, circunstâncias, desejos, medos, necessidades, lembranças e expectativas. Ele está muito ciente de como ele realmente é. Ele está muito ciente do que

[2]Acrescente a esses os substantivos que se referem à minha identidade ("servo") e ao nome de Deus ("SENHOR").

[3]O versículo 115, um pequeno aparte, é a única quebra desse padrão.

lhe acontece. Ele está muito ciente do Senhor e da relevância daquilo que o Senhor vê, diz e faz. Essa consciência torna-o muito direto e pessoal. O coração vivo de um homem desperta em petições e afirmações fervorosas. Ele não nos convence por meio de um argumento, mas por uma fé franca e contagiante.

O Salmo 119 é amplo, e não tópico. É variado, e não repetitivo. É pessoal, e não proposicional: "Senhor, Tu falaste. Tu agiste. Eu preciso de Ti. Transforma-me naquilo que disseste que devo ser. Faças o que disseste que farás. Eu Te amo". Sim, a forma do Salmo 119 é regular. Qual a razão para a firme disciplina de *alef* a *tav*, para as regularidades aritméticas que modelam o vocabulário e a invariável referência às Escrituras? Estes recursos fornecem o crisol de ferro fundido que contém, purifica, canaliza e entorna o ouro derretido e puro. O Salmo 119 é o grito cuidadoso que surge quando a vida real encontra o Deus real.

Não é somente uma questão de candura exposta. Isso é importante notar. A sinceridade nua e crua *sempre* é tingida pela insanidade do pecado. Há lugar para você "entrar em contato com seus sentimentos e dizer o que pensa realmente"? Naturalmente, isso sempre se mostrará revelador. E você, de fato, precisa encarar a si mesmo e o seu mundo, admitindo o que acontece. Os opostos da sinceridade penetrante são outras loucuras: indiferença, circunspeção, estoicismo, melindre, ignorância, autoengano ou negação. De que forma, porém, você interpretará o que sente? Será verdadeiro o que você pensa realmente? Em que direção você vai com essa informação? Para onde ela conduz? A sinceridade nua e crua sempre cheira mal: ela é ímpia, teimosa, opinativa, egocêntrica. E, diga-se a verdade, a sinceridade pessoal nunca encarará de fato a realidade se ao mesmo tempo não encarar a Deus. Você pode ser franco e estar francamente errado: "O insensato não tem prazer no entendimento, senão em externar o seu interior" (Pv 18.2). O Salmo 119, porém, é diferente. Ele demonstra a redenção da sinceridade. Quando você encara ao mesmo tempo a si mesmo, suas circunstâncias e o Deus que fala, então até mesmo a sinceridade mais dolorosa e penetrante assume a fragrância e a sanidade de Jesus.

A leitura, o estudo e a memorização da Bíblia são as *implicações* legítimas do Salmo 119, tendo por alvo o resultado desejado das Escrituras. No entanto, essa passagem tem um objetivo muito maior. Seu alvo é reestabelecer a lógica interna e a intencionalidade como guias para seu coração. Esse resultado profundo não é uma consequência fixa e automática do fato de ganhar intimidade com a Bíblia. Nós temos a tendência de ouvir mal o que Deus diz, aplicar mal à nossa vida e confundir os meios com os fins. Sim, leia sua Bíblia. Estude-a bastante. Memorize-a. Quando realizadas de forma correta, essas práticas são lucrativas. Esse salmo, porém, não faz uma exortação à leitura, ao estudo e à memorização da Bíblia; ele demonstra o alvo radical de Deus.

O que presenciamos no Salmo 119 é uma pessoa *que ouviu* e agora abre o coração à Pessoa que falou. Uma pessoa que ouviu *abre o coração* à Pessoa que falou. Uma pessoa que ouviu abre o coração *à Pessoa que falou*. Veja o que essa pessoa diz:

- ela declara confiantemente quem o Senhor é – ela prestou bastante atenção ao que Deus diz sobre Si mesmo;
- ela coloca em cima da mesa aquilo que está enfrentando, suas lutas internas e externas – a experiência sincera é o que se tem em vista, transformada pelo que Deus diz a respeito de nós e do que nos sobrevém;
- ela clama pela ajuda de Deus nos conflitos básicos da vida – em terrível necessidade, busca socorro imediato em Deus porque Ele promete agir;
- ela faz declarações com a mais profunda convicção, e afirma sua identidade, sua esperança e seu deleite – ela assumiu o ponto de vista e as intenções de Deus como suas.

O Salmo 119 fala diretamente "de mim a ti". Quatro componentes desse diálogo constituem os cordões entrelaçados que formam a lógica interna desse salmo.

Cordão 1: "Tu és..., Tu dizes..., Tu fazes..."

O locutor descreve continuamente a Deus com "atrevimento": como Tu és, o que dizes e fazes, quem Tu és. Muitos outros salmos – por exemplo, o 23 e o 121 – destacam e desenvolvem um tema memorável: em um mundo fervilhando de perigos, o Senhor provê coisas boas para mim (23) e vigia cuidadosamente para me proteger (121). O Salmo 119, porém, espalha verdades de forma indistinta.

Imagine o Salmo 119 como uma recepção de casamento repleta de convidados, num amplo salão de festas onde há várias portas que levam a outras salas. As pessoas, das quais você não conhece a maioria, estão sentadas em mesas de oito lugares. A disposição das cadeiras é estranha. A avó da noiva está sentada ao lado do colega de dormitório do noivo na faculdade, simplesmente porque seus nomes começam pela letra S! E como você vai conseguir conhecer todos esses rostos, nomes e histórias individuais? Eles são praticamente uma confusão só. Dê, porém, uma volta para explorar a sala e pare em cada mesa. Faça perguntas, ouça e se informe.

Você descobrirá que a fé fala verdades incisivas. Uma rica confissão de fé pode ser encontrada espalhada pelo Salmo 119. Sua forma é surpreendente. Ela não está expressa como o credo que você professa: "Creio em Deus Pai. Creio em Jesus Cristo. Creio no Espírito Santo". É a fé que se ouve no ato pessoal de confissão: "Tu és meu Pai. Tu és meu Salvador/Tu és o Doador da minha vida".

O Senhor preparou as condições da minha existência.

- Firmaste a terra, e ela permanece.
- Todas as coisas Te servem.
- A terra está cheia da Tua bondade.
- A Tua fidelidade estende-se de geração em geração.
- As Tuas mãos me fizeram e me afeiçoaram.
- Sou Teu servo.
- Sou Teu.
- Todos os meus caminhos estão diante de Ti.
- Tu estás perto.

O Senhor fala maravilhas.

- Tua lei é verdade.
- Teus testemunhos são maravilhosos.
- Tua palavra é absolutamente pura.
- Tua palavra está para sempre firmada nos céus.

- A revelação das Tuas palavras dá luz.
- Tua palavra é lâmpada para meus pés e luz para meus caminhos.

O Senhor destrói o mal.

- Tu repreendes o arrogante.
- Tu rejeitas todos os que se desviam dos Teus estatutos.
- Tu executarás juízo sobre aqueles que me perseguem.
- Tu removeste o ímpio da terra como entulho.

Contudo, o Senhor é misericordioso para comigo.

- Tu és bom, e fazes o que é bom.
- Em fidelidade Tu me afligiste.
- Grandes são Tuas misericórdias.
- Tu me consolas.
- Tu és meu refúgio e proteção.
- Tu me respondeste.
- Tu trataste bem o Teu servo.
- Tu me renovaste.
- Tu me farás andar em largueza.
- Tu mesmo me ensinaste.

Como o salmista aprendeu a ser tão sincero com Deus? Onde ele aprendeu essas coisas? Ele ouviu o que Deus disse no restante da Bíblia, e colocou em prática. O Senhor diz quem Ele é, e Ele é fielmente quem diz ser. A fé escuta e percebe. A fé sabe por experiência que aquilo que Deus diz é verdadeiro, e responde em frases simples.

Por tendência, somos pessoas ocupadas, agitadas e fáceis de distrair. Vivemos em um mundo ocupado, agitado e que nos distrai facilmente. Em meio a isso, esse salmo nos ensina a dizer: "Se quero cumprir minha parte no diálogo com Deus, preciso de tempo para ouvir e pensar". Numa cultura de acesso instantâneo à informação, esse salmo recompensa o vagaroso. Se você fizer uma leitura dinâmica, tudo o que conseguirá reter é: "O Salmo 119 é sobre a Bíblia". No entanto, se você for com calma e praticar o que lê, você se pegará dizendo coisas como: "Tu és bom, e fazes o que é bom" ou "Eu sou Teu". Aprender a dizer isso em voz alta e de coração transformará para sempre a sua vida. O Salmo 119 não é informação sobre a Bíblia; é terapia de fala para o mudo.

Aqui está outra implicação. Nossa cultura de autoajuda está preocupada com o "autopapo" – o seu monólogo interior. Aquilo que você diz a si mesmo o anima ou derruba? Você é conscientemente autoafirmativo ou obsessivamente autocrítico? Você diz: "Eu sou uma pessoa de valor e sei me virar sozinho" ou diz "Eu sou tão estúpido, e sempre fracasso"? Sistemas inteiros de aconselhamento são criados em torno da análise e da reconstrução da sua conversa consigo mesmo para que você seja mais feliz e produtivo. O Salmo 119, porém, quer arrancá-lo totalmente do monólogo. Ele o envolve num diálogo vivo com a Pessoa cuja opinião realmente importa no final das contas. O problema do autopapo, seja ele "negativo" ou "afirmativo", "irracional" ou "racional", é que não estamos falando com ninguém além de nós mesmos. Em nosso fluxo de palavras, não estamos cientes dAquele a quem havemos de prestar contas. O diálogo acontece, mas não tomamos ciência dAquele que é capaz de derrubar nosso fascínio com nós mesmos.

A Bíblia faz afirmações radicais sobre o fluxo de consciência que flui naturalmente de nós e por meio de nós: "a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração" (Gn 6.5); "que não há Deus

são todas as suas cogitações" (Sl 10.4).[4] Isso não diz respeito somente aos estilos de vida desprezíveis e sórdidos, mas também àqueles caminhos diários que a mente opera sem considerar o verdadeiro Deus. O nosso estado mental mais natural é um ateísmo funcional. As pessoas agem sem nenhuma atenção consciente ao fato de que a opinião do Senhor tem importância decisiva, sem nenhuma noção da nossa necessidade de misericórdia, sem qualquer impulso de clamar a Ele, sem um amor por Ele que domine o coração, a alma, a mente e a força. Nosso autopapo é normalmente semelhante ao daquelas pessoas que conversam consigo mesmas no metrô. Para elas, seu mundo é bem real, mas está desconectado de todos ao redor. Nós agimos em sonambulismo, falando enquanto dormimos. Os sonhos podem ser agradáveis. Podem ser pesadelos. De qualquer forma, não passam de sonhos. A fé sonante do Salmo 119 é o que acontece quando você acorda. Não é super-religiosidade. É humanidade sadia. O fluxo de percepção falsa torna-se em fluxo de atenção consciente, de amor, confiança e necessidade. Nós ouvimos a sanidade pensando alto, e compreendemos que ela fala com alguém. Naturalmente, a sanidade faz afirmações claras à pessoa cuja atitude e ações se mostram resolutas.

Já comparei o Salmo 119 a uma recepção de casamento cheia de convidados que vale a pena conhecer. Agora, identifique também as portas que levam a outras salas. O Salmo 119 não se fecha em si mesmo. Ele irrompe intencionalmente em direção ao restante das Escrituras. *Como* esse homem aprendeu a dizer de todo o coração "Tu és bom, e fazes o que é bom"? *Onde* ele aprendeu "Eu sou Teu"? Ele aprendeu em outros lugares. O Salmo 119 leva você para fora dele mesmo, rumo ao restante da revelação de Deus e à totalidade da vida. As oito palavras usadas para resumir a ideia de palavra de Deus, cada uma usada cerca de vinte e duas vezes, funcionam como indicadores.

Duas das oito palavras significam simplesmente *palavra*, ou seja, tudo quanto Deus fala. Suas palavras são tudo o que Ele diz e deixa registrado, tudo o que ouvimos e lemos da parte dEle. Se você compreender isso, nunca mais tratará o Salmo 119 de modo moralista. Qual o conteúdo dos diferentes tipos de expressão de Deus? Ouvimos histórias, ordens, promessas, uma inteira cosmovisão que interpreta tudo o que existe e acontece. Testemunhamos quem é Deus, como Ele é, o que Ele faz. Ele promete misericórdias. Ele alerta sobre as consequências dos nossos atos. Ele nos diz quem somos; por que fazemos o que fazemos; o que está em jogo em nossa vida; o propósito para o qual Ele nos criou. Ele identifica o que está errado conosco, com muitas ilustrações. Por meio de história e preceito, Ele nos ensina a entendermos o significado dos sofrimentos e das bênçãos. Ele nos diz exatamente o que espera de nós e como vivermos humana e bondosamente. Suas palavras mostram e contam sobre Sua bondade. E assim por diante.

O que significa, então, dizer "Guardo Tua palavra" (119.17)? O exemplo óbvio é a obediência a mandamentos

[4]Considere também passagens como Sl 10.6,11; 14.1-4; 36.1-4; 53.1-4; Ec 9.3; Jr 17.9; Rm 3.10-18. Pense no primeiro grande mandamento, com sua reivindicação total de tudo o que acontece dentro de nós. Pense nas descrições daquilo que Deus vê e considera ao olhar para nós: 1Cr 28.9; Hb 4.12s; Jr 17.10. Somos obscuros a nossos próprios olhos, até que Deus nos diga o que vê em nós.

específicos. Você guarda "não adulterarás" não adulterando. Como, porém, guardar outros tipos diferentes de palavra como, por exemplo, "No princípio, criou Deus os céus e a terra"? Você guarda palavras desse tipo crendo, lembrando e permitindo que elas mudem o seu modo de olhar todas as coisas. Nosso salmo guarda as palavras de Gênesis 1, ao dizer "Fundaste a terra, e ela permanece. Todas as coisas servem a Ti". Isso é fé em ação, e dita em voz alta. Você guarda as palavras de Deus ao contemplar um pintassilgo ou uma tempestade de trovões e ver neles criaturas, dependentes e servas, e não simplesmente uma ave, não simplesmente um evento atmosférico que significa que uma frente fria está chegando – e você louva o Criador. Você guarda Gênesis 1 ao lembrar que você também é uma criatura, dependente, cujos propósitos estão relacionados ao seu Criador. Você não é simplesmente o seu currículo, os seus sentimentos, a sua rede de relacionamentos, a sua conta bancária, o seu autopapo, os seus planos ou as experiências que moldaram a sua vida. Nosso salmo afirma "As *Tuas* mãos me fizeram e me afeiçoaram. Eu sou *Teu*".

Outra palavra do grupo de oito é lei. "Lei" também significa *tudo* o que Deus diz – ainda que nós frequentemente ouçamos mal essa palavra, com um sentido mais restrito. Ao ler a palavra "lei" no Salmo 119, pense em "sinônimo de 'palavra' – com ênfase especial na autoridade do Senhor e na nossa necessidade de ouvir". Ela significa o ensino ao qual precisamos ouvir com atenção. Em extensão, o termo "lei" equivale a "palavra", mas é mais rico em nuances. Ele destaca a autoridade pessoal do grande Salvador-Rei que fala a nós como Seus servos amados.

Temos a tendência de ouvir mal o termo "lei" quando lemos o Salmo 119. Nós o despersonalizamos, transformando-o em um código legislativo, em regras que não têm relação com o domínio gracioso do nosso Pai e Messias. Limitamos "lei" a mandamentos secos. Esquecemos que "dez mandamentos" é uma tradução errônea. Essas "dez palavras"[5] revelam o ato criador e salvífico de nosso Senhor, Sua bondade, Suas dádivas generosas, Seu bom caráter, Suas promessas, advertências e o chamado de um povo – o contexto interpessoal dos dez bons mandamentos de Deus. Esquecemos que esses mesmos mandamentos dizem com detalhes como o amor opera, para com Deus e para com os seres humanos nossos companheiros. Esquecemos que a "lei de Moisés" inclui ensinos como: "SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado". Quando uma Pessoa assim nos dá ordens, ela nos diz com detalhes como nos tornarmos semelhantes a ela.

A obediência vive esse amor sábio em escala humana. Na nova aliança, Jesus faz o que nós falhamos em fazer. Ele expressa em escala humana o amor sábio de Deus, a lei. Ele ama como próximo e amigo, fazendo-nos o que é bom. Ele ama como o Cordeiro de Deus, sacrificado-Se em nosso lugar. Ele ama como um de nós, o precursor e aperfeiçoador da fé que opera pelo amor. Deus escreve essa lei de amor em nosso coração. O

[5]Êx 34.28, Dt 4.13; 10.4 usam o termo mais amplo "palavras", e não o mais restrito "mandamentos", quando dizem respeito aos dez componentes das "palavras da aliança".

Pai e o Filho vêm viver dentro de nós, em pessoa, pelo Espírito Santo, e aprendemos a amar – a lei se cumpre.

O Salmo 119 começa com uma benção admirável: "Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho, que andam na lei do SENHOR". Essa convergência entre a nossa mais alta felicidade e a nossa sincera bondade prepara o cenário para tudo quanto vem depois. O que significa, então, "andar" na lei do Senhor? Mais uma vez, nossa tendência é lembrarmos somente o exemplo óbvio, a obediência aos Seus mandamentos. E mesmo quando pensamos em obediência, desconfio que a maior parte do tempo nós não fazemos uma ligação imediata de todos os pontos relevantes: "Ame a Deus totalmente (livre de um coração obsessivamente obstinado) – porque Ele o ama. Ame as outras pessoas tão vigorosamente quanto você busca seus próprios interesses (livre de um egoísmo compulsivo) – da mesma forma que Ele o ama". Obedecer à vontade de Deus é amar bem, porque você é bem amado.

Raramente pensamos muito no significado de "andar" nesse ensino abrangente ao qual o Senhor nos constrange. Essa lei diz: "O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o SENHOR sobre ti levante o rosto e te dê a paz". Você anda nela ao precisar dela para que seja assim. Você pede a Deus que o trate dessa forma. Você recebe. Você confia. Você trata as pessoas dessa mesma maneira, como um canal vivo de cuidado, graça e paz. Isso é o que significa andar de maneira real na lei. Não é de admirar que o nosso salmo proclame: "Amo Tua lei. Tua lei é o meu deleite".

Os juízos (ou "ordenanças") colocam ênfase na avaliação divina. Deus revela suas decisões e ações à medida que avalia e lida com as situações comuns do homem. Seus juízos nos ensinam a avaliar as coisas pelo que elas realmente são. Por exemplo, no juízo de Deus, trair o cônjuge é errado e criminoso. No juízo de Deus, a confiança na livre graça de Jesus Cristo é o caminho para o perdão e a vida. No juízo de Deus, a compaixão pelos quebrantados e desamparados expressa a bondade do Seu caráter. No juízo de Deus, tratar mansamente o ignorante e irascível demonstra Sua misericórdia. No juízo de Deus, somente Ele é o único Deus sábio, verdadeiro e justo, o doador da vida, rio de água viva, rocha alta de salvação. É interessante notar que dois dos versículos do Salmo 119 que não fazem referência direta à Palavra de Deus contêm a palavra "juízo", mas não como uma referência ao que é dito/escrito. Eles descrevem as ações que fluem do bom juízo, efetuando, assim, a justiça (v. 84,121). Em vários outros lugares, a referência do Salmo 119 a "juízos" é ambígua: pode significar o que Deus diz sobre as coisas, ou o que Ele faz ao agir baseado em Seu juízo de como as coisas são. O ponto final do Salmo 119 não é a Bíblia; o ponto final da Bíblia é vida.

E assim o salmo prossegue. Cada sinônimo acrescenta sua nuance e riqueza particulares ao quadro unificado. O *testemunho* de Deus fala de tudo aquilo do que Ele testifica. Ele testifica de *Si* mesmo, do certo e do errado, das falhas humanas, do bem humano, de Suas ações salvíficas, da criação do mundo, de sua vontade. As "dez palavras" que mencionamos são frequentemente chamadas de "o testemunho", testificando o que é verdadeiro, correto e prazeroso. Os *preceitos* oferecem instruções práticas detalhadas. O Senhor se importa com detalhes, e

entra em detalhes. Chegamos à compreensão do que significa para nós crer, praticar e alegrar-se. Os *estatutos* chamam a atenção para o fato de que todas essas coisas estão escritas. Elas permanecem. Elas estão esculpidas como a verdade duradoura, como as ordens duradouras e uma constituição permanente. Deus fixa Suas palavras em tábuas de pedra, rolos, livros e computadores para que assim possa escrever Suas palavras nos corações. Os *mandamentos* dizem-nos exatamente como viver, o que fazer, como amar e confiar. Visto que todas as palavras de Deus vêm com autoridade, mesmo quando Ele promete misericórdia e auxílio, revela algo de Seu caráter ou conta a história de algo que fez, essas palavras vêm com a propriedade de uma ordem: você *tem* que crer, levar ao coração e viver as implicações. Qualquer outra alternativa é algum tipo de insensatez, ilusão, autoengano e destruição.

Como reagimos a isso? Os verbos no Salmo 119 são consistentes: "Eu guardo, eu busco, eu amo, eu escolho, eu lembro, eu pratico, eu creio, eu me alegro em, eu medito em, eu me apego a, eu me deleito em, eu não esqueço de... Eu respondo de todas essas maneiras à Tua palavra, lei, juízos, testemunhos, preceitos, estatutos e mandamentos". É surpreendente como cada aspecto da palavra da vida evoca exatamente o mesmo conjunto de reações. Falar sinceramente com Deus sobre Deus é um dos resultados.

Cordão 2: "Estou lutando com..."

Você ficou surpreso ao ler o título deste artigo – "*Sofrimento* e o Salmo 119"? Outros salmos estão mais obviamente em "tom menor" e clamam necessitadamente por misericórdia em momentos de culpa e por uma proteção misericordiosa nos sofrimentos. O Salmo 119, porém, tem a reputação de falar sobre a autodisciplina moral e intelectual, e não sobre o sofrimento da vida. Novamente, essa reputação é errada. O Salmo 119 é pronunciado em meio a um conflito feroz e constante. Essa disciplina do coração e da mente não se ergue acima das batalhas, mas surge em meio a elas.

O conflito passa por cada uma das vinte e duas seções do salmo. O que esse homem considera tão difícil, perturbador, doloroso, apavorante e perigoso? Permita-me falar na primeira pessoa, como se estivesse no lugar do locutor. Em primeiro lugar, enfrento algo terrível dentro de mim. Minha própria pecaminosidade coloca-me em risco de ser destruído por Deus. Em segundo lugar, enfrento algo terrível que me sobrevém. Os pecados das outras pessoas e todos os problemas da vida ameaçam me destruir. Há algo errado comigo. Há algo errado com o que me acontece. De qualquer forma, seja em forma de pecado ou dor, sofro ameaças de dor, destruição, vergonha e morte. Por isso dirijo-me a Deus com sinceridade sobre minha dupla aflição. Sinto profundamente os males internos e externos que enfrento. O Salmo 119 ensina a dizer coisas como: "A minha alma se apega ao pó. A minha alma chora de tristeza. Meus olhos falham. Quando me consolarás?".

As Escrituras usam a palavra "mal" da mesma maneira que o fazemos em português, descrevendo tanto pecados quanto problemas – o problema do mal dentro de mim e do mal que me sobrevém. O mal tanto me perverte como machuca. Assim, apesar de Jó ser um homem que "se desviava do mal [isto é, do pecado],... veio o mal [isto é, o sofrimento]" (1.1; 30.26). Eclesiastes 9.3 expõe as duas ver-

dades: "Este é o mal [sofrimento] que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens está cheio de maldade [pecado], nele há desvarios enquanto vivem [pecado]; depois, rumo aos mortos [sofrimento]". O Salmo 119 enfrenta cara a cara o problema do mal.

Em primeiro lugar, o salmista encontra o mal dentro de si. A iluminação moral e intelectual da Palavra produz uma autoconsciência arrasadora. A luz torna minha escuridão visível. Como já foi mencionado, a abundância de diálogo do tipo "eu a ti" começa no versículo 5. E não é acidentalmente que a frase inicial já seja um pedido de socorro. Se a bem-aventurança procede da fidelidade aos caminhos de Deus, o salmista tem que clamar: "Como posso deixar de me envergonhar quando considero em todos os Teus mandamentos?". Ele se sente profundamente ameaçado devido às suas tendências pecaminosas. Ele nos choca – e não por acaso – quando a última linha da primeira seção expressa, sem rodeios e com aflição, a seguinte necessidade: "Não me desampares jamais". Nossa tendência é estarmos despreparados para a vulnerabilidade emocional que encontramos no Salmo 119. Ele nos choca novamente – e não por acaso – quando a última linha do salmo inteiro irrompe na confissão: "Ando errante como ovelha desgarrada".

É difícil distinguirmos padrões no fluir do Salmo 119. Está bem claro, porém, que a disposição dos versículos 8 (o fim da primeira seção) e 176 (o fim da última seção) tem o propósito de destacar algo. Esse homem sincero sofre em sua pecaminosidade e anseia por livramento. Ele tem que exprimir seu conflito, pois toma para si aquilo que afirmou categoricamente nas primeiras linhas do salmo:

> Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho, que andam na lei do SENHOR. Bem-aventurados os que guardam as Suas prescrições e O buscam de todo o coração; não praticam a iniquidade e andam nos Seus caminhos. Tu ordenaste os Teus mandamentos para que os cumpramos à risca.

Visto ser assim que a vida funciona, seus pecados o afligem, entristecem, ameaçam e assustam. Será que Deus me abandonará completamente? Será que andarei desgarrado? Será que Deus me reprovará e amaldiçoará? Serei envergonhado? Serei seduzido por coisas vãs, que prenderão minha atenção? Pecarei? Esquecerei de Deus? A iniquidade me controlará? Serei lançado fora como entulho? Terminarei meus dias consumido de terror, e não cheio de alegria? Terei a maldição da morte em vez da benção da vida? Essas perguntas assombram o Salmo 119.

Em segundo lugar, o salmista descobre o mal que sobrevém a ele. A disciplina da Palavra de Deus produz uma sensibilidade elevada, e não um estoicismo prosaico. A soberania de Deus governa e a graça prometida agrava o senso de dor, sem levar, porém, à autocomiseração. "Sou pequeno e desprezado. Aflição e angústia me sobrevêm. Enfrento opressão e completo escárnio da parte de pessoas obstinadas, sendo que a única razão para isso é a maldade delas. Elas estão no meu encalço. Elas me sabotam e perseguem com mentiras. Estou extremamente aflito. Fui quase destruído. Eu teria perecido em minha

angústia. Eu não consigo me adaptar: sou um estrangeiro na terra. Acordo no meio da noite. Quantos dias ainda tenho? Por quanto tempo conseguirei suportar?"

Examine a lógica interna da angústia desse homem. Ele tem que exprimir seu conflito, pois assume pessoalmente a bondade do SENHOR. "Se Tu prometes bem-aventurança, se me tratas com generosidade e me dás vida, se enches a terra de bondade, se me fizeste esperar em Tuas promessas de bênçãos, se Teu rosto brilha sobre o Teu servo, se Tu somente me guardas em segurança, se me salvas, ensinas, restauras... então também deverás provar essas coisas para mim. Minhas experiências atuais são tão difíceis, danosas e ameaçadoras. Elas me deixam descontrolado. Estou apavorado, experimentando o oposto de toda Tua bondade."

Perceba outro padrão no fluxo do Salmo 119: as primeiras duas seções e a última não mencionam as dores que nos sobrevêm na vida. Duas coisas predominam: a necessidade de sabedoria e a alegria triunfante. Em todas as demais partes, porém, ele faz alguma menção das suas situações de sofrimento. A dor e a ameaça estão sempre presentes, mas com uma única exceção notável: elas nunca ocupam o centro da atenção. A exceção acontece quando nos aproximamos do centro do salmo. Nos versículos 81-88, o salmista chega ao fundo do poço. Ele comunica um distinto senso de angústia, declínio, vulnerabilidade e fragilidade. Ele se sente despedaçado por seus problemas. Não há nada mais assim no Salmo 119. Depois, surpreendentemente, à medida que o salmo transpõe o ponto central (v. 89-91), ele muda completamente de direção. A miséria da fé se entrega à confiança segura da fé. Em outras partes do Salmo 119, o salmista não se apega a um único tema em particular. Suas declarações a Deus normalmente vêm em notas musicais separadas, como pedacinhos dispersos. Aqui, porém, ele discorre sobre uma única coisa, afirmando repetidamente a estabilidade e infalibilidade do Senhor:

> Para sempre, ó SENHOR, está firmada a Tua palavra no céu. A Tua fidelidade estende-se de geração em geração; fundaste a terra, e ela permanece. Conforme os Teus juízos, assim tudo se mantém até hoje, porque ao Teu dispor estão todas as coisas.

Não há nada mais assim no Salmo 119. Essas declarações se erguem das cinzas da aflição anterior. A plena clareza dessa esperança fala mais alto do íntimo da plena fragilidade de sua situação. No centro do Salmo 119, ele afunda na escuridão, para depois caminhar rumo à luz. Ele resume o que aconteceu nas palavras: "Não fosse a Tua lei ter sido o meu prazer, há muito já teria eu perecido na minha angústia" (v. 92).

Males internos, males externos. Consequentemente, uma dupla aflição motiva esse homem de dores. Ele conhece de primeira mão a maldade e a angústia que perturbam o coração do homem. Essa piedade realista e sincera é bem diferente da imagem popular do Salmo 119. Será que ele retrata (e impõe a nós) um ideal de autodisciplina serena e ordeira em questão de doutrina e comportamento? Será que viver com o nariz enfiado na Bíblia livra você dos transtornos do pecado e do sofrimento? Pelo contrário, nós importamos um estoicismo e um intelectualismo que não existem nas Escrituras. A própria Palavra

disciplina uma pessoa para que sinta e diga "Minha alma chora por causa do sofrimento", e não para que viva em uma tranquilidade desnaturada. A clareza da consciência desse homem a respeito de Deus e do que é certo produz uma clareza penosa na consciência que ele tem de si mesmo e também das situações. Nem tudo está bem. A verdade de Deus o deixa aturdido e produz um senso fervoroso e preciso de necessidade. Como já foi dito, a franqueza do Salmo 119 expressa a redenção da sinceridade.

Cordão 3: "Eu preciso que Tu..."

Até aqui, já ouvimos duas coisas. Um homem fala diretamente a Deus sobre Deus e sobre seu conflito com as duas formas de mal. Ele une naturalmente estes aspectos. O resultado? Ele faz de oitenta a noventa pedidos objetivos ao Senhor. Ele pede ajuda específica. Isso é espantoso de se pensar. É antinatural.

Em primeiro lugar, qual é o *efeito normal dos sofrimentos*, dos problemas, da dor e do perigo? Temos a tendência de nos voltarmos para nós mesmos. Ficamos remoendo a situação. Nosso mundo encolhe e se volta para uma preocupação interior. A dor física, a experiência de injustiça, a ansiedade ou a necessidade financeira – tudo isso reivindica nossa consciência. Ao agirmos assim, implicitamente nos afastamos de Deus – e às vezes até nos voltamos contra Deus. Em segundo lugar, qual o *efeito intrínseco do pecado*, da cegueira, do esquecimento e do afastamento? Nós nos voltamos para nós mesmos, afastamo-nos de Deus e nos voltamos contra Ele. Mesmo os "pecadinhos" como murmuração ou irritabilidade riscam o Senhor dos acontecimentos do Seu universo. O pecado segue uma inércia voltada para o centro, curvando-se sobre si mesmo (*curvitas in se*, como os antigos diziam). Em terceiro lugar, em pessoas cuja consciência está ativa, qual o *efeito retardado normal do pecado*, do fracasso, da culpa e daquela sensação dolorosa de não atingir as expectativas? Novamente, voltamo-nos para nós mesmos. Entregamo-nos a remoer o que fizemos. Escondemo-nos de Deus, entregamo-nos ao desespero, murmuramos pedidos de desculpas retraídos, sem certeza de que serão aceitos, ou renovamos nossas boas intenções. Tudo isso para dizer que os males, sejam eles praticados por nós ou contra nós, tendem a criar monólogos no teatro da nossa mente.

O Salmo 119, porém, cria um diálogo no teatro do universo do Senhor. Ouvimos clamores de uma necessidade centrada e específica diante dos sofrimentos e pecados.[6] Nenhum capítulo da Bíblia pede mais nem pede de modo mais incisivo. Esse homem confia no que Deus diz, e assim pede o que só Deus pode fazer. O que ele deseja? Como era de se esperar, seus pedidos estão perfeitamente alinhados com suas lutas contra o pecado e a dor. Ele deseja misericórdia nos dois sentidos da palavra.

Ele suplica a Deus que o livre de suas falhas. Mencionamos anteriormente como o versículo 8 e o 176 nos chocam com seu profundo senso de aflição e vulnerabilidade diante da pecaminosidade do salmista. O que um homem de consciência sensível pede a Deus? "Não me abandone totalmente! Venha em busca do teu servo!" Em outras palavras, "Não desista de mim. Não me abandone. Venha me resgatar. Procure por

[6]No próximo ponto, o Cordão 4, ouviremos também brados de alegria.

mim e me resgate. Mostre misericórdia para comigo". Ele é ousado ao pedir socorro.

Ele sabe como é difícil amar. "Guarda-me de que me afaste dos Teus mandamentos."

Ele fica preocupado com as coisas erradas e com inclinar-se para o caminho errado. "Inclina o meu coração para os Teus testemunhos."

Sua leitura da Bíblia vira uma rotina. Ele consegue ler as palavras, mas não encontra o Senhor. "Abre os meus olhos para que eu contemple as maravilhas da Tua lei."

Ele se apega à vaidade. "Afasta os meus olhos de contemplarem a vaidade."

O pecado pode controlar sua vida. "Guarda-me para que a iniquidade não me domine."

Ele está sujeito a fazer más escolhas. "Faz-me andar no caminho dos Teus mandamentos."

Ele sabe que precisa de misericórdia. "Sê gracioso para comigo, conforme a Tua palavra."

É muito simples. Ele pede dez vezes "ensina-me", nove vezes "vivifica-me" e seis vezes "faz-me entender". Será que ele não sabe o que Deus diz? Pelo contrário, ele sabe exatamente o que Deus diz, e também está ciente de sua necessidade. É justamente por ele conhecer as maravilhas de juízo, promessa, testemunho e mandamento, e por ele conhecer seu coração insensível e a distração que seus problemas provocam, que ele pede que Deus o ensine e o vivifique. "Eu posso ler, posso citar, mas quero viver a Tua palavra. Tu tens de me fazer vivê-la. Precisas me despertar. Precisas me transformar e ensinar."

E, naturalmente, o Salmo 119 também traz um clamor por livramento de situações dolorosas. Como sempre, ele não desperdiça palavras. Ele nunca serpeia no pantanal da religiosidade. Ele vai direto ao ponto.

- Salva-me.
- Socorre-me.
- Resgata-me.
- Pleiteia minha causa.
- Olha para minha aflição.
- Quando me consolarás?
- Quando julgarás os que me perseguem?
- Guarda-me para que os arrogantes não me oprimam.
- É tempo do Senhor agir!

A bondade do Senhor provoca esses clamores em seus servos. Pobreza? Perdas de pessoas queridas? Enfermidades? Mortes dolorosas? Injustiça? Opressão? Traição? Deus se importa, e os necessitados clamam.

Por qual razão os livros sobre oração frequentemente parecem tão sentimentalistas ou cheios de fervor irreal? Ou ainda contorcidos pela mecânica ou dados a promessas falsas, criando falsas expectativas, oferecendo perspectivas incorretas de Deus, de nós mesmos e das circunstâncias? Por que eles soam tão "religiosos", quando o salmista soa tão real? Por que a "oração" torna-se algo produzido, um protocolo que define passos a seguir e palavras a recitar, um estado elevado de consciência, um ritual supersticioso para operar alguma magia, um ritual sem naturalidade, uma forma de manipular a atenção de Deus para satisfazer meus interesses ou todas essas coisas ao mesmo tempo? "Ensina-me, vivifica-me, faz-me diferente. É tempo do SENHOR agir!"

Agostinho, homem que se destacou por sua mansidão, escreveu um comentário do livro de Salmos. Ele postergou o Salmo 119 até o fim, e continuou fazendo isso até que seus amigos o obrigaram a escrever. Por trás da aparência exterior simples, por trás dos pedidos simples, ele

achou que esse salmo era profundo demais para comentar: "Ele sempre sobrepujou as forças da minha concentração e o alcance máximo das minhas faculdades". Aquilo que ele não conseguiu compreender, ele foi, porém, capaz de viver. Certamente, foi aqui que Agostinho aprendeu a dizer: "Dá-me Tua ordem, oh Senhor, e ordena o que quiseres". As palavras do Salmo 119 nos dizem em que acreditar e confiar, apontam nossas necessidades e o que devemos fazer – é o que Deus faz. Certamente foi aqui que Agostinho aprendeu a comunicação do tipo "eu a ti", que é característica de suas *Confissões*. Foi algo inédito, nunca mais se repetiu e é como todos nós devemos viver. O Salmo 119 fornece uma visão madura de Deus, expressa por meio do coração e dos lábios de um filho.

Cordão 4: "Eu me comprometo a..."

Até aqui, já vimos três pontos: "Tu és... Estou enfrentando... Eu peço..." O quarto é: "Aqui estou." O Salmo 119 faz diversas declarações de fé completamente leais.

Esse homem declara de modo penetrante as suas convicções. Ele afirma suas mais profundas intenções. Ele sabe quem é e a quem pertence. Ele proclama ser um filho da luz. Ele conhece a luz. Ele a deseja. Ele nunca a esquecerá, e tem por alvo servi-la.

- Eu sou Teu.
- Eu sou Teu servo.
- Prometi guardar Tuas palavras.
- Guardo Tua palavra no meu coração.
- Agora guardo Tua palavra.
- Teu servo medita em Teus estatutos.
- Guardarei os Teus estatutos.
- Eu me apego aos Teus testemunhos.
- Eu observo os Teus testemunhos.
- Tenho praticado a justiça e a retidão.
- Escolhi o caminho da fidelidade.
- Não me afasto da Tua lei.
- Afastei meus pés de todo mau caminho.
- Espero Tua salvação, oh Senhor!
- Eu creio em Teus mandamentos.
- Eu pratico os Teus mandamentos.
- Não me esqueci da Tua lei.
- Não me esqueço dos Teus mandamentos.
- Não me esquecerei da Tua palavra.
- Nunca me esquecerei dos Teus preceitos.

É uma doce verdade a respeito da consciência cristã o fato de que você pode fazer a declaração a seguir em uma só frase: "Senhor, Tu me buscas e mostras misericórdia porque és bom (cordão 1); eu me desviei como uma ovelha perdida (cordão 2); vem em busca do Teu servo (cordão 3); não me esqueço dos Teus mandamentos (cordão 4)". É uma doce realidade o fato de que a psicologia da fé viva inclui a consciência simultânea da graça de Deus, do ataque dos males, da profunda necessidade e do esplendor que vem do íntimo – "Tu és misericordioso", "Sou o principal dos pecadores", "Isso dói", "Tem misericórdia" e "Sou Teu" são declarações que seguem juntas.

Por fim, esse homem sincero exprime seu deleite. No recôndito da conversação viva do Salmo 119, ele obtém aquilo que pede. Ele prova a bondade de sua petição a Deus. O Salmo 119 vem cheio de sabor e prazer: uma alegria firmemente segura, um senso de direção perspicaz, um deleite completo. Esse homem experimenta a graça que opera em seu interior – ele foi, está sendo e será transformado. Ele prova como é bom que sua fé opere pelo

amor. Ele experimenta consolação e proteção em meio a seus problemas. Ele tem uma noção viva de como os bons propósitos de Deus operam em tempo real, mesmo no vale das sombras. O sofrimento duplo causado pelo mal o levou até o Senhor em petição. O deleite duplo com o bem recebido aviva sua alegria. Cerca de quarenta vezes ele se alegra, regozija, ama, dá graças, admira-se e canta louvores! Uma pessoa da Palavra sente e diz coisas do tipo:

> Meu coração teme tudo o que disseste.
>
> Amo mais o que Tu dizes, e mais apaixonadamente do que qualquer coisa.
>
> Amo os Teus mandamentos mais do que os rios de ouro.
>
> Tuas palavras são mais doces à minha boca do que o mel.
>
> Teus testemunhos são a alegria do meu coração.
>
> Tenho pleno prazer em tudo o que dizes.
>
> Aquilo que escreveste é a minha canção.
>
> Levanto à meia-noite só para Te dar graças.
>
> Anseio ficar acordado à noite para poder considerar as Tuas palavras.
>
> Contemplo as maravilhas da Tua lei, pois contemplo a Ti.

Todas as coisas criadas, todos os mandamentos, todas as promessas, todas as histórias dos Teus caminhos com a humanidade, todos os acontecimentos... todos revelam a Ti, minha alegria, esperança e deleite; Tu, minha mais elevada exultação; Tu, meu contentamento profundo e indestrutível.

Qual será o seu prêmio?

O Salmo 119 é semelhante a uma sala ampla e repleta de pessoas, como já foi dito. No entanto, ele tem ricas recompensas para os nossos esforços de sentarmos e falarmos pessoalmente com cada um dos convidados presentes. Permita-me dar um exemplo de como tornar a coisa pessoal, para que você sinta o que é a aplicação. É um pequeno exemplo, o tipo de problema sobre o qual nós dificilmente pensamos com cuidado. Nós nos resignamos a ele. Lidamos com ele à base de drogas. Não imaginamos que Deus se importa em fazer diferença.

Como você lida com uma noite de insônia? Você está deitado, acordado. Para onde você vai em seus pensamentos? Como você se sente? O que você faz? Não é à toa que o Salmo 119 menciona quatro vezes o estar acordado à noite.

> Lembro-me, SENHOR, do Teu nome, durante a noite, e observo a Tua lei. Levanto-me à meia-noite para Te dar graças, por causa dos Teus retos juízos. Os meus olhos antecipam as vigílias noturnas, para que eu medite nas Tuas palavras. Antecipo o alvorecer do dia e clamo; na Tua palavra espero confiante. Meus olhos esperam as vigílias da noite, para que eu possa meditar na Tua palavra. (v. 55,62,147,148)

Uma noite de insônia não é a forma mais aguda de sofrimento. É algo tedioso. É algo que derruba você pelo lento desgaste, em vez de um rápido esmagamento. A insônia é cansativa e enfadonha. Isso é óbvio.

Agora o menos óbvio. Quais são seus pensamentos ao ficar acordado à noite? Sua mente se concentra no amanhã? Você fica agitado quanto à sua lista de tarefas, tentando lembrar tudo o que tem a fazer? Você repassa e tenta se antecipar a qualquer problema que possa surgir?

Sua mente se volta para o passado, remoendo tristeza por suas falhas? Ou você passa mais uma vez o filme amargo e doloroso daquilo que alguém fez ou disse a você?

Você simplesmente foge, voltando-se para o escapismo de fantasias que o fazem sentir-se bem? Você se deixa levar por seus passatempos, por imoralidade, sonhos atléticos, planos para as férias e coisas semelhantes?

Você corre em todas as direções, preocupado? Nas longas horas da noite, você entra num ciclo de ansiedade quanto a dinheiro, filhos, assaltantes, ficar solteiro, problemas da igreja, doença, solidão ou tudo isso e ainda muito mais?

Você afunda num poço de resignação depressiva? Você simplesmente enfrenta as longas horas num estado de desassossego dormente?

Você fixa todas as suas esperanças em alguma garantia de sono? Qual a sua fórmula mágica? Tomar um leite quente? Ouvir música suave? Ingerir alguns comprimidos para dormir? Ler um livro pesado? Evitar qualquer coisa que o desperte? Quando ora, o foco da oração é só o seu desejo de dormir, baseado no seu versículo predileto – Salmo 127.2?

Será que o Salmo 119 tem algo a dizer sobre esses pontos de parada do coração? Esse salmo transforma cada um deles. Quer as horas sejam marcadas pelo tédio ou tomadas por um delírio sombrio, elas são em grande medida horas sem Deus. O Salmo 119 descreve horas plenas de Deus. Ele não promete sono (ainda que o descanso seja uma dádiva boa e desejável); Ele promete realizar uma transformação na insônia.

Vou lhe dar meu exemplo. Até a década de 90, eu raramente experimentei insônia. Então passei a viajar anualmente para a Coréia. Meu relógio biológico virou do avesso. Eu trabalhava por um longo dia, desde o café da manhã até conversas à noite. Caía na cama por volta das onze da noite, mas acordava e perdia o sono da uma e meia da manhã até as seis, quando tinha que levantar para outro dia longo. A minha resposta instintiva era fazer e refazer a lista de tarefas das responsabilidades do dia seguinte. (Sim, eu sei que, tecnicamente, uma e meia da manhã já é "hoje", mas a sensação é como se ainda não o fosse.) Eu aguentava aquele desassossego dormente até a chegada do dia seguinte. Essas horas ficavam ainda mais tristes com a murmuração ("Por que eu? Por que agora? Por que isso?"), e a preocupação ("Como será o dia de amanhã se eu estiver tomado de cansaço?"). Eu odiava não conseguir dormir.

Porém, em minha terceira viagem à Coréia, li o Salmo 119 no avião. O versículo 148 me pegou. Foi como se eu nunca o tivesse lido antes (uma experiência comum no Salmo 119). "Os meus olhos antecipam-se às vigílias noturnas, para que eu medite nas Tuas palavras." Será que eu conseguiria enfrentar as inevitáveis vigílias da noite com esperança, e não com apreensão? Deus se mostrou fiel à Sua palavra. Na primeira noite, acordei no horário de sempre, mas me dirigi a um lugar diferente do que nas vezes anteriores. Pensei no Salmo 23, em Números 6.24-26, nas bem-aventuranças, no Salmo 131, e em tudo o que eu pude lembrar, desde Efésios e João

1. Como vimos, o Salmo 119 abre portas para o restante das Escrituras. Velhos amigos tornaram-se amigos ainda mais chegados. Noite após noite, eu lembrava, pensava, orava, confiava, amava e me deleitava – e às vezes dormia. Naturalmente, eu ainda estava exausto durante o dia. Fé não é magia. E eu não tinha nenhum prazer específico no simples fato de estar bem acordado. Eu preferiria estar dormindo, afinal a insônia é um tipo de sofrimento. As noites porém, foram transformadas.

Aprendi algo que eu não mais esqueci nas várias viagens subsequentes. Mais adiante, o que aprendi veio em meu auxílio de um modo bem mais profundo. Após uma cirurgia do coração em 2000, as horas de insônia tornaram-se um evento de todas as noites, por bastante tempo. Eu preferia dormir. No entanto, na escuridão, eu era amado por Deus e o amava. Imagine: na insônia, Tu és o meu pastor. Nada me faltará. Tu me fazes repousar em verdes pastos. Levas-me às águas tranquilas. Refrigeras-me a alma. Guias-me pelas veredas da justiça, por amor do Teu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, pois Tu estás comigo... Certamente a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida. Isso transforma cada parte de uma noite de insônia.

Qual a sua experiência? Onde você precisa da ajuda do Salmo 119? Na dificuldade das noites de insônia e na dúvida sobre onde você repousará sua mente? "Eu antecipo as vigílias noturnas."

Será que algo o perturba repetidamente e destempera sua vida – preocupação, medos, cobiça sexual, amargura, mentira, seu temperamento, desespero, procrastinação? Onde você precisa de ajuda madura, e não de boas intenções e ajustes rápidos? "Eu sou Teu. Salva-me. Ensina-me."

Será a dor aguda de algum sofrimento? Você foi traído? Você está sendo traído? Há uma rachadura sem solução em um relacionamento? Seu corpo dói ou fraqueja? Seu filho está se perdendo ou lutando com algo? "Eu teria perecido em minha aflição."

Sua alegria e prazer precisam simplesmente se tornar mais diretos e francos? Sua confissão de fé precisa simplesmente se tornar mais articulada e objetiva? Normalmente, expressamos nossa confissão de fé da seguinte forma: "Eu creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra..." Esse tipo de confissão precisa se transformar na verdadeira confissão de fé: "Tu és meu Pai. Tu fundaste a terra. Todas as coisas Te servem." O Salmo 119 nos ensina esse tipo de discurso. "Os Teus testemunhos são a alegria do meu coração."

Leia novamente o Salmo 119 sozinho (talvez com quatro cores diferentes de canetas marca-texto na mão). Ouça as declarações sobre Deus. Ouça os conflitos interiores e exteriores. Ouça os clamores de sincera necessidade. Ouça as expressões de convicção e prazer. Talvez você possa ler novamente este artigo. Cada seção dele contém alguns nomes representativos da "lista de convidados". Encontre uma afirmação sobre Deus que você precisa fazer sua. Identifique um conflito com o mal interior ou com a dor exterior que se assemelhe aos seus conflitos. De fato, o pecado e o sofrimento costumam andar juntos. Isso está entrelaçado na lógica interna do Salmo 119, pois é algo intrínseco ao modo de Deus lidar conosco. Escolha um pedido que expresse aquilo que você precisa que Deus faça. Escolha uma afirmação jubilosa que expresse

aquilo que você é ainda parcialmente, e que deseja ser de forma completa.

O Salmo 119 é o salmo mais "individualista". Nele nós ouvimos secretamente uma fé singular em primeira pessoa. No entanto, aquilo que cada um de nós experimenta, necessita e afirma sempre se derrama no que todos nós necessitamos, experimentamos e afirmamos. Como a fé opera pelo amor, a fé individual estende a mão para abarcar as inquietações de todos nós juntos. "Abre nossos olhos, Senhor, e contemplaremos maravilhas em tudo o que tens dito a nós!"

Açúcar e Limões:

como é Deus em seu sofrimento?

Steve Estes e Joni Eareckson Tada[1]

I. Açúcar e Limões

(Steve Estes)

Como podemos escrever sobre o sofrimento? Nenhum de nós dois já experimentou o pior sofrimento possível. Até mesmo a tetraplegia de Joni Eareckson Tada só vai até certo ponto. Outras pessoas quebraram o pescoço bem mais acima e passam por dificuldades maiores do que Joni. Como ousamos escrever sobre o sofrimento? Só podemos fazê-lo porque temos como único propósito fazê-los lembrar do Deus da Bíblia. Ele está presente e envolvido em qualquer sofrimento pelo qual alguém possa passar.

Em 1963, um jovem rabino americano, sua esposa grávida e seu filhinho de três anos, Aaron, mudaram-se de Nova Iorque para um subúrbio de Boston para que ele assumisse a liderança de uma sinagoga naquela cidade. Logo que chegaram, começaram a notar que havia algo errado com seu filho. Levaram-no a vários médicos, que não conseguiram identificar o problema. Por fim, encontraram um especialista que reconheceu os sintomas e deu um diagnóstico. Aqueles pais descobriram, para seu horror, que seu querido filhinho tinha *progeria* ou "envelhecimento precoce". O prognóstico? Aquele garotinho teria a aparência de um homem de idade avançada antes mesmo de chegar à adolescência. Ele teria baixa estatura e nunca ganharia pelos no corpo nem cabelo. Por fim, morreria no início da adolescência.

[1] Tradução e adaptação de *Which God Is in Your Sufferings?*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 22, n. 4, Fall 2004, p.21-43.

Steve Estes é pastor titular da Community Evangelical Free Chuch em Elverson, PA. Ele é membro do conselho da Christian Counseling and Educational Foundation.

Joni Eareckson Tada é fundadora e presidente do ministério Joni and Friends (Joni e Seus Amigos) www.joniandfriends.org, dedicado a atender as necessidades espirituais e físicas de pessoas com deficiências físicas.

Um Deus compassivo

Dois dias após seu aniversário de catorze anos, Aaron morreu. Os pais aflitos fizeram a pergunta "Por quê?". Levou muitos anos para que o rabino Harold Kushner colocasse seus pensamentos no papel, e mais outros tantos anos para que ele apresentasse esses pensamentos ao mundo. Por fim, ele o fez no sucesso nacional de vendas *Quando Coisas Ruins Acontecem às Pessoas Boas*. Ao ler esse livro, você dificilmente deixará de amar seu autor. Ele é extremamente inteligente, mas disfarça sua erudição por não estar interessado em se mostrar. Seu interesse está apenas em ajudar as pessoas que sofrem. Ele escreve de forma encantadora e envolvente, e oferece a seguinte resposta às pessoas com vida e coração partido:

> Coisas ruins acontecem às pessoas boas neste mundo, porém não é esta a vontade de Deus. Deus gostaria que todos obtivessem o que merecem na vida, mas nem sempre Ele pode dispor dessa maneira. (...) Deus deseja que os justos vivam uma vida tranquila e feliz, porém às vezes nem Ele mesmo consegue que isto se realize. É difícil até para Deus evitar que a crueldade e o caos recaiam sobre vítimas inocentes. (...) Deus não deseja que você esteja doente ou aleijado. Ele não causou este problema e não deseja que você continue assim. No entanto, Ele não pode afastar o problema. Seria pedir algo que é difícil até para Deus.[2]

[2]Harold S. Kushner, *Quando Coisas Ruins Acontecem às Pessoas Boas* (São Paulo: Nobel, 1983) p. 47,48, 130.

Os argumentos do rabino Kushner não são novos. Eles já existiam muitos séculos atrás. Oferecem um alívio temporário para muitas pessoas que se encontram amarguradas com Deus. "Por que um Deus que se compara a todos os pináculos do amor fez isso *comigo*?"

Muitas pessoas chegam à conclusão de que Deus não tem nada a ver com sua tristeza e sofrimento; Ele só pode dar alívio. Deus é um Deus que reage às circunstâncias. Ele é um Deus compassivo, que observa o que acontece. Fato consumado, Ele se mexe para oferecer Seu consolo e ajuda. No entanto, essa sugestão específica do rabino Kushner é o que eu chamo de uma visão *açucarada* de Deus: doce demais para consolar.

Imagine um dia quente de verão na região tropical. Você mal consegue suportar o calor e a umidade, e deseja um pouco de alívio. Alguém pergunta: "Você gostaria de algo bem gostoso para beber?". A pessoa traz um copo de limonada adoçado com dez colheres de açúcar. Uma bebida doce, suave e compassiva. A pessoa lhe diz: "Isso matará sua sede". De tão doce, porém, a bebida não dá quase para beber, muito menos para matar a sede.

A Bíblia fala de um Deus que é mais compassivo do que nós imaginamos. Ele odeia o sofrimento, dá alivio a quem sofre e alcança as pessoas em seu estado miserável de depressão e desânimo - aquelas pessoas tão cheias de problemas e com tanta carga emocional que ninguém quer conversar com elas. Tais pessoas parecem ter uma cerca de arame farpado ao redor de si enquanto andam entre as demais: ninguém quer se aproximar. A Bíblia fala de um Deus que ama, que é bondoso, que é como uma mãe que amamenta o filho, que conhece os seus pensamentos antes

mesmo de você expressá-los. O coração dEle está com você. Ele é o Deus de Lamentações, que diz: "Porque não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens" (Lm 3.33).

Embora um Deus compassivo e bondoso, que ajuda e está de mãos estendidas, possa inicialmente ser um tanto quanto doce ao paladar, por fim Ele deixará a pessoa de estômago enjoado. Um Deus assim, e que só é assim, que perde o controle da situação, deve ser um Deus que não pode ir além de ser compassivo e bondoso. No final, esse Deus não pode ser um Deus que satisfaz. Ele não pode matar a sede de uma pessoa em sofrimento.

Um Deus soberano

Muitos cristãos olham para a resposta dada por Kushner e dão uma resposta oposta: "Não é assim, não. Compreendemos a tristeza que você passou, mas a Bíblia dá uma resposta diferente sobre Deus". Esses cristãos podem perguntar à pessoa que sofre: "Você tem sede de respostas que o ajudem a continuar a viver quando o coração está partido? O que você precisa é de um Deus forte e varonil. Você precisa de um Deus que tenha tudo sob Seu cuidado e controle, que seja soberano e faça o mundo girar. Você precisa de um Deus másculo e forte. Quanto mais teologia você absorver, melhor; preferivelmente em muitos volumes de teologia com referências ao grego e ao hebraico. Desta forma, você conhecerá o Deus verdadeiro, o Deus dos teólogos, o Deus forte, sem adição de açúcar, puro, o Deus do suco de limão concentrado".

A Bíblia fala de um Deus que vê o mundo pecaminoso e sabe que o pecado precisa ser punido, embora esse mesmo Deus esteja interessado em transformar as pessoas e torná-las santas. Ele está interessado em cutucar, empurrar, estimular e insistir para que você siga em direções difíceis. E Deus está preparado para usar o sofrimento para transformar sua vida. Ele tem todo o poder e é soberano sobre absolutamente tudo neste mundo. Ele conhece cada pensamento seu, cada palavra que você já pronunciou, mesmo quando falou bem baixinho e nos seus momentos mais difíceis. Esse Deus dá sentido ao seu sofrimento e tem propósitos bons.

No entanto, um Deus cujo único propósito soberano seja nos transformar não pode vir ao nosso encontro no sofrimento. Um livro cristão pode dar uma lista de dezesseis motivos pelos quais o sofrimento é *realmente* bom para você. Rabino Kushner, seja sincero: foi bom que o seu filho tenha morrido tão jovem? Ou, Joni, fale a verdade: muita coisa boa resultará do fato de você estar tetraplégica a ponto de não conseguir fazer mais do que piscar os olhos? Na verdade, meia dúzia de coisas boas já aconteceram. As pessoas estão orando por você. Não é bom que algumas pessoas que nunca oraram passaram a orar? Você não fica feliz por jazer em uma cama sem conseguir se mexer, mas certa de que as pessoas estão orando?

Esse tipo de resposta parece satisfatório? Ele pode conter algumas verdades, mas também deixa a alma perplexa e temerosa. Um Deus que é *apenas* severo, forte, soberano, másculo, que está no controle de tudo e faz o mundo girar conforme Seus planos, é um Deus azedo.

A Terceira Via: o Deus compassivo e soberano

Você diz que mal pode suportar a dor que sente? A sua alma está sedenta, seu coração partido, sua mente perplexa e sua força no ponto zero? Você acha que não vai conseguir passar mais um dia na situação em que Deus o colocou? Você precisa conhecer dois fatos sobre Deus. Você precisa saber que Deus proporcionou esse sofrimento. Você precisa saber que Ele é suficientemente sábio, que Ele não recua e que decretou todas as coisas que já lhe aconteceram. Ele é forte. Ele é poderoso e tem Seus próprios planos. No entanto, você precisa igualmente saber que esse Deus é também indescritivelmente compassivo. Ele é um Deus terno. Ele é mais misericordioso do que qualquer mãe. Ele é o Deus que é forte, que faz o mundo girar, mas cuja compaixão entrelaça todas as coisas - *esse* é o verdadeiro Deus. Ele é o Deus da limonada devidamente adoçada capaz de tirar a sede de uma pessoa numa tarde quente de verão.

O Deus da Bíblia é o Deus forte, poderoso e onipotente, cujo amor e compaixão estendem-se até aos pregos que perfuraram as mãos do Seu Filho. Ele é o equilíbrio entre o Deus *açúcar* e o Deus *limão*. Ele é o Deus verdadeiro. Ele é o Deus vivo. E Ele pode ajudar você.

II. Canções para a Alma, Curas Vindas do Coração

(Joni Eareckson Tada)

Aos dezessete anos, eu estava certa de ter todos os meus conceitos teológicos devidamente organizados. Conheci a Cristo por meio do ministério Young Life (Vida Jovem), participava de um grupo de estudos bíblicos e ia à escola dominical. Eu conhecia Tiago 1.2,3: "Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz a perseverança". Eu achava que daria as boas-vindas às provações e que seria bom para mim que eu as enfrentasse, especialmente quando suava vinte e cinco voltas ao redor de um campo de hóquei. Aquelas voltas fariam bem para me manter em forma! Eu não seria surpreendida por nenhuma prova de fogo! Sim, eu daria as boas-vindas às provações. Eu até acreditava que ficar esperando um rapaz que não apareceu para um encontro marcado na sexta-feira à noite era parte da vontade de Deus e que tudo cooperava para o meu bem e para a Sua glória. Tudo em minha vida estava no devido lugar. Todos os meus conceitos teológicos estavam em ordem.

Uma vida transformada

Certo dia, numa tarde quente do verão de 1967, um acidente de mergulho esmagou minha quarta vértebra cervical e imobilizou minhas mãos e pernas. Eu ainda tenho bons músculos no ombro e os bíceps parcialmente razoáveis. Abaixo do pescoço, isso é tudo. Deitada naquela cama de hospital, confusa, alienada, isolada e solitária, eu me sentia como se o próprio Deus tivesse pegado um bocado de limões e começado a atirar nos meus conceitos teológicos até então bem organizados. Ele os abateu um por um quando me derrubou naquela cama.

Para mim, Deus era alguém muito mal-humorado, insuportavelmente azedo, amargo ao paladar. Eu não tinha problemas com Sua soberania. Eu sabia exatamente qual era o problema: o fato de que Deus poderia

ter impedido meu acidente, mas não o impediu, fez com que a lesão na medula parecesse uma bofetada vinda dos céus.

Minha confusão a respeito de Deus, meu ressentimento e minha amargura contra Ele tinham a ver com o Deus doce e coberto de açúcar que eu tinha engolido durante minha vida de escola dominical. Jesus era a figura de um Deus que repartia o cabelo no meio e caminhava por campos de lírios. Ele alimentava os passarinhos, tudo ao som de um órgão. Jesus era alguém que a sua mãe adoraria que você amasse, alguém que jamais se sujaria com uma invalidez como a minha. É claro que aquilo não poderia ser a vontade de Deus para mim. Até aquele ponto em minha vida, Jesus era minha máquina pessoal de moedas para obter o que eu desejasse. Ele veio para que eu tivesse vida, e vida em abundância! Tudo dizia respeito a *mim*. *Eu* gostei do sermão? *Eu* aprendi alguma coisa com minha leitura? O *meu* tempo devocional foi uma bênção para *mim*? Eu li recentemente algo na Bíblia que fez sentido para *mim* ou falou para *mim* de forma especial? Em resumo, Deus existia para *me* ajudar, *me* agradar, focado em *mim* e para tornar a *minha* vida feliz, significativa e livre de problemas. Afinal de contas, eu tinha feito um grande favor a Ele quando eu O aceitei como meu Salvador.

Por isso, quando cheguei naquele hospital alguns anos após abraçar a Cristo como meu Senhor e Salvador, quando fiquei internada na ala geriátrica de um hospital público por quase dois anos, eu me senti coberta de razão em meu desrespeito e indiferença para com Deus. Eu tinha me alimentado com tantas colheradas de açúcar que fiquei saturada daquele conceito doce de Deus. Ele era um Deus com "d" minúsculo. Ele era alguém fácil de engolir. Antes do meu acidente, eu estava convencida de que Deus me amava e que tinha um plano maravilhoso para minha vida. Deitada naquela cama de hospital após o acidente, totalmente paralisada, eu já não estava tão certa quanto ao Seu plano. Por muitas noites escuras e solitárias eu me senti como o quadro *O Grito*, do artista norueguês Edward Munch. Essa pintura representa um homem com as mãos no rosto esquelético, que dá um grito silencioso e assustador. Era assim que eu me sentia: o grito! Eu estava desesperada e só. Eu gritava perguntas cheias de ira para Deus: "Por quê? Por que eu? Por que não as pessoas que já sabem o que é viver com uma incapacitação? Por que eu?".

Como eu não podia dar um soco no nariz de Deus, eu o atingia por meio das pessoas que lhe pertenciam, que se sentavam ao lado de minha cama com a Bíblia aberta. Cada pergunta irada que eu fazia aprofundava minha alienação e meu desespero. A distância entre mim e Deus aumentava. Em uma noite em particular, deitada naquele quarto de hospital após o fim do horário de visitas, eu comecei a lamuriar, cheia de medo. Eu não podia chorar à noite, após o término do expediente das enfermeiras, pois ninguém estaria por perto para enxugar meus olhos ou limpar meu nariz. Já era ruim o bastante estar paralisada, pior ainda seria estar paralisada e suja. Por isso, mordi o lábio inferior em angústia. Eu pensava no horror de passar o resto da vida sem usar as mãos e as pernas.

O ponto decisivo

Certa noite, após as enfermeiras encerrarem seu expediente, virei a cabeça no travesseiro e olhei pela grade de segurança da minha cama hospitalar. As luzes do posto de enfermagem, que ficava fora da minha ala, refletiam no chão de linóleo. Vi uma figura escura e indistinta rastejando com as mãos e os joelhos no linóleo. Fiquei apavorada! Minhas companheiras de quarto estavam dormindo. Eu não sabia se deveria acordá-las. Quando aquela figura chegou mais perto, entendi que estava vindo em direção à minha cama! No momento seguinte, uma pessoa aproximou-se e apareceu por entre as grades. "Jackie, o que você está fazendo aqui?" A figura fantasmagórica era Jackie, minha colega de escola com quem eu compartilhava tacos de hóquei, milk-shakes e amigos. "Jackie, se eles pegarem você aqui, vão expulsá-la!" "Shhh!", ela respondeu. Silenciosamente ela ficou de pé. Com um ruído delicado, baixou a grade da minha cama. Como costumam fazer as meninas quando dormem na casa das amigas ou participam de uma festa do pijama, ela se aconchegou ao meu lado e colocou a cabeça no meu travesseiro, encostada na minha. Ela pegou em minha mão, e a suspendeu no ar. Eu não conseguia sentir, mas na luz indistinta eu pude ver seus dedos entrelaçados aos meus, apertando firmemente minha mão. Ela virou a cabeça para mim e de forma bem suave e calma começou a cantar:

> Varão de dores, mas que nome!
> Para o Filho de Deus
> Que veio reclamar para Si
> Pecadores arruinados
> Aleluia! Que Salvador!

Não sei o que aconteceu naquela noite, mas pareceu que algo destravou em meu coração. O medo começou a se dissipar. As perguntas cheias de ira desapareceram. Deitada naquele lugar, com a doçura e o consolo de uma amiga segurando minha mão, lembrando-me não somente do Senhor da alegria, mas também do Homem de dores, de repente eu me senti melhor. Se naquele momento Deus respondesse todos os meus porquês, não faria diferença. Seria como derramar milhões de litros de verdade em meu cérebro do tamanho de um grão de ervilha! Foi exatamente naquela noite que algo mudou. Não havia mais só os limões. Também não havia mais os montões de açúcar. Aquela canção saciou algum tipo de sede profunda e indescritível em mim. Aquela foi a primeira vez que experimentei a limonada devidamente adoçada: Deus. Algo forte aconteceu dentro de mim. Depois daquilo, as minhas orações tornaram-se bem mais ardentes: "Rompe os céus, Senhor. Desce. Se tens consolo, eu preciso dele! Estou perdida. Eu quero que me encontres. Deixa as noventa e nove ovelhas no campo e vem me resgatar. A minha alma tem sede de Ti. O meu corpo Te deseja em uma terra seca e exausta, onde não há água". De repente, as passagens do *Livro de Oração Comum*, que eu tinha memorizado quando criança na Igreja Reformada Episcopal, voltaram a ter vida: "Pai Todo-Poderoso e cheio de misericórdia, nós Te agradecemos humilde e sinceramente por toda a Tua bondade e benignidade para conosco". Eu sentia como se, de repente, Deus tivesse se tornado o Papai que estende os braços, pega a filha no colo e bate em suas costas, dizendo: "Calma, querida, calma. Tudo está bem. Papai está aqui. Está tudo bem".

Uma criança cai da bicicleta e rala o joelho. Enquanto segura a perna que sangra, olha para o rosto do pai e grita "Por quê?". Poucos pais cruzariam os braços, olhariam para o filho e diriam: "Bem, filho, da próxima vez que você estiver andando de bicicleta e for fazer uma curva acentuada a uma velocidade alta, por favor, observe a trajetória da sua curva e certifique-se de que você atentou para a aspereza do asfalto". Isso seria uma resposta boa, seca e técnica para a pergunta "Por quê?". Uma criança, porém, não quer essa resposta. Ela quer que seu pai a pegue no colo e lhe dê um tapinha nas costas, dizendo: "Tudo vai ficar bem". E foi isso o que eu senti naquela noite: a garantia do meu Pai de que a minha vida não estava girando descontrolada nem iria se despedaçar em um caos alarmante. Eu tinha a promessa paternal de que Deus, o Deus "limão adoçado", estava bem presente em meu sofrimento.

Antes do acidente, eu colocava toda a minha paixão nas coisas que faziam minha vida feliz, saudável e livre de problemas. No entanto, quando algo dizia respeito a Deus, as coisas eram feitas de forma estéril e mecânica. O meu tempo devocional era regulado. Minha vida de oração era uma rotina. Meu conhecimento da Bíblia e meus princípios teológicos estavam todos alinhados de uma maneira apropriada. Eu seguia os passos A, B e C para conhecer a Deus melhor. Deus era uma parte importante da minha vida, uma parte que tinha sido colocada em seu devido lugar. Ele estava lá para fazer a minha vida caminhar de modo eficiente e regulado.

No entanto, aproximar-se de alguém, seja Deus ou outra pessoa, não é uma questão de técnica fria. Não é uma questão de regimes e rotinas, nem é algo mecânico. Não, quando queremos nos aproximar de alguém, seja Deus ou outra pessoa, é necessário unir os corações. Um relacionamento forte é sempre o entremear de vidas no compartilhar de experiências. Eu precisava de Deus na experiência do meu corpo quebrado.

Naquela cama de hospital, encontrei uma doce união com Deus no compartilhar de uma experiência significativa. Meu acidente e suas consequências foram algo horrível e confuso. Foi um risco, pois poderia ter-me levado a Deus ou afastado dEle. Também foi sofrimento: o cheiro de urina, a dor no pescoço, a mesmice da rotina diária, o desconforto da cadeira de rodas e muitas outras coisas. A aflição e o sofrimento, porém, ataram o meu coração ao de Deus. Depois daquela noite com minha amiga Jackie, parei de perguntar "Por quê?" com os punhos cerrados contra Deus. Em vez disso, comecei a fazer perguntas com um coração que busca a Deus.

Jornada aos recônditos do coração de Deus

Após deixar o hospital, conheci Steve Estes. Ele era um rapaz de dezessete anos de idade, alto e desengonçado, que tinha o coração voltado para Deus e muito conhecimento da Bíblia. Perguntei a ele se poderia me ajudar a entender minhas dúvidas honestas e difíceis, e a cada pergunta difícil que eu fazia, Steve dava-me boas doses da limonada do verdadeiro Deus.

Alguns meses depois, fui para o Hospital Universitário Johns Hopkins para tratar uma infecção nas unhas da mão. A infecção era séria, e os médicos tiveram que arrancar todas as minhas unhas. Eu ainda estava nos primórdios da minha paralisia, tentando entender os por-

quês e os motivos do meu acidente, mas eu já tinha passado tempo suficiente com Steve e recebido doses suficientes de limonada para saber que a despeito da paralisia, e mesmo sem as unhas, eu poderia alcançar um novo grau de confiança e segurança em Deus. No entanto, fiquei assustada quando eles me enrolaram às pressas em cobertas, colocaram-me numa maca e puseram-me numa ambulância para seguir o longo caminho até Johns Hopkins. A clínica estava cheia. O único lugar disponível era uma maca junto a um aquecedor na sala de espera. Meus olhos vagueavam dos frisos ornamentais do teto à abóbada de vidro em cima de mim, até que se voltaram para o centro da sala de espera. Suspirei. Havia uma estátua de seis metros de altura representando Jesus Cristo, de braços bem abertos. Esforcei-me para ler a placa na base da estátua. Era um verso das Escrituras: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28). Eu podia confiar em Deus mesmo se perdesse as unhas. Comecei a cantar um hino:

Jesus, eu estou descansando, descansando,
Na alegria daquilo que Tu és.
Eu estou descobrindo a grandeza
Do Teu amoroso coração.

Olhar para aquela estátua fez-me lembrar algo que Steve tinha me ensinado. Ela tinha sido esculpida por um escultor dinamarquês, Bertzhold Thorwaltzen. Quando a esculpiu, ele viu a forma de Jesus presa dentro daquele grande bloco de mármore. Michelangelo expressou-se com estas palavras: "A responsabilidade do escultor é simplesmente pegar o malho e a talhadeira e ir lascando até libertar a figura". Era o que Steve tentava me dizer.

Dentro de mim e de você está a bela forma, a expressão visível de Cristo em você, a esperança da glória. Ele vive dentro de cada cristão. O Espírito Santo mora no coração do crente. Steve tinha me ensinado: "Joni, Deus quer usar a sua aflição como um martelo, como um formão, para cortar e lascar, a fim de produzir em você a imagem do Filho". Era difícil recordar estas palavras, sabendo que eu teria as minhas unhas das mãos arrancadas. Quando, porém, olhei para aquela estátua de mármore de braços estendidos e vi as marcas dos pregos nas suas mãos, pensei: "Não é pedir demais – minhas mãos ficarão sem unhas, mas as dEle já foram perfuradas por pregos".

O sofrimento tem seu modo de nos anular, apagar, de aplicar em nós um jato de areia polidor. Ele nos humilha. O sofrimento tem o efeito de limpar, talhar e revelar o material do qual somos feitos. Muitas vezes, não é algo bonito de ser ver. O sofrimento faz-nos lembrar que a nossa atitude deveria ser a mesma de Cristo Jesus. Ele Se esvaziou e Se humilhou (Fp 2.5-8). Não deveríamos fazer o mesmo ao carregarmos nossa cruz? Apesar de esmagados, não somos destruídos. Carregamos sempre em nosso corpo a morte do Senhor Jesus Cristo, para que Ele possa ser revelado em nós. Deus nos dá o polimento. Deus nos refina. Para impedir que nos tornemos arrogantes, Ele nos dá espinhos na carne. Deus continua a martelar.

- Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a Tua palavra. (Sl 119.67)

- Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os Teus decretos. (Sl 119.71)

Deus usa o sofrimento para limpar o pecado do nosso coração, fortalecer nosso compromisso com Ele, estender nossa esperança e disciplinar nosso pensamento, fazer-nos aprofundar na Sua Palavra, unir nossa vida à de outros crentes e desenvolver em nós uma espectativa viva e sinceramente alegre do céu, para que no fim esperemos ansiosamente o nosso Salvador, o nosso Senhor Jesus Cristo. Um dia, pelo Seu poder, Ele transformará nosso corpo finito para que seja igual a Seu corpo glorioso.

Eu mal posso esperar para poder pular, dançar, chutar e fazer aeróbica, dançar uma giga, uma quadrilha e rock and roll no céu. Vai ser uma festa daquelas! Gostaria de poder levar minha cadeira de rodas para o céu (eu sei que isso não é teologicamente correto). Se eu pudesse, eu não levaria minha cadeira de rodas de viagem, bonita e fácil de manusear, mas levaria a cadeira de rodas grande, velha, desajeitada, suja e empoeirada, que está em minha casa, com suas rodas rangendo e com seu tamanho incômodo. No entanto, não vou sentar nessa cadeira. Ficarei em pé sobre pernas glorificadas, boas, ao lado do Senhor Jesus. Pegarei em Suas mãos, sentirei as marcas dos pregos e direi ao meu Salvador: "Senhor Jesus, obrigada por morrer por mim e por muitos outros". Ele saberá que minha gratidão é sincera, pois Ele me reconhecerá como alguém que compartilhou Seus sofrimentos e carregou a cruz, morrendo para o pecado pelo qual Ele morreu na cruz, tornando-se como Ele em Sua morte. Ele me reconhecerá, e eu direi: "Senhor Jesus, o Senhor está vendo aquela cadeira de rodas? Antes de mandá-la para o inferno (isso também não está na Bíblia), eu quero Lhe dizer algo sobre ela. Senhor, eu vivi naquela coisa por mais de trinta e cinco anos. O Senhor estava certo ao dizer em Sua Palavra que enfrentaríamos problemas, mas acredite que quanto mais fraca eu me sentia naquela coisa, mais eu dependia do Senhor, e quanto mais eu dependia do Senhor, mais eu descobria o quanto o Senhor é forte. Senhor Jesus, bendito seja o Senhor, e obrigada pela graça mais que suficiente, tão suficiente que eu podia encontrar motivo de orgulho em minhas aflições, alegrar-me na enfermidade e gloriar-me nas minhas limitações. Eu sabia que mais do Seu poder repousaria sobre mim".

O sofrimento tem seu modo de operar, não é mesmo? Ele quebra nosso coração, quebra o recipiente humano e abre bem a alma para que ela possa receber mais de Deus. A essência do que somos é transformada à semelhança de Cristo de glória em glória. Não devemos focar o martelo e o formão. Eu não posso permitir que esta cadeira de rodas se torne aquilo que me define, nem as infecções na bexiga, os problemas de pulmão, o enrijecimento, a dor, a paralisia. Não, eu não posso focar o martelo e o formão. Eu tenho que focar o escultor. É Ele quem segura o martelo e o formão. Ele já demonstrou ser mais hábil do que eu poderia imaginar. Você tem medo que Deus torne as coisas piores? Você tem medo que Ele lhe dê um filho com um defeito de nascença, que Ele o largue com o mal de Alzheimer em uma casa de saúde ou que o deixe totalmente sem dinheiro? Não se preocupe. Deus não é um escultor excêntrico nem descuidado. Ele nos garante em Jeremias 29.11: "Eu é que

sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais".

O nosso corpo pode sofrer injúrias, mas a nossa alma fica mais e mais estável. Descobrimos o que o apóstolo tinha em mente ao dizer que ele conseguia estar triste, mas sempre alegre. Nós não temos nada, mas possuímos tudo. Esse martelar para dar forma, esse processo de talhar, não vai terminar até que sejamos completamente santos. Não há como *isso* acontecer antes do céu. É por isso que eu aceito minha paralisia como uma condição crônica: Homem de dores, Cristo em você, a esperança da glória.

Quando quebrei meu pescoço, toda aquela abordagem fria, mecânica, técnica e metódica da vida teve fim. Eu aprendi que a minha paralisia não era um quebra-cabeça complicado que eu tinha que montar. Não era uma sacudida para me colocar nos trilhos. Foi o início de uma jornada longa e difícil, mas agradável, que me levou mais e mais fundo aos recônditos do coração de Deus.

III. A Cura que Vale para o Presente e para a Eternidade

(Joni Eareckson Tada)

Carla Larson tinha muitas incapacidades. A raiz dos seus problemas era uma forma severa e rara de diabetes. Ela teve as duas pernas amputadas. Estava praticamente cega e passou por um transplante de rins. Sofreu um ataque do coração e passou por várias angioplastias. Ela sofreu constantemente de um edema. Carla sofreu muito.

Carla inscreveu-se para um dos retiros do ministério Joni e Amigos. Quando vi pela primeira vez sua ficha de inscrição, eu sabia que tinha de conhecê-la. Na chegada, olhei para ela e disse: "Carla, fico muito feliz que você pôde vir!". Ela respondeu: "Bem, eu achei melhor vir antes que eu perca mais partes do meu corpo!".

Aquela mulher teve um tempo muito bom no retiro. Ela apreciou muito os estudos bíblicos, as devocionais e os tempos de oração, as sessões plenárias, as oficinas, os passeios de cadeira de rodas e até os momentos de dançar quadrilha de cadeira de rodas. Era só propor, e ela fazia. No final da semana, quando foi para casa, ela me mandou um pacote: uma das suas próteses de plástico de um pé, com um bilhete preso no dedão. O bilhete dizia: "Querida Joni, já que não posso estar inteira com você o tempo todo, parte de mim estará!". Ela não tinha perdido o senso de humor.

No entanto, Carla teve suas lutas no retiro. Ela sabia que mais três dedos teriam que ser amputados e que sua visão continuava a deteriorar. A gangrena continuava a comer um dos seus tocos de perna, e os médicos queriam amputar mais acima. Com uma cegueira ganhando terreno, e com mais amputações pela frente, ela pensava: *Estou tão cansada. Será que vale a pena continuar?*

Vale a pena continuar?

Naquele retiro, durante um dos intervalos, Carla e eu encontramos um canto silencioso onde conversamos e oramos. Concordamos que é difícil viver com uma incapacitação, e muitas vezes a tentação de desistirmos é forte. Por fim, chegamos à sua grande questão: "Vale a pena continuar?".

Talvez você possa se identificar com a pergunta de Carla, embora você tenha todas as partes do corpo. Você provavelmente já disse alguma vez: "Vale a pena? Estou tão cansado(a). Senhor Jesus, eu não tenho forças nem para vencer esse dia".

Compartilhei com Carla a história de como o apóstolo Paulo, sobrecarregado com uma incapatação, gemia em seu tabernáculo terreno, que estava se desfazendo. Ele desejava partir e estar com Cristo, mas (e esse *mas* é muito importante) ele diz em Filipenses 1.24: "Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne". "Carla", eu disse, "você pode pensar que é muito melhor partir e estar com Cristo neste exato momento, mas é mais necessário que você fique. Pois enquanto você ficar aqui na terra com esse corpo, a sua família e os amigos poderão aprender algo sobre Deus, observando a sua maneira de enfrentar o sofrimento".

Pessoas como Carla, que permanecem entre nós, contribuem mais do que podemos imaginar para a nossa caminhada espiritual, para o nosso crescimento e maturidade. Pessoas que enfrentam grandes conflitos sempre têm algo a dizer aos que enfrentam conflitos menores.

Deus permite que aconteça aquilo que Ele odeia para realizar aquilo que Ele ama. Por quê? Muitas pessoas na nossa cultura sentem-se de ombros caídos, esgotadas, infectadas com um espírito de murmuração, quase de derrota. Essas pessoas precisam do poder desses exemplos. Hebreus 6.12 diz claramente: "Para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdam as promessas". Eu quero imitar Carla. Deus considera indispensáveis os membros mais fracos do Seu corpo, como Carla (1Co 12.22).

Após o ataque terrorista na cidade de Oklahoma, em 1995, um amigo convidou-me para ajudar no aconselhamento das famílias que estavam esperando notícias dos seus amados que haviam desaparecido. Peguei um avião e fui para a cidade de Oklahoma. Antes de ir para a igreja onde as famílias estavam isoladas, precisei ir ao Centro Americano da Cruz Vermelha para tirar as impressões digitais, ser autorizada e credenciada. Enquanto eu entrava de cadeira de rodas, os voluntários armavam mesas e cadeiras, amontoavam formulários, refrigerantes e bandejas de donuts. Uma mulher alta, de avental branco e com aparência de oficial, viu-me chegar em minha cadeira de rodas. Ela gritou para mim do outro lado da sala: "Oh, meu Deus, estamos felizes por você estar aqui!".

Eu me dirigi a ela e me apresentei. Logo ficou claro que ela não me conhecia. Após conversarmos um pouco, perguntei: "Perdão, mas a senhora poderia me dizer por que ficou tão feliz por me ver chegar a este prédio?". Ela respondeu: "Oh, querida, quando alguém como você chega numa cadeira de rodas neste lugar onde as pessoas vêm procurar aconselhamento ou ajuda - gente que passou por alguma crise como, por exemplo, um terremoto, uma grande necessidade material ou uma tragédia terrível como esta - querida, quando você senta do outro lado da mesa para ajudá-las a preencherem formulários ou para distribuir refrigerantes e donuts, quando elas vêem esse seu sorriso brilhante e testemunham a forma de você lidar com suas crises pessoais, isso fala muito a elas. Por isso, você poderia me dizer onde podemos encontrar mais pessoas como você para que venham para cá?".

Aquela mulher nunca leu 1Coríntios 12.22. Ela não sabia que Deus disse que os membros mais fracos são indispensáveis. Ela não fazia ideia de que o Senhor Jesus disse para irmos, encontrarmos e buscarmos os incapacitados, a fim de sermos abençoados. Não obstante, ela entendeu o poder do exemplo. As pessoas de ombros caídos e coração desanimado precisam imitar aqueles que, pela fé e paciência, herdam as promessas de Deus.

Quando as pessoas chafurdam no lodo dos seus problemas, quando estão infectadas com o espírito da murmuração, quando são indolentes como os crentes mencionados em Hebreus 6.12, elas precisam de lembretes de que o poder de Deus opera de verdade, não apenas na teoria, mas na realidade de vida de outras pessoas.

Carla tinha um testemunho ousado por Cristo

Essa é a razão pela qual era necessário que Carla permanecesse entre nós. Em Colossenses 1.24, Paulo coloca a questão da seguinte forma: "Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do Seu corpo, que é a igreja". Todos nós sabemos que não há nada faltoso na obra de Cristo na cruz. Ele disse: "Está consumado". Falta, porém, algo no que diz respeito a demonstrarmos a história da salvação para as pessoas. Jesus não está presente de forma corpórea, mas nós estamos. As pessoas que sofrem não podem ver Jesus carregando diariamente Sua cruz, mas podem olhar para aqueles de nós que estão inválidos. Quando sofremos e enfrentamos nosso sofrimento pela graça de Deus, somos como cartazes ambulantes. Fazemos propaganda da forma positiva com que Deus opera na vida de uma pessoa para o bem de outros crentes. Somos um em Cristo, misteriosamente ligados uns aos outros. As suas vitórias tornam-se minhas. As vitórias de Carla tornaram-se minhas vitórias (1Co 12.26). Ninguém é uma ilha e "nenhum de nós vive para si mesmo, nem morre para si" (Rm 14.7). Carla sabe que Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para envergonhar as sábias. Ele escolheu as coisas fracas deste mundo para envergonhar as fortes. Ele escolheu as coisas humildes deste mundo para que ninguém se glorie diante dEle. Deus usou Carla para envergonhar os sábios conforme o mundo, que zombam dEle. Ela envergonha os de dura cerviz, que confiam na própria força. Eles não chegam aos pés da fé corajosa e forte de Carla. De que outra maneira a glória deles seria anulada? De que outra maneira eles seriam destituídos da confiança em sua forma física, seus sorrisos brilhantes e fotogênicos, sua grande capacidade mental e seus troféus e placas de bronze na parede?

Conversando com Carla, eu disse: "Carla, se você perder outro dedo, o mundo ao redor será obrigado a engolir o orgulho e ficar de queixo caído, sem acreditar na persistência da sua fé em Deus". Essa é a verdade. Carla era louca ou confiava em Deus, mesmo sem pernas, com meio rim, com a visão e o coração falhando, e com as pernas e dedos amputados. Ou ela era louca ou Deus estava vivo por trás de toda a sua dor. Para Carla, Deus era muito mais do que uma mera premissa teológica.

Algumas afirmações do cristianismo são bastante claras e radicais. Quanto mais fortes elas forem, mais forte também tem que ser sua comprovação. Deus convida zelosamente os incrédulos e alguns crentes

vacilantes a examinarem o alicerce da fé de pessoas como Carla. Seu testemunho é tão ousado quanto as afirmações sobre as quais ele repousa. Isso faz as pessoas pensarem melhor sobre Deus. As aflições de Carla trouxeram benefícios às pessoas. Elas iluminavam com maior intensidade a glória de Deus. Hebreus 13.15 diz: "Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o Seu nome".

Suponha que alguém comprasse para você um jogo de fronhas bordadas à mão. Se você for como eu, você ficaria emocionado e mostraria o presente aos seus amigos com orgulho. Em poucos dias, porém, você dobraria as fronhas e as guardaria no armário. Talvez em algumas semanas, você as esqueceria totalmente. Agora, suponha que Carla tivesse bordado aquele jogo de fronhas especialmente para você. Essa pessoa tão especial pegou a agulha e a linha, e à custa de muita dor, deu cada ponto. Ela parou várias vezes para esfregar os dedos, tomar uma aspirina e colocar uma bolsa de água quente nas mãos antes de retomar a agulha, bordando lentamente até precisar parar mais uma vez por causa da dor. Você ficaria pasmo por aquela pessoa ter feito isso para você. Aquele jogo de fronhas seria algo incrível. Você o colocaria em uma moldura e a penduraria na parede. Você o mostraria a todos que chegassem à sua casa: "Veja o que Carla bordou à mão para mim! Não é maravilhoso?". Seria um presente imensamente precioso e de alto valor. Você pensaria imediatamente no empenho, na dor e no sacrifício que foi preciso para que Carla pudesse oferecer um presente desses. Você se sentiria especialmente honrado por sua amiga especial.

No retiro de que ela participou, sentei-me atrás de Carla em uma das sessões plenárias. Ela estava em sua cadeira de rodas, cantando com os demais participantes:

> Tudo entregarei, Tudo entregarei
> Sim, por Ti, Jesus bendito
> Tudo deixarei.

Pensei comigo mesma: "Ela realmente entregou tudo." Eu sou tetraplégica, mas pelo menos tenho mãos e pernas. Mesmo que eu não sinta nada, é bom ver quando as pessoas apertam minha mão. Ela não tem nem isso. Ela não tem nada em seu corpo de que possa se orgulhar. Quando Deus olhou para aquela reunião do nosso retiro, Ele deve ter dado um largo sorriso. O foco das pessoas estava sobre Sua glória. Ele viu uma mulher que ofereceu a Ele um jogo de fronhas bordadas à mão, um verdadeiro sacrifício de louvor. Deus sempre se agrada de nosso louvor, mas Ele se enche de alegria quando o louvor tem o aroma de um sacrifício suave. O louvor de Carla revelava a glória de Deus. E esse louvor não fortalece também os outros crentes que o veem? O corpo de Cristo não fica mais forte? Quando observamos Carla, não sentimos o desejo de ir para casa e nos gloriarmos em nossas aflições, deleitarmo-nos em nossas enfermidades e fraquezas? Nós também queremos possuir o mesmo poder que repousa sobre Carla. É por isso que os membros mais fracos são indispensáveis.

Após o término do retiro, recebi um bilhete de Carla:

> Querida Joni,
> Depois de conversar com você, sinto que posso correr a corrida e

combater o bom combate novamente. Na verdade, a razão de eu não querer mais nenhum procedimento médico baseava-se em medo. Agora compreendo que minhas decisões não dizem respeito somente a mim, mas afetam minha família, meus amigos e outras pessoas que me observam. Estou viva por causa da graça, misericórdia e fidelidade de Deus para comigo. Por isso, quando surgir a necessidade de outra angioplastia, ou de qualquer outra intervenção médica, estarei pronta para enfrentá-la.

Com amor,

Carla

P.S.: Acabo de descobrir que tenho câncer no útero.

Carla morreu no ano passado. Conversei com ela no dia anterior à sua ida para o céu. Na tarde em que seu espírito deixou o corpo, ela estava em casa, descansando em paz, cercada por dezoito dos seus amigos mais íntimos, cantando hinos ao lado de sua cama. Eu acredito que quando o espírito de Carla Larson deixou seu corpo despedaçado, outras pessoas tiveram que engolir o orgulho. Outras ficaram de queixo caído, sem acreditar - não somente pessoas de carne e sangue, mas principados e potestades, exércitos celestiais e, sim, até aqueles que jazem na escuridão, os seres espirituais nas regiões celestiais. Efésios 3.10 diz: "para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais". Essas são as boas novas quando aconselhamos alguém que se sente abandonado, negligenciado ou recluso em um asilo. Essas são as boas novas para a pessoa que não tem muita chance de conviver com outras pessoas. Essas são as boas novas para o indivíduo cujo testemunho não exerce grande influência sobre ninguém ao redor, exceto talvez sobre um médico, ocasionalmente, que se detém alguns minutos para medir a temperatura, a pulsação e a respiração. Essas são as boas novas para aqueles que estão em solidão e sofrimento. Talvez ninguém neste mundo esteja vendo, mas uma quantidade enorme de "alguéns" está vendo. Os anjos, os exércitos celestiais, os principados e as potestades, ficam nas pontas dos pés observando ansiosamente e esperando para ver como você ou eu ou Carla responde a qualquer situação que o Senhor, em Sua vontade soberana, proporciona. Eles querem ver o quão grande é o Deus que inspira tanta lealdade.

Carla não tem mais necessidade de permanecer entre nós, mas é necessário que você e eu fiquemos até chegar nossa hora de irmos para casa. O céu é a linha final. Algo tão poderoso, tão maravilhoso e tão grande vai acontecer no ato final do mundo que, como disse Dorothy Sayers, terá valido a pena cada lágrima que você já derramou e cada dor que suportou. Algo tão incrível vai acontecer que será o suficiente. Até aquele momento, porém, é mais necessário que permaneçamos aqui.

IV. Das mãos de quem vem o sofrimento?

(Steve Estes)

Imagine a seguinte situação: você está dirigindo do trabalho para casa e no caminho há um terrível acidente. Uma mulher gravemente ferida está deitada na rua. Uma

artéria do seu braço foi rompida. O cenário é de uma grande confusão. Ninguém mais está por perto, e você não sabe o que fazer. Talvez você possa fazer um torniquete simples e estancar o sangramento até que o atendimento de emergência chegue ao local.

Agora, suponhamos que a visão do sangue deixe você nauseado. Ou talvez você fique aborrecido com o fato desse tipo de coisa acontecer. Imaginemos que você pense: "Por que essa mulher não colocou o cinto de segurança?" É possível que o culpado pelo acidente tenha fugido, e isso provoque a sua ira. E se a sua ira for contra Deus? E se você sentir medo? E se você entrar em pânico e desejar apenas sair do local? Muitas emoções conflitantes podem assaltá-lo ao mesmo tempo. No momento, porém, a questão é saber se as suas *emoções* o impedirão de fazer o que é necessário para manter aquela pessoa viva. Naquele momento, você precisa parar de sentir para começar a pensar e agir.

O lado racional do sofrimento é um pouco semelhante ao azedume de um limão. Às vezes, você mal sabe o que ou como pensar quando você ou alguém que você ama está sofrendo. Suas emoções estão à tona. Algumas pessoas sentem uma agonia tão intensa que não estão ainda prontas a ouvirem o que a Bíblia diz *sobre* o sofrimento e *sobre* Deus - o suco concentrado de limão parece forte demais. Um suco desses faria seu rosto se contorcer, mas os sentimentos de dor concentrados fazem você afundar em si mesmo. Você precisa agir. Eu recomendo fortemente que você procure um lugar silencioso, pegue o livro de Salmos, leia e chore. Procure um amigo, converse e chore. Permita que Deus lhe fale sobre Seu amor, misericórdia e bondade. Você precisa ouvir o que Deus diz aos que sofrem, e aquilo que os que sofrem dizem a Deus. Você precisa ver como os amigos se aproximam dos que sofrem.

Mais cedo ou mais tarde, você terá que se ver com a pergunta: "Qual a participação de Deus no meu sofrimento?". Ela não diz respeito a como Deus reage frente ao sofrimento, mas à sua participação em permitir que o sofrimento, inicialmente, aconteça. Deus provoca o sofrimento ou será que Ele só o permite? Ele planeja o sofrimento? Se Ele o planeja, Ele é diretamente responsável por causar o sofrimento ou o Seu envolvimento é indireto? Ele assiste de longe o que acontece no mundo? Ele vê o sofrimento chegar e reage apropriadamente, mas somente *depois* que a crise acontece? Quando Ele provoca o sofrimento, Ele age em juízo? Em misericórdia? As duas coisas?

Quatro fontes de sofrimento

Todas as coisas têm sua origem no plano de Deus. Ele governa o mundo nos mínimos detalhes e está por trás de tudo. Considerando o sofrimento, olharemos para quatro direções de onde ele provém. Em primeiro lugar, as forças inanimadas da natureza (furacões, enchentes, dias de chuva contínua) trazem prejuízos. Em segundo, o mundo animal pode nos fazer sofrer. Em terceiro lugar, os artefatos do homem e a tecnologia causam sofrimento por meio de acidentes ou problemas de funcionamento. E por fim, o sofrimento é causado pelo que as pessoas fazem a você quando pecam contra você e o machucam.

1. Forças inanimadas causam sofrimento

No princípio, Deus disse: "Haja luz, e houve luz". Deus criou o mundo e disse: "Apareça a porção seca", e "Assim se fez".

Após criar o mundo, Deus o manteve debaixo de Seu controle. Ele o governa segundo a Sua vontade. Deus disse a Noé: "Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus" (Gn 6.17).

Na época de Abraão, dizem as Escrituras: "Fez o SENHOR chover enxofre e fogo, da parte do SENHOR, sobre Sodoma e Gomorra" (Gn 19.24). E logicamente, lembramos das pragas do Egito: "E fez o SENHOR cair chuva de pedras sobre a terra do Egito (...) Somente na terra de Gósen, onde estavam os filhos de Israel, não caía chuva de pedras" (Êx 9.23ss). Deus não envia o sofrimento a todos em geral. Ele é específico quanto ao lugar para onde o envia. Deus controla as forças da natureza para que cumpram os Seus propósitos.

Lemos no Salmo 147: "Louvai ao SENHOR, porque é bom e amável cantar louvores ao nosso Deus. Ele envia as Suas ordens à terra" (v. 1a, 15a). Quais ordens? Os Dez Mandamentos? Não. "[Ele] dá a neve como lã e espalha a geada como cinza. Ele arroja o seu gelo em migalhas; quem resiste ao seu frio?" E o salmista continua: "Manda a Sua palavra e o derrete; faz soprar o vento, e as águas correm". Às vezes, Deus envia algo que esmaga as pessoas. Outras vezes, Deus envia o socorro no sofrimento. A questão é que Deus pode agir tanto de uma maneira como de outra. Jeremias coloca da seguinte forma: "Acaso não procede do Altíssimo tanto o mal como o bem?" (Lm 3.38).

Celebramos o último Natal com nossa filha recém-casada e seu marido, em meio a uma grande tempestade de neve. Moramos na floresta. A estrada de acesso à nossa casa é de terra, por mais de meio quilômetro, e bastante íngreme. É difícil deixar o local durante uma tempestade de neve. Minha filha e o marido planejaram passar a manhã conosco e a tarde com os pais dele. Na manhã de Natal, porém, nevou durante todo o tempo e, perto do meio--dia, recebemos uma ligação do pai do meu genro: "A neve está muito pesada; vocês não vão conseguir sair. Fiquem por aí mesmo". Para nós, aquilo foi maravilhoso, mas uma pena para os pais do meu genro. Eles teriam gostado muito de receber a visita do filho e da nora. Deus envia a neve; uma pessoa sorri e outra chora. Eu fui a pessoa que sorriu naquele dia!

Deus é singular no realizar Seus planos soberanos. Ele não manda as coisas "de forma geral" para a terra. Ele é muito específico. "Além disso, retive de vós a chuva, três meses ainda antes da ceifa; e fiz chover sobre uma cidade e sobre a outra, não; um campo teve chuva, mas o outro, que ficou sem chuva, se secou." (Am 4.7ss) Deus decidiu quais fazendeiros teriam chuva e quais não a teriam. Em Marcos 4, Jesus diz ao vento, à chuva e à tempestade: "Aquietai-vos!" - e eles obedecem. Até a chuva que caiu durante o seu piquenique no verão obedeceu à ordens de Deus. Até os terremotos aqui e ali obedecem. Ele mandou sol no dia da recepção ao ar livre do casamento da sua filha? Agradeça a Ele! Ele mandou uma tempestade naquele dia? Respeite-O.

2. Os seres vivos causam sofrimento

Os seus problemas, porém, podem vir de uma fonte diferente. Eles podem provir de outros seres viventes. Você pode ter problemas com o pólen do ar, que faz você espirrar tanto que não consegue se con-

centrar no culto ou na aula. Seu bichinho de estimação pode morrer. Seu cavalo pode tropeçar em um buraco, quebrar a perna e ter que ser sacrificado. Você pode pedir a sua amada em casamento à beira de um lindo lago... infestado de mosquitos! "Querida, tem algo que (tapa) eu quero (tapa) lhe dizer. Eu realmente (tapa) gostaria que a gente conversasse sobre (tapa)..." Quem controla esse tipo de coisa? Falando em situações mais sérias, quem controla as coisas quando um tigre ataca o treinador ou um cachorro morde uma criança?

O mundo vegetal e animal inclui os micróbios, as bactérias e outras fontes de doenças. Pense no corpo humano com suas disfunções celulares, suas mutações e suas deformidades genéticas.

O que Deus governa? Ele governa o mundo animal e o mundo vegetal. "Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves do céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria." (Gn 2.19a)

Deus usa os animais para cumprir Seus propósitos. O Senhor disse ao faraó: "Se recusares deixá-lo ir, eis que castigarei com rãs todo o teu território. (...) Do contrário, se tu não deixares ir o meu povo, eis que enviarei enxames de moscas sobre ti, e sobre os teus oficiais, e sobre o teu povo, e nas tuas casas; e as casas dos egípcios se encherão desses enxames, e também a terra em que eles estiverem" (Êx 8.2,21). Você já foi perturbado por moscas? É Deus quem envia cada uma delas. Ele envia os gafanhotos (Êx 10). Ele usa mulas. "Então, o SENHOR fez falar a jumenta, a qual disse a Balaão: Que te fiz eu, que me espancaste já três vezes?" (Nm 22.28). Quando os novos habitantes de Israel não adoraram ao Senhor, "mandou o SENHOR para o meio deles leões, os quais mataram a alguns do povo" (2Rs 17.25b).

Deus opera por meio de seres animados, grandes e pequenos. As incapacidades do nosso corpo são obra dEle. "Respondeu-lhe o SENHOR: 'Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR?'" (Êx 4.11)

3. Os artefatos do homem e a tecnologia causam sofrimento

É possível que você pergunte: "Eu entendo que o Senhor controla as forças da natureza. Eu acredito que Ele controla o mundo vegetal e animal. E quanto às máquinas e outras criações do homem? O que Deus tem a dizer sobre o universo da tecnologia humana? E quanto ao pneu do carro que fura na hora errada? Quem faz com que essas coisas dêem errado?".

Lemos sobre as carruagens, os antigos precursores dos automóveis: "[o Senhor] emperrou-lhes as rodas dos carros e fê-los andar dificultosamente" (Êx 14.25a). Deus governa o mundo dos artefatos. Um dos profetas companheiros de Eliseu tomou emprestado um machado. Enquanto trabalhava, o ferro do machado soltou do cabo e caiu no rio. O profeta não tinha dinheiro para comprar outro. Eliseu perguntou: "Onde ele caiu?". Deus mostrou a ele o lugar. Eliseu cortou um galho, jogou na água e o ferro do machado flutuou (2Rs 6.5,6).

Quando os três amigos de Daniel - Sadraque, Mesaque e Abede-Nego - recusaram-se a adorar os ídolos de Nabucodonozor, eles foram lançados em uma fornalha, mas saíram dela ilesos. Nabucodonozor disse: "Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que

enviou o Seu anjo e livrou os Seus servos" (Dn 3.28a).

Você está dizendo que Deus na verdade dita as ações das máquinas? Quando o carburador falha, foi Deus especificamente quem causou o problema? Ele alcançou o carro com Sua mão e soltou alguma peça? De modo geral, será que Deus não criou o mundo dentro de certo padrão, de acordo com leis estabelecidas por Ele? E visto que estas leis procedem dEle, depois de colocá-las em movimento, será que Ele não pode se afastar, assistir seu funcionamento e apenas ver o que acontece? Será que o envolvimento de Deus diz respeito ao dia-a-dia ou somente ao ato inicial de dar corda no mundo? É provável que a maioria dos cristãos evangélicos diga que Deus reage diante dos acidentes, mas que Ele não está envolvido quando eles acontecem - o que seria uma violação da "lei natural". A implicação é: se Deus não estiver realizando um milagre, não é Ele quem está operando. Apesar de ser um ponto de vista comum nos círculos cristãos, trata-se de uma forma de deísmo.

O teísmo diz que Deus criou o mundo e continua a governá-lo. O deísmo diz que Deus criou o mundo, mas não o governa hoje. Ele é como um proprietário ausente. Se Ele quiser, Ele pode responder às orações e aos clamores das pessoas, mas não se envolve na complexidade dos acontecimentos diários. Esse ponto de vista é bastante comum, mas não é bíblico.

O deísmo tem duas falácias significativas. A primeira, é que ele limita as obras de Deus aos milagres. Presume que Deus não opera nos aspectos comuns, diários e rotineiro da vida. Ouça o retrato que Colossenses 1.16,17 faz do envolvimento de Deus nos pequenos detalhes do mundo: "Tudo foi criado por meio dEle e para Ele. Ele é antes de todas as coisas, e nEle tudo subsiste". Todas as coisas.

As ações de Deus têm sido tradicionalmente divididas em duas categorias: os acontecimentos normais da vida (a providência de Deus), e as ações incomuns de Deus (os milagres). A providência, porém, é um ato intencional de Deus tanto quanto os milagres e os feitos incomuns. Em Êxodo, Deus dá esta lei: "Quem ferir a outro, de modo que este morra, também será morto. Porém, se não lhe armou ciladas, mas Deus lhe permitiu caísse em suas mãos, então, te designarei um lugar para onde ele fugirá" (Êx 21.12,13). Você consegue perceber a justaposição aqui? Matar alguém acidentalmente é o mesmo que Deus deixar que isso aconteça. A Bíblia não hesita em usar a palavra "acidente", pois ela descreve o acontecimento de uma perspectiva humana. No entanto, a Bíblia afirma claramente que quando um acidente acontece, é Deus que permite especificamente que ele aconteça.

A segunda falácia da noção de que Deus é um proprietário distante que meramente reage diante dos acontecimentos, sem os decretar, é esta: todos os acontecimentos, pequenos ou grandes, estão interligados. É o chamado efeito dominó. Cada coisa que acontece afeta todas as demais. Imagine o incêndio que devastou a cidade de Chicago em 1871. A tradição diz que ele teve início quando uma vaca derrubou uma lamparina dentro de um celeiro. Você pode pensar: "Este acontecimento é pequeno demais para causar tamanha devastação". No entanto, o que está por trás de um acontecimento pequeno como esse? Eis um possível cenário: a lamparina daquele celeiro específico estava normalmente

pendurada em um prego. Naquela noite específica, porém, ela não estava pendurada no prego; estava no chão, perto da vaca. Por que estava no chão e não no prego? Dois dias antes, o prego tinha sido arrancado. Como? O filho de doze anos do fazendeiro estava há meses pedindo ao pai que o deixasse guardar a carroça no celeiro. Seu pai nunca deixou. Naquela semana específica, o garoto guardou a carroça, que chegou um pouco perto da parede e arrancou o prego. Por que o garoto guardou a carroça naquele dia específico? O tio do garoto, que morava em Cincinnati, pegou pneumonia. Eles acharam que ele iria morrer; por isso, o pai do menino foi visitar o irmão. Como o pai estava longe, o garoto teve que guardar a carroça no celeiro. Aquele tio pegou pneumonia por visitar um amigo que estava com pneumonia. Ele chegou muito perto e ficou doente. Temos então dois casos de pneumonia, um garoto e uma carroça, um prego arrancado, uma lamparina derrubada e a cidade de Chicago inteira em chamas. É exatamente dessa forma que o mundo funciona, não é?

Se Deus não é o responsável pelo prego que foi arrancado, se Deus não é o responsável pelo garoto que guardou a carroça, se Deus não é o responsável pela pneumonia, que controle Ele tem, então, sobre um incêndio na cidade de Chicago ou sobre qualquer outra coisa? O motivo de Deus controlar essa parte da vida é que Ele controla o todo da vida.

4. As pessoas causam sofrimento

A dor causada por uma enfermidade, por um equipamento quebrado, por animais ou pelas forças da natureza é pequena se comparada ao sofrimento causado pelas pessoas. As pessoas que você ama fazem você sofrer. As pessoas em quem você confia vão embora da sua vida. As pessoas odeiam você e lhe causam uma vida miserável. As pessoas o oprimem ou julgam injustamente. Algumas pessoas são estupradas e tratadas do modo mais abominável possível. Outras são roubadas ou agredidas. Deus tem alguma participação nos atos perversos de pessoas perversas?

Vários anos atrás, Joni Eareckson Tada recebeu a seguinte carta:

> Querida Joni,
>
> Acabei de ler o seu livro, *Um Passo Mais*. Eu tenho uma pergunta que você talvez possa responder. Vou explicar o que nos aconteceu no último verão, e eu não acredito que Deus tenha algo a ver com isso. Estou tentando não colocar a culpa em Deus. Você diz que a sua paralisia foi vontade de Deus. Há vários anos, passamos por um terrível acidente de carro. Eu, meu marido e nossas duas filhas, Julie (com onze anos de idade) e Shannon (com oito), estávamos com o casal Smith, nossos amigos, e suas filhas, Debbie (com nove anos de idade) e Patty (com sete). Estávamos parados em um semáforo quando um motorista bêbado atingiu a parte de trás do carro, matando Debby e Patty e moendo a espinha da minha filha Shannon. Hoje ela está paraplégica.
>
> A minha pergunta é: Qual a vontade de Deus para esse acidente? O bêbado foi somente um instrumento de Deus? Se essa foi a vontade de Deus, o bêbado não deveria ir a julgamento. Isso tam-

bém se aplica a alguém que matou outra pessoa.

O que dizer a alguém nesse tipo de situação? Quem sou eu para escrever sobre sofrimento quando talvez dois terços dos meus leitores, talvez até mais, acumularam na vida um sofrimento tal que, de longe, ultrapassa o meu? Como falar a alguém que está sofrendo de forma mais intensa do que você já sofreu?

Foi exatamente esse o meu dilema quando visitei Joni pela primeira vez. Ela foi a primeira pessoa que conheci que usava uma cadeira de rodas. Ela levantou o braço, colocou sobre o braço da cadeira de rodas, e disse: "Diga-me, Steve, Deus tem algo a ver com meu acidente?". Ela disse isso despreocupadamente, mas dava para ver a seriedade nos seus olhos. O que responder? Eu fui criado num lar cristão, frequentei a escola dominical e meus pais faziam uma devocional todas as manhãs e noites. Não importava se chegássemos em casa à meia-noite, ainda fazíamos a devocional. Eu sabia a resposta para a pergunta de Joni, mas eu não tinha tido a chance de testar tudo aquilo que sabia. Até aquela época, minha maior provação, provavelmente, tinha sido um "D" em álgebra e um amor de adolescente que não vingou.

Há uma grande tentação de se *evitar* dizer a verdade azeda do limão sobre o que a Palavra de Deus diz. No entanto, ninguém vai realmente conseguir sair de seu sofrimento enquanto não conhecer a verdade sobre Deus. Por isso, Joni e eu conversamos sobre como Deus controla os planos e as ações humanas pelo fato de Ele controlar todas as coisas neste mundo, até mesmo você, e até mesmo a pessoa mais sórdida do planeta.

As Escrituras dizem: "O coração do homem traça o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos. Os passos do homem são dirigidos pelo SENHOR; como, pois, poderá o homem entender o seu caminho?" (Pv 16.9; 20.24). O destaque dessa passagem é que frequentemente as pessoas fazem algo, depois olham pra trás e não sabem por que fizeram aquilo. Se alguém perguntar "Você tomou aquela decisão?", elas dirão, "Sim, eu tomei aquela decisão. Ninguém me forçou a nada, mas eu realmente não consigo dizer o motivo de eu ter tomado aquela decisão."

A Bíblia diz que o Senhor dirige todas as coisas. "Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá" (Pv 19.21). E isso não diz respeito somente a indivíduos de personalidade fraca, que precisam receber ordens e dizem: "Só me diga o que fazer, e eu farei". Nem tampouco refere-se a pessoas quietas, reservadas e tímidas, mas também diz respeito a pessoas que fazem planos maravilhosos para sua vida. Para elas, o Senhor diz: "Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; Este, segundo o Seu querer, o inclina" (Pv 21.1). Deus é como um engenheiro do Oriente Médio, onde a água é escassa, que redireciona um rio para o uso na irrigação. Deus dirige o fluxo da sua vida para onde Ele quer.

Certa vez, o rei Acabe e o rei Josafá decidiram se juntar na guerra contra os arameus, mas queriam primeiro receber a aprovação de Deus (2Cr 18). Chamaram os profetas. Quatrocentos deles vieram e começaram a dançar, dizendo: "Sim, podem ir. Deus lhes dará a vitória". Eles disseram a Acabe e a Josafá exatamente o que eles queriam ouvir. Acabe, porém, estava

um pouco mais relutante, e Josafá, sendo um homem piedoso, disse: "Não há um verdadeiro profeta do Senhor com quem poderíamos falar?". Acabe lembrou: "Sim, há Micaías, mas eu o odeio, porque ele sempre fala coisas ruins sobre mim". Mesmo assim, eles o chamaram. Micaías disse exatamente o que Deus tinha mandado dizer: "O SENHOR falou o que é mau contra ti" (2Cr 18.22). Ele não disse algo do tipo "o Senhor recomenda insistentemente" ou "o subcomitê dos anjos decretaram que uma boa coisa a ser considerada seria...", mas "Deus falou". Acabe discordou de Micaías: "Isso não vai acontecer, pois vou me vestir como um soldado comum".

Como Deus fez a profecia de Micaías se cumprir? Um versículo notável nos diz que "um homem entesou o arco e, atirando ao acaso (sem mirar em ninguém em particular), feriu o rei de Israel por entre as juntas da sua armadura" (2Cr 18.33s). Acabe morreu ao pôr-do-sol.

Como Deus fez com que aquele determinado soldado anônimo atirasse e atingisse especificamente aquele rei vestido como um soldado comum? O soldado não ficou sabendo que atingiu um rei. É possível que quando ele esticou o arco, o sol o tenha cegado. Quem sabe? No entanto, Deus providenciou para que a flecha não somente atingisse Acabe, mas o atingisse entre as peças da armadura. Deus supervisionou o tempo e a física da flecha em sua trajetória. Mesmo assim, se alguém perguntasse àquele soldado no fim do dia:

- Alguém hoje forçou você a fazer algo que não planejava?

- Forçar-me a fazer algo que eu não planejava? Nem pensar! Eu derramei sangue de israelita por todo o campo de batalha!

Deus decretou exatamente o que iria acontecer, pois Ele supervisiona as ações de cada homem perverso. Isso inclui o mal que já fizeram a você.

Deus também planeja as boas ações humanas. Paulo escreve: "Mas graças a Deus que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós" (2Co 8.16). Deus coloca bons pensamentos, bons sentimentos e boas motivações nas pessoas. Costumamos dizer: "Deus, obrigado por colocar no coração de fulano contribuir com aquela quantia para a nossa igreja. Isso vem do Senhor. O Senhor supervisiona as finanças de cada pessoa". Ao mesmo tempo, aquela oferta foi de livre e espontânea vontade.

Deus guarda as pessoas do pecado - e também vigia os planos e as ações malignas delas.

- Mudou-lhes o coração para que odiassem o Seu povo e usassem de astúcia para com os seus servos. (Sl 105.25)
- Eis que endurecerei o coração dos egípcios, pra que vos sigam e entrem nele [o mar]; serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavalarianos. (Êx 14.17)
- Mas Seom, rei de Hesbom, não nos quis deixar passar por sua terra, porquanto o SENHOR, teu Deus, endurecera o seu espírito e fizera obstinado o seu coração. (Dt 2.30)
- O SENHOR fez todas as coisas para determinados fins e até o perverso, para o dia da calamidade. (Pv 16.4)

Deus planeja essas maldades ou simplesmente permite que aconteçam? Por um lado, Ele diz que permite. Com respeito ao sacrifício de crianças e a crimes semelhantes, Ele diz: "Edificaram os altos de Tofete, que está no vale do filho de Hinom, pra queimarem a seus filhos e a suas filhas; o que nunca ordenei, nem me passou pela mente" (Jr 7.31). Naturalmente, essa é uma figura de linguagem. Ele está, porém, dizendo: "Eu não inventei esses pecados!". Por outro lado, Ele também diz o mesmo sobre o sacrifício de crianças: "e permiti que eles se contaminassem com seus dons sacrificiais, como quando queimavam tudo o que abre a madre, para horrorizá-los, a fim de que soubessem que eu sou o SENHOR" (Ez 20.26). Deus permitiu, e portanto, ordenou o sacrifício de crianças em Israel para que o povo enxergasse o quanto seu pecado era horroroso. Você diz que isso faz de Deus o autor do pecado? As Escrituras negam ser Deus o autor do pecado. "Ora, a mensagem que, da parte dEle, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e que não há nEle treva nenhuma." (1Jo 1.5) "...para anunciar que o SENHOR é reto." (Sl 92.15a) Como Deus pode ordenar essas coisas e não ser Ele mesmo pecador? A resposta é que Deus direciona o mal como um navio, mas sem dar a ele a propulsão.

Isso é crucial. Deus direciona o mal como um navio. Ele não o propulsa. O mal é algo latente no coração humano, e as pessoas fatalmente cairão em pecado. Deus não nos faz robôs do mal; escolhemos o mal porque somos maus. Ele diz: "Você quer pecar? Vá em frente! O pecado é seu. Mas eu cuidarei para que você peque de modo a promover a minha causa, e não a sua". O mal servirá para a glória de Deus. Deus governa o mundo. Deus não viola a vontade de ninguém. Ele concretiza, porém, a Sua vontade por meio da vontade das pessoas. Ninguém é um robô. No entanto, Deus cuida para que cada pessoa do mundo cumpra o propósito dEle a todo instante. Isso é difícil de entender? A doutrina da trindade também é. Você crê que Deus é três pessoas? Você acredita que só há um Deus? Você consegue juntar as duas coisas? Eu também não consigo, mas Deus disse que essas coisas são verdadeiras. E é assim que o mundo funciona.

O próprio Satanás, um ser pessoal, é parte do mundo de Deus. Ele não possui uma existência independente. Ele *intenta* o mal, a difamação da pessoa de Deus e a destruição, mas ele serve aos propósitos de Deus. Deus o direciona. É Deus quem disse: "Você considerou meu servo Jó?". E foi Deus quem, então, limitou o que Satanás pôde ou não fazer com Jó. Deus usou espíritos malignos para julgar Saul e Acabe.

"Então, Satanás se levantou contra Israel e incitou a Davi a levantar o censo de Israel." (1Cr 21.1) Deus puniu os israelitas com uma praga por causa daquele censo. Talvez o problema tenha sido a arrogância de contar os soldados, em vez de depender do poder de Deus. Lemos a mesma história na passagem paralela de 2Samuel 24.1: "Tornou a ira do SENHOR a acender-se contra os israelitas, e *ele* incitou a Davi contra eles, dizendo: Vai, levanta o censo de Israel e de Judá". Quem era esse *ele*? Satanás? O Senhor? Ambos. Quando são ambos, quem está por cima? Deus está por cima.

Você se lembra da história de José? Seus irmãos causaram-lhe um sério mal. Depois de tudo, porém, José disse: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem...". Qual

foi o bem que Deus planejou? José salvou a descendência de Abraão, Isaque e Jacó. Por que Deus queria preservá-los? Porque quase dois mil anos depois, um menino nasceria de uma família judaica em Belém. Ele morreria pelos pecados do mundo. Para salvar a sua vida, Deus vendeu José como escravo. Isso é surpreendente? Completamente! Deus diz: "Eu controlo tudo".

- Tocar-se-á a trombeta na cidade, sem que o povo se estremeça? Sucederá algum mal à cidade, sem que o SENHOR o tenha feito? (Am 3.6)
- Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança. (Tg 1.17)
- Acaso, não procede do Altíssimo tanto o mal como o bem? (Lm 3.38)
- Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o SENHOR, faço todas essas coisas. (Is 45.7)
- Reina o SENHOR. Revestiu-Se de majestade; de poder Se revestiu o SENHOR e Se cingiu. (Sl 93.1)

Deus controla o mundo. Cada porção de sofrimento que você já passou veio da mão soberana de Deus. E Ele opera para o seu bem e a glória dEle.

V. Conhecer a Cristo, agora e para sempre

(Joni Eareckson Tada)

Era tarde da noite, após uma reunião de estudo bíblico num lar, e a maioria dos meus amigos já tinha ido embora. Fiz a Steve a seguinte pergunta: "Steve, meu acidente de mergulho, no final das contas, foi vontade de Deus?".

Ele encostou em sua cadeira, coçou o queixo, folheou sua Bíblia, inclinou-se novamente para a frente, apontou o dedo para mim e disse: "Joni, eu quero lhe fazer uma pergunta. Você acha que a crucificação foi vontade de Deus?". Olhei para ele com um olhar estúpido. Eu já tinha frequentado a escola dominical. Eu sabia a resposta. "É claro que foi vontade de Deus que Jesus fosse crucificado." Steve fez uma longa pausa, e propôs mais algumas perguntas. "Mas Joni, como pode ser? Judas Iscariotes entregou Jesus por meras trinta peças de prata. Judas simulou justiça para ganhar popularidade política. E Joni, o que dizer daquelas pessoas clamando nas ruas pela crucificação de Cristo? E quanto aos soldados romanos, que arrancaram a barba de Jesus e bateram nEle com varas, cuspiram nEle e O insultaram? Como pode qualquer uma dessas *coisas* ser a vontade de Deus?" Traição, injustiça, tortura, assassinato. Steve me deixou perplexa. Ele abriu sua Bíblia em Atos 4.27,28: "Porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o Teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a Tua mão e o Teu propósito predeterminaram".

Aquelas pessoas - a multidão nas ruas, Judas Iscariotes, Pôncio Pilatos, os soldados romanos - fizeram aquilo que o poder e a vontade de Deus já haviam decidido de antemão que aconteceria. A razão de o diabo instigar a cruz de Jesus Cristo era dar um basta naquela conversa ridícula sobre redenção e sobre Jesus ser Filho de Deus. Os líderes religiosos judaicos estavam furiosos com a concorrência. Os soldados

eram sádicos. Podemos, porém, confiar em um Deus poderoso que se inclina, vê o mal e arranca dele o nosso bem e a sua glória. A motivação de Deus para a crucificação foi escancarar as comportas dos céus para quem quisesse entrar. Deus permite aquilo que Ele odeia para realizar aquilo que Ele ama.

Sentada naquela noite de sexta-feira, não foi difícil traçar um paralelo com a minha vida. Talvez a motivação do diabo em meu trágico acidente de mergulho foi levar a pique a fé de uma jovem garota, tornando sua vida um exemplo de ira e amargura contra Deus. A motivação de Deus, porém, foi realizar Seu propósito em minha vida. Deus tinha o propósito de transformar uma garota de dezessete anos, cabeçuda, teimosa e rebelde, em uma mulher que, trinta e cinco anos depois, ainda está aprendendo a receber a graça a cada momento, que ainda está aprendendo a abraçar o Senhor Jesus Cristo em sua desesperada necessidade diária. Ela ainda está se apaixonando pelo Salvador, enquanto Ele a acompanha para penetrar no interior mais profundo do santuário da comunhão dos seus sofrimentos. A minha tetraplegia não é um quebra-cabeça complicado que eu tenho que resolver. Não, ela não é uma sacudida rápida para me manter nos trilhos. A minha paralisia é uma longa aventura de intimidade árdua e prazerosa com meu Senhor Jesus Cristo, pois Ele permite aquilo que odeia para realizar tudo aquilo que Ele ama. Cristo em mim, a esperança da glória em minha vida.

Sublinhei Filipenses 3.10,11 na minha Bíblia quando me tornei cristã, em um retiro de fim-de-semana do ministério Young Life: "Para O conhecer, e o poder da Sua ressurreição, e a comunhão dos Seus sofrimentos, conformando-me com Ele na Sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos". Só uma menina de catorze anos de idade em um retiro de fim-de-semana de Young Life faria desse texto o versículo de sua vida!

(Steve Estes)

Quero descrever uma família da igreja onde ministro. O pai é um homem hábil, tranquilo, tipicamente másculo, despreocupado, sorriso Steve McQueen, terceiro grau de faixa preta. Todos gostam dele. Sua esposa é uma mulher amável, piedosa e conhecedora da Bíblia. As mulheres que querem estudar a Bíblia lotam as reuniões de estudo bíblico que ela dirige. É um prazer estar com ela. Eles têm três filhos. O menino mais velho nasceu elétrico - o tipo de criança que está sempre dançando à beira de um acidente. Bem pequeno, ele se dependurou da janela do terceiro andar só para ver se conseguiria, e por quanto tempo aguentaria, ficar pendurado. Uma graça! Há quatro anos, ele entrou na cozinha e a avó deixou ele experimentar a comida que ela estava preparando. Em seguida, sua mãe o mandou brincar na balança de cordas até a hora do jantar. Estranhando o silêncio, ela saiu para ver como ele estava. Ela descobriu que seu filho de nove anos tinha se enforcado acidentalmente com a corda da balança. O que essa família precisa numa hora dessas? O marido é tão despreocupado e a mulher conhece tanto a Bíblia - mas eles acabam de perder o filho querido.

Qual o envolvimento de Deus em tamanha dor e sofrimento? Todos nós conseguimos nos identificar com a luta verdadeira e a perplexidade, com os questionamentos e o ressentimento, e em alguns casos, quase

que um amordaçamento espiritual resultante das questões levantadas pelo sofrimento.

Eu mal sei o que dizer em circunstâncias desse tipo. As pessoas que sofrem não precisam de meros conceitos quando estão em meio a um sofrimento intenso. Quando alguém oferece "seis boas razões pelas quais o sofrimento é bom para você", essas seis boas razões tornam-se seis pedras ofensivas que elas querem atirar de volta no rosto de Deus. Tais pessoas precisam do Deus que está por trás dos conceitos. Elas precisam da realidade, da Pessoa para quem esses conceitos apontam. Elas não precisam de projéteis teológicos. Elas precisam da pólvora dos cartuchos para quebrar as paredes do desespero. No momento de dor e sofrimento, elas não precisam da doutrina da soberania de Deus, elas precisam do Deus soberano.

Quero conhecer a Cristo

É isso que Paulo insinuou ao dizer: "Para O conhecer, e o poder da Sua ressurreição, e a comunhão dos Seus sofrimentos, conformando-me com Ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos" (Fp 3.10,11). A ideia principal é a primeira e pequena frase: "Quero conhecer a Cristo".

Paulo estudara com um dos rabinos mais famosos de toda a história. Ele conhecia a Bíblia dos hebreus. Ele estudara todas as passagens sobre a vinda do Messias e, no entanto, disse: "Quero conhecer a Cristo, o Messias". Eis um homem que se convertera quando Jesus o chamou pelo nome. Eis um homem que tivera uma visão e ouvira coisas inefáveis. Eis um homem que já escrevera uma porção significativa da Bíblia. No entanto, ele disse: "Eu desejo conhecer a Cristo". Como poderia o autor de Romanos, e de outros doze livros da Bíblia, dizer "Eu quero conhecer a Cristo"? Paulo já *sabia* tudo sobre Cristo. Naquele momento, porém, Paulo queria conhecer a Cristo *na experiência*. Ele queria conhecer a Cristo nas dores diárias da vida. Ele queria conhecer, na verdade, o Cristo que estava nas páginas daquele livro vivo, que era a própria vida de Paulo.

Paulo queria conhecer a Cristo intimamente. Paulo queria que Jesus Cristo fosse a vida de Deus fluindo de sua própria alma. Ele queria que Jesus Cristo fosse o poder de ressurreição que vence a dor, a ira, a depressão, a ineficácia, o aborrecimento, o temor, a culpa e o pecado. Assim Paulo seguiu adiante para esclarecer o significado de "Eu quero conhecer o poder de Sua ressurreição para de alguma forma poder alcançar a ressurreição dentre os mortos". O fato de ele usar a expressão "de alguma forma" é um dos muitos indicativos presentes no capítulo de que ele não estava falando somente de uma ressurreição futura do corpo, no final dos tempos, antes de ir para o céu. Ele estava falando sobre uma vida de ressurreição já aqui neste planeta - a vida do Senhor Jesus ressurreto vivida por meio dele. Ele não estava falando sobre uma força. Ele estava falando sobre Jesus com ele e nele, socorrendo-o, dando-lhe graça, misericórdia, poder e alegria a despeito das dificuldades da situação. Paulo está falando sobre o sentido tangível de conhecer em sua vida o sorriso fortalecedor de Cristo, mesmo com o coração partido e as mãos acorrentadas.

Paulo falou sobre o mesmo assunto em 2Coríntios 4.11. Ele afirmou querer "manifestar a vida de Cristo revelada em nossa carne mortal". Naquele exato momento, passando por seus piores dias, o poder de Cristo o socorreu. O poder da

ressurreição de Cristo veio de forma inesperada. Ele veio pelo viver em um "corpo mortal", em "fraqueza", por meio da participação nos sofrimentos de Cristo. Mais tarde, ele descreveu a si mesmo como "tornando-me como Cristo em Sua morte". Uma grande porta para o aprendizado do poder da ressurreição de Cristo é o sofrimento que parece morte - não uma morte definitiva como o martírio, mas a morte lenta e diária que as pessoas experimentam em suas incapacidades, no envelhecimento, nas várias provações da vida. Anos acumulados, tendo o que não se quer e querendo o que não se tem. Às vezes, sentimo-nos dispostos a tomar nossa cruz e seguir Jesus Cristo, e essa morte é algo a que nos voluntariamos. Outras vezes, somos arrastados a ela aos chutes e berros, assim como Joni, no hospital de reabilitação, presa a um aparelho que parecia uma carcaça de tanque de guerra.

Paulo disse: "Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus" (2Co 4.11). Ele não se referiu somente às ocasiões em que nossa vida está em risco. Ele queria dizer que estava morrendo a cada dia. E esse morrer é "por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal".

Seus sofrimentos são os sofrimentos de Cristo

De que forma os sofrimentos que você passou nos últimos doze meses são os sofrimentos de Cristo Jesus? A Bíblia é clara em declarar isso.

- Os sofrimentos de Cristo abundam em nossa vida. (2Co 1.5)
- Você participa dos sofrimentos de Cristo. (1Pe 4.13)
- Completamos em nosso corpo o que resta das aflições de Cristo. (Cl 1.24)
- Levamos sempre em nosso corpo a morte de Jesus. (2Co 4.10)
- Somos herdeiros, se de fato participamos dos Seus sofrimentos. (Rm 8.17)
- (Jesus disse) Você, de fato, beberá do meu cálice. (Mt 20.23)

Os seus sofrimentos são, de fato, os sofrimentos de Cristo, de modo que eles se tornam a entrada para a vida de ressurreição da parte de Deus?

Identificamo-nos com Cristo quando sofremos por fazermos coisas especificamente para Cristo. É noite de Natal, todos querem estar no culto de Natal, mas o berçário precisa de ajuda e você se oferece para ficar lá em vez de assistir a cantata. Você faz isso por Cristo. Se você é um missionário, você deixa seu lar e se muda para um país e uma cultura onde tudo lhe é estranho. Ou leciona uma classe de escola dominical de detestáveis garotinhos que não cooperam em nada. Você está sofrendo por Cristo Jesus como parte do seu corpo.

Quando o seu pé dói, você diz a si mesmo: "Não sou eu; é só um pé!"? Jesus diz que você é o corpo dEle na terra. Quando você sofre, Ele está sofrendo, pelo fato de você estar envolvido na causa dEle e por Ele viver em você. O exemplo mais extremo disso, naturalmente, é quando você é perseguido. As pessoas zombam de você, tratam com indiferença, falam por trás de você; você não consegue a promoção que merece por ter falado a verdade, na hora e de modo certo, ou você corre até risco de vida por Cristo.

Quando você sofre, Jesus recebe pessoalmente esse sofrimento como se fosse

dEle. "Mas", você pode argumentar, "eu não sou um missionário. Eu não dou aula de escola dominical. E eu não ajudei no berçário na noite de Natal. Eu simplesmente tenho uma vida cristã diária. Eu tento obedecer a Deus e agradá-lO. Eu leio minha Bíblia e oro. Isso não é nada espetacular. Eu não falo para grupos de pessoas. Eu lavo, cozinho, estou criando meus filhos e amo as pessoas ao meu redor. E quanto a essas coisas? Também são os sofrimentos de Jesus quando a comida queima na panela ou quando você não dá conta de levar os filhos para onde eles precisam ir? E quanto a ficar acordado com um filho doente? Ou quando você está atrasada e algum eletrodoméstico quebra, ou ainda seu marido chega de mau humor de uma reunião? Ou quando a sua mãe morre ou o dinheiro está realmente "curto"? Esses sofrimentos são sofrimentos de Cristo que abrem a porta para o poder da ressurreição?

Pense da seguinte forma: se você pedir a alguém para lhe fazer um favor, mas algum inconveniente impedir a pessoa de fazê-lo, você não dirá a ela: "O problema é seu! Você concordou em me ajudar, e se deu mal. A vida é dura, amigo!". Você não fará isso. Você ainda não percebeu que a maioria dos sofrimentos desta vida, quando você vive para Jesus Cristo, vem na forma de inconvenientes inesperados e de dificuldades que parecem não ter nada a ver com a propagação do evangelho em si? Parece ser só a vida dando errado: você tem as coisas que não quer e quer as que nunca poderá ter. Você não fica agradecido quando alguém enfrenta algum inconveniente por sua causa? Você acha que Jesus Cristo é ingrato quando você sofre inconvenientes nesta vida por Ele? Afinal, seu bilhete para o céu foi pago antecipadamente. Por que você já não está no céu agora? Seus pecados já não foram pagos? Por que você está aqui na terra metido nessa? A resposta é: por muitas razões. Uma delas é que ainda existem pessoas a serem trazidas para o reino de Cristo. Em Sua misericórdia para com elas, Cristo adia o fim do mundo. Este mundo segue em frente, e você está nele. Jesus comprou a salvação, mas você é o entregador, a luz na escuridão. Você está simplesmente vivendo. É claro que você ora, tenta ler a Bíblia e ser bom, mas você está neste mundo. E por estar neste mundo você passa por milhares de aflições. O que Cristo pensa a respeito disso?

Imagine que um casal compre uma boa casa, mas tenha que fazer uma viagem de um mês, a negócios. Eles pedem a um amigo: "Você poderia ficar em nossa casa e vigiá-la enquanto estamos fora? Você só precisa levar o cachorro para passear, dar comida para o peixinho dourado e pegar a correspondência. Isso é tudo o que você tem que fazer". O amigo concorda e o casal sai de viagem. No entanto, eles mal saíram pela porta e os problemas começam com uma grande tempestade de neve. O amigo sai com uma pá para limpar a neve da calçada. Depois sai com o cachorro, e pega uma gripe. Ele está se sentindo muito mal, mas ainda sai com o cachorro, alimenta o peixe e recolhe a correspondência. Na semana seguinte, a porta da garagem fica emperrada, aberta pela metade. Ele precisa dar um jeito naquilo, pois não há muito isolamento entre a garagem e a casa. Ele tenta consertar. Enquanto isso, o cachorro sai pela porta que está aberta e é atropelado por um carro. Não é exatamente assim que a vida funciona? Esta é a história de cada um de nós! Ainda doente, ele

leva o cachorro ao veterinário e paga uma conta pesada do próprio bolso. Ao sair do consultório veterinário, ele descobre que alguém amassou o para-lama traseiro esquerdo do seu carro, e fugiu. Na semana seguinte, durante uma violenta tempestade de vento, uma árvore grande do jardim cai sobre a cerca do vizinho, que sai de casa enfurecido, gritando: "Eu falei mais de mil vezes que era para eles darem um jeito naquela árvore". Ele direciona sua ira para o pobre do rapaz que está cuidando da casa. Ameaça chamar um advogado. Ainda doente, nosso amigo diz: "Espere, há uma serra elétrica na garagem. Eu cortarei a árvore e consertarei a cerca". Ele corta a árvore e conserta a cerca. Ele está terrivelmente doente, mas ainda leva o cachorro para passear. Então o dono da casa liga e pergunta: "Como estão as coisas?". Relutante, ele conta todos os problemas. O que você acha que os donos dirão? "A vida é dura, rapaz! Problema seu! Sinto muito, mas um acordo é um acordo. Foi isso que você assinou." Não, eles pagam a conta do veterinário, a conta da porta da garagem, a cerca do vizinho. Será que eles pagarão o carro? É melhor acreditar que sim. Por quê? Porque eles sentem que os problemas do amigo são deles também, já que ele os enfrentou para servi-los.

Há alguma tristeza que um cristão enfrente no serviço de Deus que Ele despreze? O seu problema é problema de Deus. Ele pagará a conta. Você nunca sofrerá perdas que Deus não pague um milhão de vezes mais. Vinte e três segundos lá no céu já pagarão tudo. Você argumenta: "Mas eu ainda não estou no céu, e parece que ele ainda está muito longe".

Deus, porém, diz: "Porque, ainda dentro de pouco tempo, Aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé" (Hb 10.37,38). Cristo assume pessoalmente os seus sofrimentos. "E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram." (Ap 21.4)

Ore Além da Lista dos Enfermos

David Powlison[1]

Parece ser simples, mas não deve ser tão fácil assim. Muitas orações pastorais, feitas dos púlpitos das igrejas, não vão além da lista dos enfermos nem intercedem de forma muito direta ou inteligente por eles. Muitas orações pastorais soam esquisitas, assemelhando-se ao relatório de uma enfermeira na troca de turnos do hospital: "O câncer no cólon do quarto 103 apresenta prognóstico incerto... a senhora do 110 com a vesícula biliar que não responde ao tratamento... a perna quebrada está se recuperando bem... o paciente com problema cardiológico está sob o cuidado das hábeis mãos do Dr. Jones e será submetido a uma cirurgia na terça-feira...". Essas orações costumam trazer informações médicas, mas são carentes no aspecto espiritual. Normalmente, a cura física é o único alvo da oração. Na sua forma mais desvirtuada, uma oração pode não passar de pedidos para que os médicos, os procedimentos e os medicamentos sejam eficazes.

Os visitantes de muitas de nossas igrejas devem ser desculpados se ficarem com a impressão de que a maior necessidade de todos nós é uma saúde boa e radiante, e Deus está essencialmente interessado em recuperar nossa saúde. Eles também devem ser desculpados se ficarem com a impressão de que Deus não é muito bom em fazer o que pedimos. A lista de oração em muitas igrejas fica cada vez mais repleta de doenças crônicas e, no fundo, sabemos que cada pessoa, em cada banco da igreja, irá normalmente morrer mais cedo ou mais tarde com uma deterioração da saúde. Na verdade, as orações pastorais, as reuniões de oração e as listas de oração costumam ter o efeito consequente de desencorajar e distrair a fé do povo de Deus. A oração torna-se uma triste ladainha de palavras conhecidas ou uma superstição mágica, que beira a histeria. Ela entorpece nossas expectativas a respeito de Deus ou

[1]Tradução e adaptação de "Pray Beyond the Sick List". Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 23, n. 1, Winter 2006, p.2-5.

estimula expectativas fantasiosas. As orações pelos enfermos podem até se tornar um terreno fértil para o cinismo: as pessoas que melhoram não iriam melhorar de qualquer forma, conforme a natureza seguisse seu curso ou conforme as intervenções médicas produzissem seus resultados previsíveis? A oração também pode se tornar um terreno fértil para muitas ideias e práticas bizarras: uma versão espiritualmente sancionada da mesmíssima obsessão com a saúde e com a medicina que caracteriza a cultura em que estamos inseridos, o costume de definir e reivindicar a cura, a crença supersticiosa de que a quantidade ou o fervor da oração é fator decisivo para que Deus a ouça, a noção de que a oração tem algum tipo de poder intrínseco, o questionamento da fé da pessoa que não recupera a saúde.

A transformação das nossas orações

É difícil aprender a orar. Já é bem raro quando sabemos fazer um pedido inteligente e sincero a um amigo em quem confiamos, expressando aquilo de que tanto precisamos. Pois a oração é isso. De alguma forma, porém, quando o ato de pedir algo é chamado de "oração", e a parte capaz de atender chama-se "Deus", as coisas tendem a se complicar. Você já viu, ouviu e fez algo assim: a sintaxe contorcida, as expressões formais de sempre, a repetição sem sentido, os "Senhor, ajude fulano..., Senhor, faça com que sicrano...", pedidos vagos, o tom de voz artificialmente piedoso, a atmosfera confusa. Se você falasse dessa forma com seus amigos ou com seus pais, eles pensariam que você enlouqueceu!

No entanto, se o seu entendimento da oração mudar... Se a sua prática da oração também mudar... Se mudarem os pedidos de oração que você faz a Deus e os que compartilha com as pessoas... Se o modelo de oração que você pratica perante outras pessoas mudar... Se o seu ensino sobre oração mudar...

Considere alguns fatores que podem produzir essa mudança.

Não perca de vista as questões espirituais

Em primeiro lugar, observe alguns detalhes de Tiago 5.13-20. Essa passagem é *a* ordem de oração pelos enfermos. Com certeza é significativo que Tiago fale explicitamente da oração não em um contexto congregacional, mas naquilo que podemos considerar um contexto de aconselhamento. A pessoa enferma pede ajuda, reúne-se com alguns anciãos, confessa sinceramente seus pecados, arrepende-se e se aproxima de Deus. A oração fervorosa é descrita como algo que afeta tanto o estado físico como o espiritual do enfermo. Isso não significa que seja errado orar de púlpito pelos doentes. Certamente não é errado. O fato, porém, de que o texto clássico sobre oração pelos enfermos retrata algo altamente pessoal e interpessoal deve pelo menos nos fazer pensar melhor sobre o assunto.

Perceba também como Tiago mantém em vista as questões espirituais de forma proposital. O assunto da sua carta é o crescimento na sabedoria, e ele não muda a ênfase ao tratar do auxílio aos enfermos. O que ele escreve deve-se ao seu entendimento de que o sofrimento oferece uma oportunidade de nos tornarmos sábios - uma dádiva muito boa dos céus. "Tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações... Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a..." Ele já ilustrou esse ensino quando tratou das questões de

pobreza, injustiça e conflitos interpessoais. Agora ele o faz no que diz respeito à enfermidade.

O foco de Tiago nas questões espirituais, que operam no interior de qualquer experiência de sofrimento, não significa que as pessoas ficaram doentes porque pecaram. Isso, às vezes, é verdade: por exemplo, o uso de drogas injetáveis e a prática da imoralidade sexual podem levar à AIDS. As pessoas colhem em enfermidade o que semeiam em pecado. Quando, porém, esse conceito é transformado em uma lei universal, ele assume a forma de uma mera superstição ou de uma insensibilidade semelhante à dos conselheiros de Jó.

Pelo menos duas outras dinâmicas também operam na forma de Deus vir ao nosso encontro na enfermidade. A doença, assim como qualquer outra fraqueza ou dificuldade, pode nos forçar a pararmos e olharmos para nós mesmos, bem como a pararmos e encontrarmos o Senhor. Posso descobrir pecados que eu estava ocupado demais para descobrir como, por exemplo, a negligência, a irritabilidade, a indiferença, a autoindulgência, a incredulidade, a falta de alegria, a preocupação, a murmuração, a compulsão pelo trabalho, a confiança em minha própria saúde e capacidade. Pode ser que eu perceba que minha necessidade das misericórdias de Jesus foi reavivada e que meu deleite em Deus foi aprofundado. Pode ser que eu desenvolva o fruto do Espírito, que não pode se desenvolver de nenhum outro modo senão quando encaramos o sofrimento da maneira correta: a perseverança da fé, a esperança e a alegria que transcendem às circunstâncias, o caráter maduro, o conhecimento mais rico do amor de Deus, a vida para Deus e não para meus prazeres egocêntricos, a humildade da fraqueza, a habilidade de ajudar outras pessoas que sofrem.[2]

A enfermidade, assim como qualquer outra fraqueza ou dificuldade, constitui-se em uma tentação. Quer você enfrente uma doença que ameaça sua vida, quer você simplesmente esteja se sentindo mal por alguns dias, é incrível o que essa experiência pode extrair do seu coração. Algumas pessoas reclamam e murmuram, e ficam mais mal-humoradas com as pessoas que mais se importam com elas. Outras ficam iradas com Deus, consigo mesmas, com outras pessoas, com as dificuldades. Outras negam a realidade, fingindo que não há nada errado. Outras fingem estarem mais doentes do que realmente estão, em busca de um pretexto para evitar responsabilidades como o trabalho, a escola ou a família. Outras dedicam muita esperança, tempo e dinheiro na busca de um médico após outro, um livro após outro, um medicamento após outro, um regime após outro, um charlatão após outro. Outras tentam achar alguém ou algo para culpar, a ponto de instaurar processos judiciais. Outras levam em frente a vida, fazendo mais e mais coisas, quando o que Deus quer é que elas parem e aprendam as lições da fraqueza. Outras ficam profundamente amedrontadas - "Talvez desta vez seja o fim". Elas imaginam o pior e rodam filmes mentais sobre seu futuro falecimento e funeral. Outras exploram a fraqueza para receberem toda a atenção e dó extra que conseguirem. Outras se esquivam de responsabilidades que poderiam cumprir mesmo não se sentindo tão bem. Outras mergulham completamente na autoindulgência: TV,

[2] Veja Tg 1.3; Rm 5.3-5; 1Pe 1.6-8, 4.1-3; 2Co 12.9,10.

jogos, comida, leitura. Outras ficam deprimidas. A sensação de miséria física torna-se uma oportunidade para questionar o valor e o significado da existência como um todo. Outras são demasiadamente orgulhosas ou tímidas para pedir ajuda. Outras manipulam todos ao redor para que atendam cada uma de suas necessidades. Outras pensam que Deus está querendo "pegá-las lá fora", tornando-se morbidamente introspectivas com respeito a cada falha real ou imaginária.

Você entendeu o quadro. A enfermidade proporciona uma das mais ricas oportunidades imagináveis para o crescimento espiritual e para o aconselhamento pastoral, e isso está claro em Tiago 5. Deus está interessado em curar cada enfermidade específica? Às vezes sim, outras não. No entanto, será que Ele está sempre interessado em nos tornar sábios, santos, confiantes, amorosos, mesmo no contexto da nossa dor, da incapacidade física e da aproximação da morte? Sim, outra vez sim, e amém.

As pessoas aprendem a orar além da lista dos enfermos quando compreendem tudo aquilo que Deus está operando.

Anseie pelo reino de Cristo

Em segundo lugar, considere em linhas gerais um pouco do vasto ensino bíblico sobre a oração. Quantas orações da Bíblia focam a enfermidade? São significativamente poucas as que dão bom fundamento para que supliquemos ardentemente a Deus pela cura. Já mencionamos Tiago 5. Em Isaías 38, Ezequias suplica pela restauração de sua saúde, e é curado. Em 2Coríntios 12, Paulo ora fervorosamente três vezes por libertação de uma aflição dolorosa, mas desta vez Deus diz não. Salmo 35.12-14 menciona a oração sincera pela restauração dos enfermos e a descreve como uma expressão natural de interesse amoroso. Tanto Elias como Eliseu suplicaram ardentemente a Deus a favor de filhos únicos, cujas enfermidades terminaram em morte e deixaram as mães desoladas (1Rs 17; 2Rs 4). Em ambos os casos, Deus os restaurou misericordiosamente. No entanto, ao olharmos por outro lado, a última palavra da Bíblia sobre Asa é negativa, pois "a sua doença era em extremo grave; contudo, na sua enfermidade não recorreu ao SENHOR, mas confiou nos médicos" (2Cr 16.12). Ele é repreendido por deixar de orar na enfermidade.

A oração tem muitos graus de intensidade, sendo que os mais fortes são a súplica e o clamor. É impressionante como as orações por cura são fervorosas e objetivas. Tais passagens claramente desafiam as orações superficiais e centralizadas na medicina, feitas com frequência até mesmo por pessoas excessivamente preocupadas em orar pelos enfermos. Quando você ora pelos enfermos (e conforme os ensina a buscarem a Deus por si mesmos), a oração deve ser ardente e solícita.

Fica evidente, porém, que a grande maioria das orações da Bíblia foca outros assuntos. Deixe-me categorizar de modo amplo e resumido três ênfases da oração bíblica: orações circunstanciais, orações por sabedoria e orações pela vinda do reino de Deus. A oração pelos enfermos é uma forma da primeira ênfase.

Às vezes pedimos a Deus que transforme nossas *circunstâncias*: Senhor, dá-nos cura para os enfermos, o pão de cada dia, proteção contra o sofrimento e malfeitores, justiça para nossos líderes políticos, conversão de amigos e familiares, prosperidade em nosso trabalho e ministério, um

casamento, calmaria para uma tempestade perigosa, uma chuva oportuna, um filho.

Às vezes, pedimos que Deus *nos transforme*: Senhor, aumenta-nos a fé, ensina-nos a amarmos uns aos outros, perdoa nossos pecados, faça-nos sábio nas áreas em que tendemos a ser insensatos, faça-nos conhecer-Te melhor, capacita-nos a santificar-Te no nosso coração, não permita que desonremos ao Senhor, faça-nos entender as Escrituras, ensina-nos a encorajar outras pessoas.

Às vezes pedimos que Deus *transforme tudo, revelando-Se* com maior plenitude no palco da vida real, ampliando o grau de manifestação de Sua glória e domínio: Senhor, venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade na terra como no céu, seja exaltado acima dos céus, que a Tua glória seja sobre toda a terra, que a Tua glória encha a terra como as águas cobrem o mar. Vem, Senhor Jesus.

Na oração do Senhor, você pode ver exemplos de todas as três ênfases. Elas estão estreitamente entrelaçadas quando oramos corretamente. O reino do Senhor (n.3) envolve a destruição dos nossos pecados (n.2) e dos nossos sofrimentos (n.1). Seu reino causa um florescimento da perfeita sabedoria do amor e uma abundância de bênçãos situacionais. As orações para que Deus transforme as minhas circunstâncias e a mim são, em sua lógica interior, pedidos para que Ele revele Sua glória e misericórdia no palco deste mundo.

Quando qualquer dessas três ênfases aparece separada das outras duas, a oração tende a empobrecer. Quando você só ora por circunstâncias melhores, Deus se torna o garoto de recados (em geral, um tanto decepcionante) que existe para lhe proporcionar sua lista de compras de desejos e prazeres - sem nenhum propósito santificador ou glória maior. A oração busca um "Dá-me! Dá-me!" egocêntrico. Quando você só ora por transformação pessoal, a oração tende a revelar uma obsessão com o autoaperfeiçoamento moral, uma espiritualidade egocêntrica, desligada de um envolvimento com outras pessoas e as tarefas da vida a serem cumpridas. Onde está o anseio para que o reino de Cristo corrija todas as injustiças, e não simplesmente para que suavize meus pecados e eu não me sinta mal a respeito de mim mesmo? A oração busca um asceticismo egocêntrico e moralmente ativo, com pouca evidência de amor, confiança ou alegria verdadeiros. Quando você ora somente pela invasão impetuosa do reino, as orações inclinam-se à irrelevância e à generalização, deixando de perceber como o verdadeiro reino corrige injustiças, enxuga lágrimas e remove pecados - de verdade. Essas orações buscam um Deus que nunca toca o chão até o dia final.

Faça da sua oração uma trança de três fios

Poderíamos dar exemplos incontáveis dessas três ênfases operando sabiamente na oração. Permita-me mencionar alguns. Considere os Salmos, *o* livro sobre falar com Deus. Cerca de noventa salmos estão em "tom menor". Há uma predominância de intercessões a respeito do pecado e do sofrimento - sempre à luz da revelação que Deus faz de Suas misericórdias, Seu poder e reino. A batalha com o pecado pessoal e com a culpa aparece em cerca de um terço dessas intercessões. Há frequentes pedidos para que Deus nos faça mais sábios: "ensina-me", "faz-me entender", "desperta-me". Deus revela a Si mesmo ("por amor do Teu nome")

ao me transformar. Em muitos outros salmos, podem ser vistos pedidos para que Deus transforme as circunstâncias: livra-me dos malfeitores, sê meu refúgio e fortaleza em meio ao sofrimento, destrói Teus inimigos. Esses pedidos também estão ligados a outros para que Deus venha com Seu reino de glória e poder. Deus Se revela ao eliminar as circunstâncias ruins e os perversos. Depois, há cerca de sessenta salmos em "tom maior". Neles pode-se ver muita ênfase na alegria e nos louvores que marcam a intervenção de Deus.

Pense também nas orações de Filipenses 1.9-11 e Colossenses 1.9-14. Aqui não vemos menção nenhuma às circunstâncias. Não há nenhum pedido de cura, provisão, proteção ou mudança na vida de outras pessoas. O foco exclusivos dos pedidos é o crescimento em sabedoria (à luz da futura glória do reino de Cristo). Essa sabedoria expressa-se em duas dimensões, a vertical e a horizontal, o amor por Deus e pelo próximo. Essas duas orações rogam a Deus em favor de outras pessoas para que os dois tipos de amor aumentem. Que Deus faça com que vocês O conheçam melhor. Que Deus faça com que o amor de vocês pelas pessoas torne-se mais inteligente.

Por fim, considere Efésios 1.15-23 e 3.14-21. Aqui também as intercessões focam a sabedoria à luz da glória de Cristo. Novamente, não há pedidos circunstanciais. Paulo concentra a atenção naquilo que constitui nossa maior necessidade: Que Deus faça com que vocês O conheçam melhor.

Por que as pessoas não oram além da lista dos enfermos? Temos a tendência de orar pedindo que as circunstâncias melhorem, que nós possamos nos sentir melhor e a vida melhore. Esses pedidos são, com frequência, sinceros e bons, exceto quando são o *único* pedido. Quando desligadas dos propósitos de santificação e dos gemidos pela vinda do Rei, as orações pelas circunstâncias tornam-se egocêntricas.

Aprenda a orar com a trança de três fios, que expressa a nossa necessidade real. Ensine outras pessoas a orarem da mesma forma. A oração irá bem além da lista dos enfermos e a diferença será perceptível na oração pelos enfermos.

Não Desperdice seu Câncer

John Piper e David Powlison[1]

Cinco meses após uma conferência cujo tema foi *O Sofrimento e a Soberania de Deus*, dois dos palestrantes, John Piper e David Powlison, receberam o diagnóstico de câncer na próstata. Na noite da sua cirurgia de próstata, John Piper escreveu o artigo abaixo como uma reflexão sobre sua situação e com o propósito de ministrar graça e verdade a outras pessoas. David Powlison acrescentou suas reflexões (*em itálico*) na manhã seguinte ao recebimento da notícia de que ele também fora diagnosticado com câncer na próstata.

***

Creio no poder de Deus para curar, por meio de um milagre ou pela medicina. Creio que é certo e bom que oremos pelos dois tipos de cura. O câncer não é desperdiçado quando curado por Deus. É Deus quem recebe a glória, e esta é a razão de existir do câncer. Por isso, não orar por cura pode ser um desperdício do seu câncer. A cura, porém, não faz parte do plano de Deus para todos. E há ainda outras formas de desperdiçar seu câncer. Minha oração por mim mesmo e por você é que não desperdicemos essa dor.

1. Você desperdiçará seu câncer se não crer que ele faz parte do plano de Deus para você.

Não diga que Deus somente usa nosso câncer, sem tê-lo planejado. Isso não significa que o plano inicial de Deus para a criação foi um Jardim do Éden com câncer. No entanto, a Queda não pegou Deus de surpresa. Ele a viu chegar e a permitiu. Ele planejava a redenção antes da criação (2Tm 1.9). O que Deus permite, Ele permite por uma razão: o cumprimento

[1]Tradução e adaptação de "Don't Waste Yor Cancer". Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 24, n. 2, Spring 2006, p.2-6.

John Piper é pastor da Bethlehem Baptist Church em Minneapolis, Minnesota.

do Seu propósito. Se Deus antevê processos moleculares tornarem-se um câncer, Ele pode interrompê-los ou não. Se Ele não o faz, é porque existe um propósito. Visto que Deus é infinitamente sábio, é correto chamar esse propósito de vontade divina. Satanás é real e ele pode causar muitos prazeres e dores, mas ele não é a causa determinante. Por isso, quando ele fere Jó com úlceras (Jó 2.7), Jó as atribui essencialmente a Deus (2.10), e o autor inspirado concorda: "Então, vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs (...) e o consolaram de todo o mal que o SENHOR lhe havia enviado" (Jó 42.11). Se você não acreditar que seu câncer faz parte do plano de Deus para sua vida, você o desperdiçará.

Reconhecer a mão divina no traçar do plano não fará de você uma pessoa estóica, falsa ou artificialmente esperançosa. Pelo contrário, a realidade do plano de Deus traz à tona e canaliza seu clamor sincero ao único Salvador verdadeiro. O plano de Deus convida-nos ao discurso sincero em lugar da resignação silenciosa. Considere a sinceridade dos salmistas, do rei Ezequias (Is 38), de Habacuque (cap. 3). Essas pessoas usam de uma sinceridade total e confiante porque sabem que Deus é Deus, e nEle colocam sua esperança. O Salmo 28 ensina você a orar com paixão e sem rodeios. Deus precisa ouvir o que você tem a dizer, e Ele irá ouvir. Ele continuará a operar em você e na sua situação. Esse clamor vem da sua percepção de que necessita de ajuda (Sl 28.1,2). Mencione, então, seus problemas específicos a Deus (Sl 28.3-5). Você tem a liberdade de personalizar a oração e incluir detalhes. Frequentemente, nas diversas tribulações da vida (Tg 1.2), o que você enfrenta não se encaixa exatamente com o que Davi ou Jesus enfrentaram, mas a dinâmica da fé é a mesma. Após lançar seus cuidados sobre Aquele que se importa com você, expresse sua alegria (Sl 28.6,7): a paz que Deus dá e que excede o entendimento. Por fim, como a fé sempre se expressa em amor, a sua necessidade e a sua alegria se ramificarão em um interesse de amor por outras pessoas (Sl 28.8,9). A enfermidade pode aguçar sua consciência do quanto Deus já está e sempre esteve operando plenamente em cada detalhe da sua vida.

2. Você desperdiçará seu câncer se acreditar que ele é uma maldição e não uma bênção.

"Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1). "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se Ele próprio maldição em nosso lugar" (Gl 3.13). "Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel" (Nm 23.23). "Porque o SENHOR Deus é sol e escudo; o SENHOR dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente" (Sl 84.11).

A bênção manifesta-se naquilo que Deus faz por nós, conosco e por meio de nós. Ele traz para o cenário da maldição a Sua grande e misericordiosa redenção. O câncer, em si mesmo, é uma das dez mil "sombras da morte" (Sl 23.4) que vêm sobre cada um de nós: todos os perigos, as perdas, as dores, as incertezas, as desilusões, os males. Em Seus filhos amados, porém, nosso Pai opera com bondade através das perdas mais dolorosas: às vezes, Deus cura e restaura o corpo (temporariamente, até que os mortos ressuscitem para a vida eterna), mas sempre sustenta e nos ensina para que O conheçamos e amemos de modo mais genuíno. No laboratório dos males, a sua fé

torna-se profunda e real, e o seu amor torna-se significativo e sábio (Tg 1.2-5; 1Pe 1.3-9; Rm 5.1-5; 8.18-39).

3. Você desperdiçará seu câncer se buscar conforto em suas chances de cura e não em Deus.

O propósito de Deus em seu câncer não é treiná-lo no cálculo humano e racional das chances de cura. O mundo encontra consolo nas estatísticas, mas os cristãos, não. Alguns calculam suas carruagens (porcentagem de sobrevivência) e outros contam seus cavalos (efeitos colaterais do tratamento), mas nós confiamos no nome do Senhor nosso Deus (Sl 20.7). O propósito de Deus está claro em 2Coríntios 1.9: "Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos". O alvo de Deus em nosso câncer (entre milhares de outros bens) é arrancar a confiança falsa do nosso coração para que dependamos completamente dEle.

O próprio Deus é o seu conforto. Ele dá a Si mesmo. O hino "Confiança em Cristo" (de autoria de Katerina von Schlegel) calcula as chances da maneira correta: temos cem por cento de certeza de que sofreremos, e cem por cento de garantia de que Cristo nos acolherá, operará em nosso favor, consolará, e restaurará os prazeres mais puros do amor. O hino "Que Firme Alicerce" calcula as chances da mesma forma: você tem cem por cento de certeza de que passará por aflições sérias, e também cem por cento de certeza de que o seu Salvador "estará com você em seus problemas para abençoar, e o santificará no sofrimento mais profundo".[2] Com Deus, você não lida com percentuais, mas vive no contexto das certezas.

4. Você desperdiçará seu câncer caso se recuse a pensar na morte.

Todos nós morreremos se Jesus adiar a Sua vinda. É tolice não pensar em como será deixar esta vida e encontrar-se com Deus. Eclesiastes 7.2 diz: "Melhor é ir à casa onde há luto (um funeral) do que à casa onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todos os homens, e os vivos que o tomem em consideração". Como você tomará em consideração algo sobre o qual não pensou? Salmo 90.12 diz: "Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio". Contar os dias significa pensar no quanto eles são poucos e como eles passarão. Como você alcançará um coração sábio caso se recuse a pensar nessas coisas? Que desperdício não pensarmos na morte!

Paulo descreve o Espírito Santo como o "pagamento de entrada" invisível, que nos dá a certeza interior da vida eterna. Pela fé, o Senhor concede uma doce antecipação da realidade da vida eterna na presença de nosso Deus e Cristo. Nós também podemos dizer que o câncer é um "pagamento de entrada" para a morte, que é inevitável, dando-nos um gosto ruim da realidade da nossa mortalidade. O câncer é um sinal de algo muito maior: o último inimigo que você terá que enfrentar. No entanto, Cristo já derrotou esse último inimigo (1Co 15). A morte foi tragada na vitória. O câncer é simplesmente um dos soldados do inimigo, que ronda. Ele não tem poder final se você é filho da ressurreição, de forma que você pode olhar para ele olhos nos olhos.

[2] Tradução livre.

5. Você desperdiçará seu câncer se pensar que "vencer" o câncer significa continuar vivo mais do que apegar-se a Cristo.

Os objetivos de Satanás e de Deus no seu câncer não são os mesmos. Satanás quer destruir o seu amor por Cristo. Deus planeja aprofundar o seu amor por Cristo. O câncer não sairá vitorioso se você morrer, mas se você deixar de se apegar a Cristo. O propósito de Deus é que você deixe o alimento do mundo e se banqueteie com a suficiência de Cristo. Seu câncer tem o objetivo de ajudá-lo a dizer e sentir: "Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor" (Fp 3.8), ciente de que "viver é Cristo, e morrer é lucro" (Fp 1.21).

Apegar-se a Cristo expressa duas manifestações básicas da fé: a necessidade imensa e a alegria plena. Vários salmos fazem seu clamor em um "tom menor": aproximamo-nos do nosso Salvador ao precisarmos dEle para nos salvar de problemas, pecados, sofrimentos, angústias reais. Muitos outros salmos cantam em "tom maior": apegamo-nos ao nosso Salvador alegrando-nos nEle, amando-O, agradecendo por todos os benefícios que Ele nos concede, alegrando-nos no fato de que a salvação é o bem mais valioso e que Cristo tem a palavra final. E ainda muitos salmos começam em um tom e terminam em outro. Apegar-se a Cristo não é algo monocromático. Com Cristo, você vive a totalidade do espectro da experiência humana. "Vencer" o câncer é viver ciente de que seu Pai tem compaixão de um filho amado, pois sabe do que você é formado e que não passa de pó. Jesus Cristo é o caminho, a verdade, e a vida. Viver é conhecê-lO, e esse conhecimento é amor.

6. Você desperdiçará seu câncer se gastar tempo demais lendo sobre o câncer e não tiver tempo suficiente para ler sobre Deus.

Não é errado adquirir conhecimento sobre o câncer. A ignorância não é uma virtude. No entanto, a sedução de saber mais e mais sobre o câncer e a falta de zelo em conhecer mais e mais a Deus é um sintoma de incredulidade. O câncer tem o propósito de nos despertar para a realidade de Deus, colocar sentimento e força no mandamento "Conheçamos e prossigamos em conhecer ao SENHOR" (Os 6.3), despertar em nós a verdade de Daniel 11.32, que diz que "o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo", fazer de nós carvalhos inabaláveis e indestrutíveis: "Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na Sua lei medita de dia e de noite. Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido"(Sl 1.2,3). Que desperdício será lermos dia e noite sobre o câncer e não lermos a respeito de Deus!

O que é verdadeiro sobre suas leituras também diz respeito às suas conversas com outras pessoas. As pessoas expressam frequentemente cuidado e interesse perguntando sobre a sua saúde. Isso é bom, mas a conversa costuma parar nesse ponto. Fale abertamente sobre sua enfermidade, pedindo orações e conselhos. Em seguida, porém, mude a direção da conversa e conte aquilo que o seu Deus está fazendo para sustentá-lo fielmente com Sua misericórdia superabundante. Robert Murray McCheyene disse sabiamente: "Para cada vez que você olhar para seus pecados, olhe dez vezes para Cristo". Ele estava

combatendo nossa tendência de pensar dez vezes mais no nosso pecado do que no Senhor, lamuriarmo-nos por nossas falhas e nos esquecermos do Senhor misericordioso. Aquilo que McCheyene diz sobre nossos pecados podemos também aplicar aos nossos sofrimentos. Para cada frase que você disser sobre o seu câncer, diga dez sobre o seu Deus, a sua esperança, aquilo que Deus está lhe ensinando e as pequenas bênçãos de cada dia. Para cada hora gasta pesquisando e discutindo sobre o seu câncer, gaste outras dez pesquisando, discutindo e servindo ao seu Senhor. Relacione a Deus e Seus propósitos tudo o que você está aprendendo sobre o câncer, e você não ficará obcecado com essa enfermidade.

7. Você desperdiçará seu câncer se deixar que ele o leve à solidão em vez de aprofundar seus relacionamentos com manifestações de afeição.

Quando Epafrodito trouxe a Paulo as ofertas enviadas pela igreja de Filipos, ficou doente e quase morreu. Paulo diz aos Filipenses: "ele tinha saudade de todos vós e estava angustiado porque ouvistes que adoeceu" (Fp 2.26). Que reação maravilhosa! O texto não diz que eles se angustiaram por Epafrodito estar doente, mas que Epafrodito angustiou-se porque os filipenses ouviram que ele estava doente. Esse é o tipo de coração que Deus quer criar com o câncer: um coração profundamente afetuoso, que se importa com as pessoas. Não desperdice seu câncer isolando-se em si mesmo.

Nossa cultura fica aterrorizada diante da morte. Ela é obcecada pela medicina. Ela idolatra a juventude, a saúde e a energia, e procura ocultar qualquer sinal de fraqueza ou imperfeição. Você trará grandes bênçãos às pessoas se viver de forma aberta, confiante e amorosa em suas fraquezas. Paradoxalmente, você fortalecerá as outras pessoas se mantiver os relacionamentos nos momentos de fraqueza e dor. O "uns aos outros" é uma via de duas mãos - doação generosa e gratidão por receber. Sua condição de necessitado dá às pessoas a oportunidade de amar. E como o amor é sempre o maior propósito de Deus também para você, certamente você aprenderá as melhores lições, repletas de alegria, à medida que descobrir pequenas formas de expressar interesse pelas pessoas, mesmo quando você estiver extremamente fraco. Uma fraqueza grande e que põe em risco sua vida pode se mostrar surpreendentemente libertadora. Não há mais nada a fazer exceto ser amado por Deus e pelas pessoas, e amar a Deus e às pessoas.

8. Você desperdiçará seu câncer caso se entristeça como os que não têm esperança.

Paulo usou essa expressão a respeito daqueles cujos amados haviam morrido: "Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança" (1Ts 4.13). A morte traz tristeza. Mesmo para o crente que morre, há uma perda temporária: perda do corpo, perda dos amados que ficam e do ministério terreno. Essa tristeza, porém, é diferente - é permeada de esperança. "Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor" (2Co 5.8). Não desperdice seu câncer entristecendo-se como aqueles que não têm essa esperança.

Mostre ao mundo esse tipo diferente de tristeza. Paulo disse que ele teria "tristeza sobre tristeza" se seu amigo Epafrodito

morresse (Fp 2.27). Paulo ficou triste e sentiu o peso doloroso da enfermidade do amigo. Ele teria se entristecido duas vezes mais, caso seu amigo morresse. No entanto, essa tristeza amorosa, sincera e orientada para Deus coexistia com "alegrai-vos sempre", "a paz de Deus que excede todo o entendimento" e "um verdadeiro interesse pelo seu bem-estar" (Fp 4.4,7; 2.20). Como é possível o sofrimento coexistir com o amor, a alegria, a paz e com um sentido indestrutível de propósito na vida? Na lógica interior da fé, isso encontra sentido. De fato, por você ter esperança, você pode sentir os sofrimentos desta vida de forma mais aguda: tristeza sobre tristeza. Por outro lado, a tristeza sem esperança frequentemente escolhe o caminho da rejeição, da fuga ou da constante ocupação, pois ela não consegue enfrentar a realidade sem se perturbar. Em Cristo, você sabe o que está em jogo, e por isso você sente profundamente a injustiça deste mundo caído. Você não menospreza a dor nem a morte. Você ama o que é bom e odeia o que é mau. Afinal, você segue a imagem do "homem de dores e que sabe o que é padecer" (Is 53.3). No entanto, esse Jesus escolheu de boa vontade Sua cruz "em troca da alegria que Lhe estava proposta" (Hb 12.2). Ele viveu e morreu na esperança de que tudo se realizaria. Sua dor não foi silenciada pela rejeição ou por medicamentos, nem foi manchada por desespero, medo ou por tentativas desesperadas e inúteis de mudar as circunstâncias. As promessas finais de Jesus superabundam com a alegria de uma esperança sólida em meio aos sofrimentos: "para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo. A vossa tristeza se converterá em alegria. A vossa alegria ninguém poderá tirar. Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa. Isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos." (versículos selecionados de João 15-17)

9. Você desperdiçará seu câncer se continuar a tratar o pecado tão despreocupadamente quanto antes.

Seus pecados habituais são tão atraentes como eram antes de você ter câncer? Se a resposta for afirmativa, você está desperdiçando seu câncer. O câncer tem por propósito destruir o apetite pelo pecado. O orgulho, a ganância, a lascívia, o ódio, a falta de perdão, a impaciência, a preguiça, a procrastinação, são todos adversários que o câncer tem o alvo de atacar. Não pense somente em *combater* o câncer. Pense também em combater ao lado do câncer. Todos os pecados mencionados são inimigos piores do que o câncer. Não desperdice o poder que o câncer tem de esmagar esses adversários. Deixe que a presença da eternidade torne os pecados do hoje tão fúteis quanto de fato são. "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?" (Lc 9.25)

O sofrimento, de fato, visa afastá-lo do pecado e fortalecer a sua fé. Se você estiver afastado de Deus, o sofrimento exaltará o pecado. Sua escolha será ficar mais amargo, desesperado, viciado, temeroso, agitado, retraído, sensível e incrédulo no modo de conduzir sua vida? Será que você fingirá que tudo está normal? Você imporá as suas condições para a morte? Por outro lado, se você for amigo de Deus, o sofrimento nas mãos de Cristo o transformará de acordo com um ritmo constante e lento, e algumas vezes mais rápido. Você aceitará as condições do Senhor

para a vida e a morte. Ele o acalmará, purificará e limpará de toda presunção. Ele fará com que você O ame e necessite dEle. Ele reajustará as suas prioridades para que as coisas primordiais tomem o primeiro lugar com maior frequência. Ele andará com você. Naturalmente, você falhará algumas vezes, talvez tomado de irritação ou de pensamentos mórbidos, escapismo ou temores. No entanto, Deus sempre o levantará quando você tropeçar. Seu inimigo interno - um câncer moral dez mil vezes mais mortal do que seu câncer físico - morrerá à medida que você continuar a buscar e encontrar o seu Salvador: "Por causa do Teu nome, SENHOR, perdoa a minha iniquidade, que é grande. Ao homem que teme ao SENHOR, Ele o instruirá no caminho que deve seguir" (Sl 25.11,12).

10. Você desperdiçará seu câncer se deixar de usá-lo como um meio de testemunho da verdade e da glória de Cristo.

Nenhuma situação acontece por acidente na vida do cristão. Há motivos para estarmos onde estamos. Pense no que Jesus disse sobre as circunstâncias dolorosas e inesperadas: "Lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome; e isto vos acontecerá para que deis testemunho" (Lc 21.12,13). Assim é com o câncer. Ele será uma oportunidade para dar testemunho. O valor de Cristo é infinito. Esta é uma oportunidade de ouro para mostrar que Ele vale mais do que a vida. Não a desperdice.

Jesus é sua vida. Ele é o homem diante de quem todo joelho se dobrará. Ele venceu a morte de uma vez por todas. Ele terminará o que começou. Deixe sua luz brilhar à medida que vive nEle, por meio dEle e para Ele. Um dos hinos mais antigos da Igreja diz:

> Cristo, esteja comigo, Cristo em mim,
> Cristo detrás de mim, Cristo adiante,
> Cristo ao meu lado, Cristo para vencer-me
> Cristo para me consolar e restaurar.
> Cristo abaixo e acima de mim,
> Cristo em silêncio, Cristo em perigo,
> Cristo no coração de todos os que me amam,
> Cristo na boca do amigo e do estranho.

Em seu câncer, você necessitará dos irmãos na fé para testemunharem da verdade e da glória de Cristo, para andarem com você, viverem ao seu lado a fé que possuem e amarem você. E você pode fazer o mesmo com eles e com todas as outras pessoas, cultivando um coração que ama com o amor de Cristo e uma boca cheia de esperança diante de amigos e de estranhos.

Lembre-se de que você não foi abandonado. Você terá o socorro necessário. "E o meu Deus, segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades" (Fp 4.19).

A Dor da Perda:

compreendê-la e tratá-la não é questão de um processo, mas de uma Pessoa

Paul Randolph[1]

Quais perdas já lhe trouxeram pesar? Quais perdas lhe trazem pesar neste momento? Todo ser humano tem que lidar com a dor da perda em um grau ou outro. Conforme envelhecemos, enfrentamos a diminuição do círculo de familiares e amigos. Diferente de muitos outros temas dentro do aconselhamento, a dor da perda é algo que todos enfrentam. Como podemos entender melhor esta dor para lidarmos com ela de forma mais eficaz em nossa vida? Como podemos ajudar outras pessoas em seu pesar?

Uma abordagem atual

Vamos começar do ponto onde a maioria dos conselheiros encontra-se hoje. A pesquisadora Elizabeth Kübler-Ross influenciou grandemente o modo da nossa cultura compreender e tratar a dor da perda. Ela pesquisou o processo do luto, estudando familiares de pacientes em estado terminal de câncer, e desenvolveu aquilo que ficou conhecido como os "estágios" do processo de perda ou luto: negação, ira, negociação, depressão e aceitação.

Ao longo dos meus anos de pastorado, ministrei a inúmeras pessoas que passaram pela dor da perda. Quando eu era ainda um jovem pastor, li o material de Kübler-Ross, que fez sentido para mim. Ao iniciar o meu ministério, fui armado de fé e coragem na expectativa de que eu teria as respostas de que as pessoas precisariam nos momentos de pesar. No entanto, à semelhança de algumas das pregações sobre casamento e família que fiz bem no início do ministério, eu estava longe de ter as respostas! Olho para trás agora e fico admirado com minha ingenuidade.

[1]Tradução de adaptação de "Grief: It's Not About a Process; It's About a Person". Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 23, n. 1, Winter 2005, p.14-20.

Paul Randolph é conselheiro e faz parte da diretoria da Christian Counseling and Educational Foundation. É também professor adjunto no Biblical Theological Seminary em Hatfield, Pensilvânia.

Na ministração às famílias que passavam pela dor da perda, descobri que o processo do luto não é um "pacote pronto". Algumas vezes, as pessoas seguiam os estágios sucessivos conforme Kübler-Ross os definiu; outras vezes não. Eu dizia obedientemente às pessoas que esperassem esses estágios. Quando eles não aconteciam, elas voltavam a mim perguntando se havia algo errado com elas. Eu sugeria ingenuamente que talvez elas não estivessem processando a perda de modo saudável, visto não seguirem aquele roteiro.

A dor da perda é intensamente pessoal

Vou descrever duas situações que enfrentei como pastor. Primeiro, imagine que você é o pai ou a mãe de uma jovem vibrante cuja vida foi levada pouco a pouco por uma esclerose múltipla. Nos seus anos de segundo grau, ela era ativa no grupo de jovens da igreja e no ministério Young Life (Vida Jovem). Mais tarde, foi para a faculdade e casou-se. Após um divórcio difícil, ela descobriu que sofria daquela doença debilitante. Por fim, ela ficou de cama e incapaz de falar. Seus pais a levaram para casa e cuidaram dela, dia após dia, ano após ano. Eles aprenderam a cuidar de sua higiene pessoal, alimentá-la por meio de um tubo e virá-la de um lado para outro para que não tivesse escaras. Muito do dinheiro da aposentadoria e das economias deles foi gasto com a filha. Imaginem quantos pensamentos e emoções diferentes eles experimentaram. Nenhum pai espera esse tipo de coisa para seus filhos.

Agora, coloque-se em meu lugar. Eu sou o novo pastor da igreja daquele casal. Ouço as pessoas sussurrando o nome da filha deles, mas não faço ideia de quem ela seja e desconheço sua história de vida. Seu pai é diácono, mas ele nunca fala nada sobre a filha. Ele continua a servir ao Senhor fielmente, sem se queixar nem murmurar. Sua esposa canta no coral e serve no ministério com as mulheres da igreja. Eles servem ao Senhor com alegria. Finalmente, eles me falam sobre a filha e eu me proponho a visitá-la.

- Pastor, isso é muito bom da sua parte, mas nós sabemos o quanto o senhor é uma pessoa ocupada, e ela não consegue dialogar com o senhor, ainda que ela ouça e que os médicos digam que ela entende.

- Entendo, mas ainda assim eu gostaria de ir. Teria algum problema?

Como eu devo ministrar àquela mulher e a seus pais? O que devo dizer? Como eu posso ajudá-los a achar algum sentido na situação? Ou será que preciso mesmo ajudar? Talvez eles possam me ensinar alguma coisa sobre o mais puro amor e a confiança em Deus. Descobri que essa não era a primeira tragédia enfrentada pela família. Outro filho havia morrido em um acidente de carro. Tudo o que eu pensei dizer soaria batido. Mantive, então, o foco nas Escrituras e na oração, e não falei muito durante as visitas. Alguns anos depois, a filha morreu enquanto dormia. Depois do funeral, seus pais vieram a mim e me disseram o quanto o culto fúnebre tinha sido edificante para eles e para a família. A mãe da moça fez o seguinte comentário: "Pastor, assim como suas palavras foram boas para nós hoje, as suas visitas fiéis e a sua presença em nossa casa marcaram-nos tanto. Obrigada".

Em segundo lugar, coloque-se no lugar dos pais de um policial novato, de vinte e um anos de idade. Certa noite, você recebe uma ligação dizendo que ele foi baleado. Você corre para o hospital, onde descobre que seu filho foi baleado na cabeça e

está passando por uma cirurgia naquele momento. No dia seguinte, bem cedo, você o visita na UTI. Ao entrar, você vê tubos por toda a parte e ouve o som do aparelho para respiração artificial e do monitor cardíaco. Esse jovem vibrante estava pronto a combater o mundo dos criminosos, a fazer algo bom. Agora ele é somente um corpo mantido vivo pelo milagre da medicina moderna. Esse jovem nunca deixará a UTI.

Mais uma vez, coloque-se em meu lugar como pastor e amigo daquela família. Você vai até a UTI para ficar com a família, que está abalada. Enquanto seguram a mão do rapaz, eles lhe falam a respeito dele. O que você diz a esses pais, a esses amigos queridos? O que você faz por eles? No culto fúnebre, centenas de policiais da região e do país olham para você tentando achar algum sentido naquela tragédia. Quais palavras podem trazer conforto e entendimento àqueles que choram?

Não estou compartilhando essas histórias para dizer que eu era um pastor maravilhoso. A minha igreja estava longe de ser um megaministério. Menciono essas duas famílias para fazer com que você pense no luto de forma diferente - não como um processo que se move ao longo de estágios previsíveis, mas como algo altamente pessoal. De acordo com Kübler-Ross, as pessoas passam por cinco estágios diante da perda. No entanto, as pessoas dos exemplos que dei nunca se encaixaram bem nesses estágios. As duas mortes trágicas deixaram as famílias pesarosas. Uma morte lenta levou muitos anos; a outra levou um dia e meio. A primeira família nunca expressou negação, ira, negociação nem depressão. Ainda assim, eles enfrentaram o pesar (que não consta entre os estágios de Kübler-Ross!). Eles esperaram em Jesus, amaram fielmente sua filha, vigiaram esperançosamente e mantiveram seu envolvimento na igreja e na comunidade. A intensidade da experiência deles em longo prazo foi profundamente comovente.

A experiência da segunda família assemelhou-se mais aos "estágios", mas movendo-se rapidamente de uma emoção para outra, e de volta à primeira. Cinco reações típicas, mas sem nenhuma progressão regular entre os estágios.

Embora muitas pessoas possam se identificar com as experiências humanas comuns descritas pelos "estágios", descobri que nem todos experimentam todos eles na ordem que Kübler-Ross delineou. A dor da perda é uma experiência intensamente pessoal. Algumas pessoas respondem com uma grande quantidade de emoção, outras de forma muito estoica. Algumas expressam ira; outras, resignação. As pessoas sentem uma variedade de emoções. Não estou dizendo que aquilo que Kübler-Ross chama de "estágios" não descreva de forma válida cinco maneiras de *algumas pessoas* passarem pela perda. O problema está em tornar esses estágios normativos para *como as pessoas* passam pela experiência do luto.

Quando eu era um jovem pastor, esperava que as pessoas obedecessem a essa sequência. Quando isso não acontecia, eu presumia que algo estava errado com elas. Anos depois, compreendi que talvez o problema não estivesse nas pessoas, mas nos estágios. A realidade era que os membros da minha igreja simplesmente não se encaixavam na teoria de Kübler-Ross. De fato, algo mostrou-se mais importante. O fator decisivo não era uma descrição de um suposto processo, e sim a qualidade do relacionamento das pessoas com Deus e com outras pessoas.

Uma Pessoa de dores

Como crentes, quando enfrentamos a dor da perda, não vivemos como aqueles que não têm esperança. Sim, nós nos entristecemos, choramos, sentimos dor. Não somos, porém, simples poeira ao vento ou gotas d'água em um mar infinito. Somos seres criados. Podemos conhecer de perto nosso Criador. Somos consolados, mas nosso consolo não vem do conhecimento dos estágios de um processo previsível. Somos consolados por uma pessoa: Jesus. E por essa razão, podemos consolar uns aos outros. Nas histórias que contei, o que mais fez diferença para as pessoas não foram as palavras que eu lhes disse, mas a minha presença ao lado delas em seu pesar.

Naturalmente, o luto é um processo pessoal, variável, imprevisível e individual. A direção em que ele aponta, porém, é Aquele a quem a Bíblia descreve como "homem de dores e que sabe o que é padecer". Quando você enfrenta alguma perda, a única resposta é buscar e encontrar Jesus. O Deus-homem traz uma capacidade que nenhuma teoria, nenhuma descrição e nenhuma outra pessoa ou pastor poderia trazer. Leia a seguinte descrição a respeito dele:

> Certamente, Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si; e nós O reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; Por juízo opressor foi arrebatado; Todavia, ao SENHOR agradou moê-lO, fazendo-O enfermar; Ele verá o fruto do penoso trabalho de Sua alma e ficará satisfeito. (Is 53.4,7,8,10,11)

Nessas palavras, você começa a compreender a profundidade do pesar e da perda de Cristo. Ele é capaz de compreender a profundidade da sua perda e do seu pesar porque o pesar dEle foi mais profundo e além do seu. Em sua crucificação e morte, Ele experimentou a tristeza e o pesar de todas as pessoas que já existiram. Imagine o que deve ter sido para Jesus não somente levar o próprio fardo de pesar e dor, mas fazê-lo enquanto Deus derramava sobre Ele Sua santa ira contra o pecado.

Como pastor e conselheiro, importo-me sinceramente com as aflições e dores das pessoas. No entanto, se a sua experiência não tiver algum paralelo direto com a minha, eu não posso dizer com sinceridade que sei o que você está passando. No máximo, posso imaginar. Posso, porém, indicar alguém que sabe exatamente o que você está passando. Ele esteve em seu lugar, e foi além. Você perdeu alguém que amava? Cristo também perdeu. Você foi traído por seus amigos? Cristo também, muitas vezes mais. Você sente que Deus o abandonou? Ouça as palavras de Cristo na cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?". A sua alma está angustiada? Ela está oprimida em razão da sua perda? Jesus sentiu o mesmo.

Como exatamente Cristo tomou sobre Si o seu pesar e levou a sua aflição? A Bíblia não explica em detalhes. Ela simplesmente declara que isso aconteceu e conta a história que mostra o quanto isso é verdade. Estamos diante de uma questão de fé. Aceite a Deus conforme Ele se apresenta em Sua Palavra, creia que aquilo que Ele diz é verdadeiro, mesmo que você não entenda completamente. Ele fez essas coisas simplesmente em virtude de ter-Se tornado homem. Ele experimentou a largura e a profundidade da experiência humana,

conforme o registro fiel dos evangelhos. Mais do que isso, em virtude de ser nosso Salvador, Ele tomou sobre Si deliberadamente o pesar e a tristeza de cada um de nós.

A verdade torna-se realidade

As pessoas que enfrentam a dor da perda não estão em busca de uma explicação complexa dessa verdade. Elas se sentem confortadas pela simples menção dessa verdade. Elas precisam da pessoa que é Jesus, e não da teoria de Kübler-Ross. Elas nem mesmo precisam de uma análise teológica elaborada, mas da presença preciosa de um Salvador. Como essa verdade torna-se real para uma pessoa que enfrenta a dor da perda? Ao longo do meu ministério, descobri que essa resposta assume quatro formas: compreenda a presença amorosa de Deus, conheça as promessas de Deus, busque a Deus em oração e experimente a presença amorosa do povo de Deus.

1. Compreenda a presença amorosa de Deus

Deus é "socorro bem presente nas tribulações" (Sl 46.1). Como podemos ter certeza disso se a Sua presença não é fisicamente visível? Podemos fazê-lo pela fé, confiando que Deus é fiel à Sua Palavra. Ele nos diz que está especialmente presente quando estamos sofrendo.

- Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações. (Sl 46.1)
- Perto está o SENHOR dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito oprimido. (Sl 34.18)
- Pois o SENHOR, teu Deus, é contigo por onde quer que andares. (Js 1.9)
- Quando passares pelas águas, Eu serei contigo; quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Não temas, pois, porque sou contigo. (Is 43.2,5)

Observe como todas essas palavras enfatizam repetidamente a presença de Deus. A presença efetiva dEle por meio de Seu Espírito Santo torna real essa verdade. Por exemplo, em Romanos 5.2,3, Paulo escreve algo que parece absurdo: "... e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações". Como podemos nos gloriar nas tribulações? Será que Paulo está ensinando que devemos ter algum senso distorcido de masoquismo? Paulo explica como isso pode ser:

> Também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado (Rm 5.3-5).

Deus faz com que Seu amor se torne real em meio ao nosso sofrimento. E isso não acontece pela compreensão de estágios arbitrários do processo de perda, nem mesmo por um conhecimento abstrato de que Deus deve estar presente. O amor de Deus torna-se real pela presença de Deus na pessoa do Espírito Santo. O Espírito Santo assume aquilo que de outra forma pareceria uma ilusão absurda. Deus está

presente no sofrimento e nos faz crescer por meio dele. Podemos nos gloriar no sofrimento porque a presença de Deus torna-se uma realidade em nossa vida.

2. Conheça as promessas de Deus

Deus faz promessas incríveis a nós, que somos Seus filhos. Várias delas merecem ser discutidas, mas há uma que é especialmente consoladora: a soberania de Deus. Quando afirmamos que Deus é soberano, queremos dizer simplesmente que Ele está no controle. Ele tem um propósito para tudo aquilo que acontece. Várias passagens das Escrituras nos ensinam Seus muitos propósitos no sofrimento.

A soberania de Deus garante significado às perdas que nos trazem pesar. Se eu perder uma pessoa querida *sem* conhecer a soberania de Deus, a morte daquela pessoa é uma perda completa. Não há propósito para a vida, não há esperança de vida após a morte, não há nada a fazer a não ser ficar pesaroso. Só há vazio e dor, e nada que amenize a dor. Saber que Deus é soberano muda tudo. Deus tem um plano e um propósito para tudo o que acontece, até para a triste tragédia da morte. Nada surpreende Deus nem O pega desprevenido. A soberania de Deus dá sentido às nossas perdas, mesmo que eu ainda não consiga entender qual é o propósito específico de Deus por trás daquela perda. A fé confia na graça e na benevolência de Deus - e um dia nós entenderemos.

As Escrituras oferecem exemplos vivos dessa verdade. Em Lamentações, numa época de devastação e sofrimento incríveis, o profeta Jeremias sentiu pesar com e pelo seu povo. Israel foi invadido e Jerusalém, destruída. A terra foi devastada, as cidades foram saqueadas. Grande parte do povo de Deus foi morta ou levada cativa. Só restaram a miséria e o sofrimento. Jeremias expressou a profundidade do seu pesar pelo que aconteceu:

> Eu sou o homem que viu a aflição... Edificou contra mim e me cercou de veneno e de dor. Fez-me habitar em lugares tenebrosos, como os que estão mortos para sempre (Lm 3.1,5,6).

A angústia de Jeremias chegou ao extremo nestas palavras:

> Lembra-te da minha aflição e do meu pranto, do absinto e do veneno. Minha alma, continuamente, os recorda e se abate dentro de mim (Lm 3.19,20).

Então o profeta disse algo que parece absurdo, que nos deixa estupefatos e muda radicalmente a direção: "Quero trazer à memória o que me pode dar esperança" (Lm 3.21). Como alguém poderia ter esperança em meio a tão completo desespero e pesar?

> As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as Suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a Tua fidelidade. A minha porção é o SENHOR, diz a minha alma; portanto, esperarei nEle (Lm 3.22-24).

Jeremias estava certo de que o amor de Deus não havia acabado. Deus seria fiel até o fim. Como ele pôde crer assim quando tudo o que ele via dizia o contrário?

Sua resposta foi: Deus é soberano. Ouça suas palavras: "Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o Senhor o não mande? Acaso, não procede do Altíssimo tanto o mal como o bem?" (Lm 3.37,38).

Embora eu já tivesse experimentado a morte de pessoas queridas, a realidade da perda, do desespero e do pesar desabou sobre minha vida com as seguintes palavras do meu médico: "Você vai precisar de uma cirurgia no abdômen". Horas de cirurgia e trinta e nove pontos depois, eu estava deitado em uma cama de hospital sem poder fazer nada além de apertar o botão para pedir uma dose de morfina. Nos dois anos seguintes, precisei passar por mais duas cirurgias. Cada uma delas deixou-me esgotado e sem poder trabalhar por semanas. "Nem pense em trabalho! Só levante para ir ao banheiro."

Quando você está deitado em uma cama de hospital, você tem muito tempo para pensar. Tudo parece estar fora de controle. Tudo aquilo que você tinha por certo na vida adquire novo significado e importância. Hoje, as palavras de Jeremias em Lamentações têm um significado muito mais rico para mim. A única forma de eu encontrar sentido nos meus últimos anos é uma verdade: Deus é soberano. Ele tem um propósito para tudo o que acontece, e Ele está no controle.

3. Busque a Deus em oração

Deus diz que quando nós O buscamos, nós O encontramos:

> Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração. Serei achado de vós, diz o SENHOR (Jr 29.12-14a).

Deus está comprometido com Seu povo. Quando você clama a Ele, Deus responde. O que Deus nos oferece quando o buscamos? Ele oferece a Si mesmo. "Vós me achareis." "Serei achado de vós." Estas palavras têm uma ênfase muito pessoal e elas são o que realmente importa para a pessoa que enfrenta a dor da perda. Deus está presente. Ele é soberano. E podemos ter acesso a Ele pela oração. Você pode dizer a Deus o quanto está sofrendo. Você pode contar a Ele suas emoções, medos e questionamentos. Não é possível interagir com um processo de luto, mas é possível interagir com Deus, pois Ele sabe exatamente o que você está passando e que deseja ouvir a perspectiva singular que Ele tem sobre o sofrimento.

4. Procure o povo de Deus

Por fim, Deus nos ajuda em nosso pesar servindo-se das pessoas. Quando estamos na presença do povo de Deus, Ele usa nossos irmãos na fé para expressar a realidade de tudo aquilo que já foi considerado até aqui. Eles manifestam a presença amorosa de Deus por meio do Espírito Santo que neles habita. Eles nos fazem lembrar as promessas de Deus, feitas em amor e sensibilidade. Eles oram por nós e conosco, buscando a Deus em meio ao nosso pesar.

Nós não enfrentamos sozinhos o pesar. O povo de Deus o enfrenta conosco. Quando o povo de Deus vive o fruto do Espírito, Deus usa as pessoas para levar àqueles que estão em pesar o consolo, o auxílio e a esperança, e não uma doutrina impessoal ou uma teoria abstrata.

Relembrando minha experiência com as duas famílias que mencionei, como eu, ou qualquer outra pessoa, poderia começar

a consolar aqueles pais? Que significado teria? Quais palavras fariam sentido? A necessidade maior daqueles pais era a única coisa que, de fato, eu podia lhes dar: amá-los ao estar com eles e ao encarnar Cristo para eles. Isso não significa que eu me torno o próprio Cristo, mas que sou uma extensão viva do Seu amor e do Seu cuidado amoroso. Quando os crentes demonstram a realidade de Cristo por meio de sua vida, Deus os usa para confortarem os que estão passando pelo pesar. Eu chorei com aqueles que choravam, fiquei pesaroso com os que assim estavam. Em minha impotência para remover o seu pesar, ou mesmo para tentar ajudá-los a entenderem as razões das circunstâncias, eu lhes mostrei Cristo - o Homem de dores que sabe o que é padecer.

Quando olhamos para a Bíblia, podemos encontrar uma variedade de reações da parte daqueles que estão pesarosos. Abraão pranteou Sara quando ela morreu, e chorou sobre ela. Davi ficou pesaroso pela morte de Saul e Jônatas de forma bem pública e audível. Mais tarde, quando seu filho Absalão morreu, Davi afligiu-se em particular, em oração. Depois disso, porém, ele voltou rapidamente à sua rotina, aceitando a morte do filho. No livro de Rute, o pesar e a amargura de Noemi diante de Deus foram tão grandes que ela mudou seu nome para "amarga". Jesus ficou pesaroso pela morte de Lázaro e chorou com a família e os amigos dele. Às vezes, vemos o povo de Deus vestindo pano de saco. Outras vezes, rasgando suas roupas. Algumas vezes, há uma busca por vingança ou justiça. Vemos uma variedade de experiências que vão desde a ira até a aceitação. As Escrituras simplesmente refletem a realidade da dor humana. As pessoas enfrentam a dor da perda de formas diferentes. Cristo é o fator decisivo.

Os estágios e a abordagem de Elizabeth Krüber-Ross não consideram a variedade de respostas singulares para a dor da perda, nem a profundidade de uma resposta bíblica. Seu entendimento da dor da perda e do sofrimento é arbitrário e artificial. É arbitrário, pois nem todas as pessoas experimentam o luto da forma que ela descreve. Pessoas diferentes respondem de maneiras diferentes. É tolice esperar que as pessoas passem por um esquema prescrito de estágios. Isso não demonstra sensibilidade à natureza intensamente pessoal do luto. Também é artificial. Uma descrição de como algumas pessoas experimentam a dor da perda não oferece uma resposta suficiente para como as pessoas podem encontrar a verdadeira paz e até mesmo a alegria em meio ao sofrimento.

A abordagem de Kübler-Ross, por fim, deixa a pessoa que passa pela dor da perda querendo algo mais. Ela não oferece nenhuma resposta às principais perguntas relacionadas à morte e ao que nos acontece quando morremos. O máximo que se pode aproveitar da abordagem de Kübler-Ross é que a pessoa consiga aceitar um pouco melhor algo para o qual não há resposta ou esperança final. Chega-se a aceitar que a pessoa amada está morta e enterrada, ponto final. Isso é um consolo frio!

Uma resposta bíblica concentra-se na pessoa de Jesus. Ele sabe o que é o pesar, pois o Seu pesar alcançou uma profundidade que nenhum de nós consegue compreender completamente. Ele não somente conhece e compreende nosso pesar, com também é o único mediador entre Deus e o homem. Ele pode nos socorrer quando sofremos ou somos tentados. Sim, a morte

traz tentações, que podem incluir ira contra Deus, suicídio, apostasia, abuso de substâncias químicas, juntamente com a tentação de negar a situação, de negociar ou dar lugar à ira, à depressão e a uma aceitação infundada.

> Porque não temos Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna (Hb 4.15,16).

Jesus entra no seu mundo de pesar de uma forma que ninguém mais consegue. Como Deus, Ele sabe tudo sobre você. Como homem, Ele viveu cada tentação que você enfrenta. Ele era semelhante a você "em todas as coisas" (Hb 2.17). Ele também foi tentado naquilo que sofreu, e tem uma capacidade inigualável de Se compadecer de nós em todas as provações, tristezas e perdas da vida. Há um século, B. F. Westcott chamou atenção para o fato de que a resistência a que Jesus foi desafiado diante da tentação foi maior, e não menor, do que aquela que é exigida de nós. Como Filho de Deus, "em troca da alegria que lhe estava proposta", Ele experimentou uma tentação e um sofrimento tão intensos que somente um indivíduo sem pecado conseguiria enfrentar e resistir.[2]

Quando enfrento a dor da perda, posso esperar mais do que uma simples aceitação de um destino incerto para uma pessoa querida e de uma vida de dor por aquilo que perdi. Posso ir a Cristo com confiança e saber que receberei Sua misericórdia. Sua graça me socorrerá em minha angústia porque Ele passou pelo que eu estou passando. Posso encontrar algo mais do que os estágios de luto arbitrários e impessoais. Encontro meu Criador, que responde pessoalmente à minha perda.

Quando as pessoas passam pela dor da perda, posso consolá-las com a mesma consolação que recebi (2Co 1.4). Posso dar a elas o que realmente importa: Cristo, o Homem de dores e que sabe o que é padecer.

[2]B. F. Westcott, *The Epistle to the Hebrews* (London, MacMillan, 1903).

Estresse Pós-Traumático

Paul Randolph[1]

- Um casal dirige-se para casa depois das férias e um motorista embriagado bate violentamente em seu carro. Eles estão na UTI de um hospital com ferimentos e correm risco de vida.
- Outro casal recebe a notícia de que seu filho foi morto durante uma ação da guerra no Iraque.
- Uma família deixa sua residência antes da chegada do furacão Katrina. Quando retorna, descobre que a casa foi totalmente destruída.
- Um bombeiro resgata uma criança de um quarto em chamas, mas é tarde. A criança já sucumbiu à inalação da fumaça.
- Um suicida armado invade uma pequena escola Amish e mata várias meninas.
- Um aluno frustrado e irado da Universidade de Virginia atira e mata trinta e duas pessoas inocentes num ataque assassino.

Eventos trágicos como estes causam grande estresse nas pessoas diretamente envolvidas, bem como naquelas próximas à situação. Cada acontecimento pode desencadear uma variedade de reações físicas, mentais, emocionais, comportamentais ou espirituais. Cada situação pode levar a reações caóticas e debilitantes que deixam familiares e amigos preocupados e confusos por períodos variados de tempo. Os seres humanos reagem às perdas, aos sofrimentos, às ameaças e males extremos de maneiras semelhantes. Os psicólogos rotulam essas reações de Transtorno do Estresse Pós-Traumático.

Como cristãos, nem sempre sabemos como lidar com as reações das pessoas aos eventos traumáticos. Frequentemente, ao enfrentarmos uma situação de emergência, reagimos a partir de um modelo ou de uma visão secular. Talvez até pensemos que as

[1]Tradução de adaptação de "Post-Traumatic Distress". Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 25, n. 3, Summer 2007, p.8-15.

chances de termos que lidar com um evento traumático de maiores proporções sejam tão remotas que nos perguntamos: "Por que eu deveria sequer incomodar-me em pensar em como eu reagiria?". No entanto, acontecimentos como o furacão Katrina, os assassinatos na Universidade de Virginia e da escola Amish no Condado de Lancaster, os atentados de Columbine, de Oklahoma, de 11 de setembro, demonstram que os eventos traumáticos podem acontecer em qualquer lugar, a qualquer hora.

Durante meus vinte e tantos anos como pastor, tenho servido como capelão no Departamento de Polícia da cidade de Filadélfia e em dois grupos voluntários de combate a incêndios. Tenho trabalhado com policiais, bombeiros e suas famílias em meio a situações extremamente difíceis e estressantes. Também sirvo numa equipe de atendimento a ocorrências emergenciais. O que os anos de experiência me ensinaram é que Deus se importa com as pessoas que sofrem eventos traumáticos.

Como conselheiros bíblicos e amigos, somos chamados a ministrar àqueles que enfrentam eventos que alteram significativamente a vida. Talvez você tenha um amigo ou alguém querido que esteja enfrentando uma situação traumática e seus efeitos. Ou talvez você mesmo já tenha enfrentado um acontecimento traumático. Esse material lhe dará uma perspectiva bíblica de como ajudar as pessoas a enfrentarem suas dificuldades.

O estresse pós-traumático

Foi estimado que mais de 80% da população americana ficará exposta a algum tipo de evento traumático durante os anos de vida. Em torno de 10% desse número desenvolverá a versão mais extrema da reação de estresse, comumente chamada de Transtorno do Estresse Pós-Traumático. Entre 10 a 15% dos policiais e 10 a 30% dos bombeiros apresentam tais reações extremas em resposta às situações de trabalho. O órgão que trata dos veteranos de guerra americanos descobriu que 16% dos veteranos do Vietnã experimentaram o estresse pós-traumático. O Centro Americano para Serviços de Saúde Mental estimou que 1.5 milhões de residentes da cidade de Nova Iorque buscaram aconselhamento com queixas relacionadas ao atentado terrorista de 11 de setembro. Um estudo de 2001, realizado por Wee e Myers, sugeriu que mais de 50% dos que trabalham em resgates de acidentes estariam propensos a desenvolver um estresse pós-traumático significativo. Após o ataque de gás Sarin em Tóquio, foi muito maior o número daqueles que sofreram sintomas psicológicos do que daqueles que foram fisicamente afetados pelo incidente.

Os especialistas em cuidados de traumas descrevem dez categorias de eventos (os "Terríveis Dez") como particularmente difíceis de serem enfrentados:[2]

[2]Grande quantidade de informação sobre reações de estresse vem da International Critical Incident Stress Foundation (www.icisf.org). Veja George S. Everly, Jr. e Jeffrey T. Mitchell, *Critical Incident Stress Management: Individual Crisis Intervention and Peer Support*, 2ª ed. (Ellicott City, MD: International Critical Incident Stress Foundation, 2003); e George S. Everly, Jr. e Jeffrey T. Mitchell, *Critical Incident Stress Management: Group Crisis Intervention*, 3ª ed. (Ellicott City, MD: International Critical Incident Stress Foundation, 2003).

1. Morte ou suicídio de um membro da família, amigo ou colega de trabalho.
2. Morte no local de trabalho (serviços militares ou de emergência).
3. Ferimento grave no local de trabalho ou ferimento a serviço.
4. Desastre ou incidente com muitas mortes.
5. Tiroteio policial, morte ou ferimento de pessoa inocente, eventos com ameaça extrema aos participantes.
6. Eventos significativos envolvendo ferimentos ou risco de ferimento a crianças.
7. Experiências prolongadas de sofrimento, envolvendo especialmente uma perda.
8. Eventos nos quais as vítimas são familiares.
9. Eventos com interesse excessivo da mídia.
10. Qualquer outro evento significativo capaz de causar considerável estresse emocional para qualquer pessoa exposta a ele.

Esses "terríveis dez" geralmente produzem reações significativas de estresse.

As reações típicas a eventos traumáticos podem ser divididas em cinco categorias: sintomas físicos, padrões de pensamento alterados, reações emocionais, mudanças comportamentais e lutas espirituais.

Em situações altamente estressantes e anormais, as pessoas reagem de formas esperadas. À medida que diminui a descarga de adrenalina causada pela situação traumática, a pessoa pode experimentar choques emocionais posteriores, quando o impacto do evento torna-se mais claro. As reações podem durar de poucos dias a alguns meses, dependendo da severidade do evento que as precipitou. Em uma reação aguda ao evento traumático, o equilíbrio pessoal e emocional quebra-se. Os meios comuns de superação não funcionam e aparecem sinais significativos de estresse, debilitação ou colapso.

Os sintomas físicos no desgaste traumático podem ser muito pronunciados. Entre eles, estão a fadiga, fraqueza, dor de cabeça, falta de ar, indigestão, náusea e vômitos. Pode ocorrer aumento ou diminuição dos batimentos cardíacos, bem como espasmos musculares e suores frios. Os sintomas físicos mais severos podem incluir dor no peito, tonturas recorrentes e convulsões. Pode haver presença de sangue no vômito, na urina, nas fezes ou no catarro. Pode ocorrer um colapso ou perda da consciência. Com frequência, faz-se necessária a atenção médica.

Os eventos trágicos afetam a maneira de pensar e de olhar para o mundo. Uma pessoa abalada pode ser incapaz de se concentrar e/ou tomar as mais simples decisões. Ela pode ficar tão preocupada com o evento trágico em si, que pensa e fala a respeito dele obsessivamente. Além disso, pode ficar evidente uma maior ou menor consciência do ambiente, o esquecimento e o pensamento abstrato precário. As reações mais severas podem incluir paranoia, pensamentos sobre suicídio ou vingança de morte, pesadelos recorrentes, alucinações e visões.

As reações emocionais tornam-se mais pronunciadas em consequência de um evento traumático. Dependendo do indivíduo e da gravidade do trauma, pode haver um aumento de ansiedade geral, bem como ansiedade diante de coisas que nunca antes haviam sido um motivo de preocupação.

Apreensão, agitação, negação, ira e irritabilidade também são reações comuns. A pessoa pode passar a ter medos e desenvolver fobias irracionais. A tristeza profunda é comum e pode consumir a pessoa, especialmente se houve a perda de alguém querido. É palpável a tristeza por ter sobrevivido quando outros morreram ou ficaram seriamente feridos ("culpa de sobrevivente"). A pessoa pensa que talvez pudesse ter evitado o incidente ou feito algo mais para ajudar a resgatar aqueles que morreram ou ficaram feridos. Os "somente se..." dominam o pensamento. Outras formas extremas de estresse emocional podem incluir ataques de pânico ou emoções infantilizadas em adultos. Os sentimentos sobrepujantes de ira ou tristeza podem fazer uma pessoa ficar completamente dissociada de suas emoções. A pessoa pode ficar entorpecida e ter uma aparência de "vazio" persistente. A depressão pode deter a pessoa de realizar as atividades normais do dia-a-dia.

Algumas mudanças comportamentais ocorrem frequentemente em resposta a um evento traumático. Essas mudanças podem incluir perda ou aumento do apetite, mudança no desempenho sexual, desconfiança, atitudes antissociais e estado de vigilância constante quanto ao ambiente em que vive. Pode ocorrer uma mudança na intensidade das atividades. A pessoa pode se retrair, andar de um lado para o outro continuamente, manifestar movimentos irregulares e contração espasmódica dos músculos ou desenvolver um reflexo de medo. O consumo de álcool, a reação comportamental mais comum, contribui para que a pessoa mergulhe ainda mais numa espiral descendente e interfere na recuperação.

Finalmente, a vida espiritual de uma pessoa pode ser seriamente afetada pelos eventos traumáticos. Ela pode experimentar uma crise de fé e expressar ira para com Deus. Ela pode se sentir abandonada por Deus e se afastar da igreja e dos amigos da igreja. Os traumas podem levar a um sentimento de que a vida não é certa nem justa. Pode haver uma perda do desejo de orar e uma sensação de que a vida não tem valor. Torna-se uma luta acreditar na graça e no perdão de Deus. As reações mais severas podem incluir obsessões ou compulsões religiosas e até alucinações ou visões. A pessoa traumatizada pode também afastar-se totalmente da fé religiosa. As crenças profundamente enraizadas podem ser desafiadas. Um mundo com ordem, organizado por Deus, já não parece possível. A crença em um mundo previsível, seguro, correto e justo está perdida. O caos, a imprevisibilidade e a dor parecem ser a nova norma.

Os psicólogos falam frequentemente sobre o Transtorno do Estresse Pós-Traumático, o rótulo usado para identificar as reações intensas de estresse. Qual é a diferença entre uma reação normal a um evento traumático e uma reação que recebe esse diagnóstico? O Transtorno do Estresse Pós-Traumático é um diagnóstico com base *quantitativa*: a *duração* de tempo que uma pessoa experimenta a reação de estresse e o *grau* com que a experimenta. Todos experimentam algum grau de estresse e reações de estresse aos eventos da vida, mas considera-se que uma pessoa tenha estresse pós-traumático quando as técnicas normais que tentam diminuir o impacto do trauma não funcionam, quando os sintomas persistem por mais de trinta dias e parecem piorar, e quando as funções normais da

pessoa deterioram. A depressão severa, as memórias intrusivas e um crescimento acentuado do estresse podem levar a este diagnóstico. As reações mais extremas de estresse pós-traumático incluem dissociação ou personalidade múltipla, amnésia, distúrbio persistente do sono, reação exagerada de medo e evidência de convulsões.

Durante uma viagem a Nova Orleans, depois do furacão Katrina, percebi que muitas pessoas tinham as expectativas normais da vida destruídas. Aquelas pessoas perderam suas casas e todos os seus pertences e foram separadas de amigos e vizinhos. Mesmo que elas pudessem voltar para casa, não havia empregos. No aniversário de um ano do furacão Katrina, muitos ainda esperavam pelos acertos do seguro e da assistência do governo, e não tinham nenhuma garantia de que os infames diques aguentariam caso viesse outro furacão forte. Entre as pessoas que encontrei, nenhuma teria imaginado que um ano após o furacão ainda estaria esperando por assistência para dar continuidade à vida. Os efeitos traumáticos de tamanha devastação duraram muito tempo.

Ministrando àqueles que sofrem um estresse profundo

O aconselhamento mútuo, sábio e amoroso deveria ser uma parte normal da vida dos cristãos. Não fique intimidado pelo rótulo de Transtorno do Estresse Pós-Traumático. Ele se refere simplesmente às reações humanas esperadas diante do sofrimento real. Quando um amigo ou ente querido experimenta um trauma, a necessidade de ajuda aumenta. Talvez você seja um membro da família ou um amigo de alguém que está lutando após um evento traumático. Talvez você seja um conselheiro ou pastor. O que você pode fazer? Vou sugerir várias maneiras significativas pelas quais você pode ajudar.

1. Seja uma presença amorosa e atenta.

Primeiro, seja um bom ouvinte. Uma das melhores maneiras de ajudar é oferecer seu ouvido e permitir que o seu familiar ou amigo compartilhe o que aconteceu e como ele está se sentindo. Gaste tempo com a pessoa e diga-lhe que ela pode contar com você.

Se você não viveu o mesmo tipo de experiência, não diga "Eu sei como você se sente". Antes, peça que a pessoa compartilhe como ela está se sentindo. Costumo dizer: "Eu não sei como é passar por esse tipo de experiência. Só posso imaginar o quão difícil deve ser. Mas eu me importo com você, e quero saber como você está". Ouça, ouça, ouça.

Não use chavões e clichês ("podia ter sido pior" ou "é preciso contar as bênçãos") nem cite mecanicamente versículos bíblicos como Romanos 8.28,29, Filipenses 4.4-9 e 1Tessalonicenses 5.16-18. Esses são versículos importantes, mas a pessoa traumatizada não consegue ouvi-los naquele momento.

Se a pessoa tem dificuldade para dar prosseguimento às atividades normais da vida, ofereça ajuda nas tarefas do dia-a-dia como, por exemplo, cozinhar, limpar a casa, cuidar das crianças, cuidar dos compromissos diários e assim por diante. Não faça, porém, tudo aquilo que precisa ser feito, pois é importante que a pessoa entre novamente na rotina normal. Encoraje a pessoa a fazer as coisas sozinha, mas ofereça ajuda quando as tarefas parecerem pesadas demais.

Dependendo da severidade das reações ao evento traumático, direcione gentilmente. Não sufoque a pessoa com atenção nem assuma o controle de sua vida. Dê uma medida de espaço, mas fique ao alcance. Permita que a pessoa tenha sua privacidade e não a pressione para que fale ou faça coisas para as quais ela não esteja preparada. Não receba a ira ou outras reações emocionais como algo pessoal. A pessoa amiga ou o familiar querido pode estar se sentindo muito confuso. A pessoa pode estar de "pavio curto" e expressar uma intensidade emocional maior do que você está acostumado a ver.

O que mais importa para a pessoa é a sua presença, e não qualquer conselho ou versículo que você possa oferecer. Gaste noventa e cinco por cento do tempo ouvindo e cinco por cento falando. Quando você falar, garanta à pessoa que ela está segura (se este for o caso) e ofereça-se para orar. Faça uma oração breve e objetiva. Não pregue um sermão na sua oração nem expresse uma crítica. Seja simplesmente a voz que suplica a Deus e pede Sua ajuda e presença em tempos de dificuldade. Em outras palavras, pratique Filipenses 4.6 e 1Tessalonicenses 5.17 com a pessoa que está sofrendo.

Tomar decisões é importante, mas inclui dois aspectos. É positivo que a pessoa tome a maior quantidade possível de decisões diárias, pois isso aumenta sua sensação de controle sobre os acontecimentos rotineiros da vida. No entanto, as decisões ou mudanças importantes de vida não devem ser tomadas nesse momento. Decidir sobre um novo lugar para morar, procurar um novo emprego ou mudar de profissão, romper um namoro ou deixar de estudar não são decisões aconselháveis. Encoraje a pessoa a dar o tempo necessário até que ela se recupere e ganhe uma perspectiva do que aconteceu antes de tomar essas decisões maiores.

2. Estimule a atenção às necessidades físicas.

O impacto do trauma pode ser diminuído por meio de algumas ações de bom senso. Primeiro, encoraje a pessoa afetada a se cuidar fisicamente. Ela deve comer refeições saudáveis e regulares, mesmo que não sinta vontade de se alimentar; precisa ter bastante repouso para dar ao corpo uma chance de se recuperar do ônus emocional e físico causado pelo trauma sofrido, e deve evitar o uso de álcool e drogas. Os períodos de exercício extenuante alternados com períodos de relaxamento podem ajudar a aliviar algumas das reações físicas.

Encoraje a pessoa a organizar seu tempo e se manter ocupada o quanto possível, sem perder o descanso ou o sono, e a passar tempo com outras pessoas que se importam com ela.

Conversar e escrever em um diário os seus sentimentos e pensamentos em relação à experiência traumática e suas consequências são formas bastante eficazes de lidar com o estresse. Encoraje essa atividade. Os sentimentos confusos são a norma durante algum tempo. Alguns se sentem culpados por se divertirem em uma determinada atividade enquanto ainda carregam sentimentos de revolta e tristeza. Escrever sobre esses sentimentos pode ser útil.

3. Esteja alerta aos efeitos persistentes do trauma.

A maioria daqueles que vivem uma experiência traumática, experimenta pensamentos, sonhos ou "flashbacks"

recorrentes. Quando as lembranças e sonhos são muito intensos, a pessoa afetada deve buscar o apoio de entes queridos para obter consolo, encorajamento e oração. Essas reações diminuem com o tempo e desaparecem.

Para algumas pessoas, o evento é tão calamitoso que uma ou duas lembranças podem prolongar-se pela vida inteira. Um dos sobreviventes do desastre do Titanic estabeleceu-se em Chicago, perto do Campo Wrigley, onde o Chicago Cubs joga beisebol. Durante o afundamento do Titanic, ele conseguiu entrar em um bote salva-vidas, mas sentiu muita culpa em ser um sobrevivente quando tantos tinham morrido. Um dos aspectos mais perturbadores daquela noite fatídica foi ouvir os gritos de socorro de centenas de pessoas debatendo-se na água. Aqueles que já estavam em seu bote recusaram-se a voltar para pegar mais pessoas. Ao longo de sua vida, toda vez que os Cubs jogavam no campo perto de sua casa e a multidão vibrava, ele experimentava um retrospecto daquela noite no bote. O som da multidão torcendo lembrava-o das pessoas gritando por ajuda no gelado Oceano Atlântico. Os soldados, frequentemente, reportam "flashbacks" das experiências de batalha quando ouvem explosões ou estrondos.

Estar ciente dos possíveis tipos de reação de estresse pode ajudar a pessoa traumatizada. Saber que podem ocorrer "flashbacks" pode reduzir as reações de estresse quando elas, de fato, ocorrerem. Ter convívio com outros que foram vítimas do trauma também pode ajudar. Para as pessoas que sofrem pela primeira vez em consequência de um evento traumático, costuma ser benéfico conversar a respeito com colegas. Muitos departamentos de polícia e postos de bombeiros promovem uma discussão sobre o estresse em seguida a um incidente difícil ou traumático. Após as ocorrências emergenciais, as equipes de gerenciamento do estresse costumam promover um fórum confidencial para que os envolvidos possam falar livremente sobre o incidente e suas reações a ele.

4. Adapte suas respostas às mais variadas maneiras de reagir da pessoa traumatizada.

Em 1Tessalonicenses 5.14, Deus nos dá uma perspectiva de como ajudar outras pessoas: "Advirtam os insubordinados, confortem os desanimados, auxiliem os fracos, sejam pacientes para com todos". A Palavra de Deus descreve três tipos gerais de pessoas: os insubordinados, os desanimados e os fracos. Embora esse versículo não pretenda cobrir todas as variações e nuances da experiência humana, ele fornece categorias gerais significativas. A pessoa sábia considerará a condição do coração das pessoas com as quais ela está envolvida. Pergunte a si mesmo se a pessoa é insubordinada, desanimada ou fraca, e considere as respostas oferecidas aqui.[3]

A palavra grega para insubordinado transmite o sentido de alguém que age desordenadamente, fora de compasso, ou se desvia da ordem ou norma prescrita. Nos tempos bíblicos, era usada para descrever uma pessoa que se recusava a trabalhar ou era irresponsável no trabalho. A atitude para com esta pessoa é *advertir*.

[3]David Powlison, "*Familial Counseling: The Paradigm for Counselor-Counselee Realtionships in 1 Thessalonians 5*", *Journal of Biblical Counseling*, 25.1 (2007), 2-16.

Quando a pessoa reage ao estresse com hostilidade, consumindo bebida ou tendo outro comportamento destrutivo, você precisa desafiá-la em amor. Leon Morris expressa-se bem ao observar que o tom da palavra advertir é fraternal, lembrando um irmão mais velho amoroso que demonstra preocupação pelo irmão mais novo.[4] Como crentes, ainda que estejamos diante de uma pessoa que tenha sido vítima de circunstâncias traumáticas, sabemos que ela é pecadora e seu coração pecador influenciará a maneira de reagir.

A pessoa desanimada fica desencorajada e sente-se exausta. Ela pode ficar presa pelo medo, ansiedade e preocupação. Esse comportamento requer uma abordagem encorajadora. Coloque-se do lado dessa pessoa para confortá-la, consolá-la e acalmá-la. "Não tenha medo" é a ordem expressa na Bíblia com maior frequência, e Deus sempre acrescenta a essa ordem as promessas de Sua fidelidade.

A pessoa fraca é frágil e carece de firmeza e força física. Todos nós experimentamos isso após uma atividade física extenuante. Somos chamados a ajudar as pessoas fracas, auxiliando-as a fazerem aquilo que elas não conseguem fazer sozinhas. Nas Escrituras, o uso do verbo auxiliar transmite a ideia de que a pessoa fraca compreende que ela não será abandonada, mas receberá apoio.[5]

5. Responda às necessidades espirituais da pessoa afetada por um trauma.

Os eventos traumáticos evidenciam a cosmovisão de uma pessoa (a maneira de alguém interpretar a vida). A pessoa que não tem fé em Deus consegue ver os eventos traumáticos apenas como algo terrível. O cristão, porém, tem uma escolha: pode ver o evento simplesmente pelo que ele é ou pode vê-lo através da lente da fé em Deus e no nosso Redentor.

Que diferença faz a fé em Deus? Se você crê no Deus das Escrituras, você adquire o entendimento de que Deus está no controle e age em tudo o que acontece. Ele é soberano. Deus permite a existência do mal, mas Ele não é a causa do mal. Essa distinção faz toda a diferença. A pessoa de fé entende que os eventos terríveis não ocorrem em um vácuo. Eles são parte do plano de Deus para o mundo. Não são eventos ao acaso e insignificantes, mas podem ser usados por Deus para realizar o Seu propósito. Sim, o que aconteceu foi terrível, mas não é o último capítulo, o derradeiro fim. Quando a vida aqui na terra e o evento traumático são vistos pela perspectiva correta, limita-se o impacto. É algo temporário. Não é eterno.

Em Tiago 1.2-18, lemos que um dos propósitos de Deus quando enfrentamos provações é produzir maior maturidade em nossa vida. Isso é uma grande fonte de esperança. Não somos "pó ao vento" ou "gotas de água perdidas num oceano sem fim". Os problemas da vida não são eventos trágicos numa vida fortuita e insignificante. Há um propósito em tudo o que acontece conosco. O profeta Jeremias diz: "Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz, e

[4]Leon Morris, *The First and Second Epistles to the Thessalonians*, (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1959), 166.

[5]Veja Romanos 14 e 1Coríntios 8, onde Paulo fala sobre como ajudar os fracos.

não de mal, para vos dar o fim que desejais" (Jr 29.11).

A maneira mais significativa de ajudar uma pessoa com reações extremas diante do estresse é levá-la pacientemente a Cristo e Sua Palavra. O evangelho faz a diferença quando reagimos a um trauma. O Novo Testamento não é um mero guia psicológico para entendermos e reagirmos ao trauma e ao estresse. Ele revela o plano redentor de Deus. Ele relata como Deus enviou Seu Filho para morrer pelos nossos pecados e como o Filho vive em nós quando cremos. Sua morte e ressurreição têm implicações enormes. A obra de Cristo muda a lente pela qual interpretamos tudo o que sabemos hoje sobre os traumas.

Os eventos traumáticos surpreendem e pegam as pessoas desprevenidas. Com toda a nossa moderna sofisticação meteorológica, as pessoas sabiam que o furacão Katrina estava se aproximando, mas milhares de pessoas na zona de impacto ainda foram atingidas pelo seu poder destruidor. Deus, porém, é soberano. Ele nunca é pego de surpresa. Ele nunca é pego desprevenido. Ele nunca "dorme no ponto". As seguintes promessas de Deus têm poder em meio ao caos produzido pelo trauma: "Não te deixarei, nem te desampararei" (Js 1.5); "Sereis a minha propriedade peculiar" (Êx 19.5); "O SENHOR teu Deus é contigo, por onde quer que andares" (Js 1.9); e assim por diante. Deus é Deus. Nada pode impedir o Seu poder. Ele é capaz de cumprir as Suas promessas.

O entendimento e o aconselhamento do Transtorno do Estresse Pós-Traumático falha por deixar de compreender os propósitos e a graça de Deus. Pela graça e poder de Deus, nós podemos suportar além daquilo que pensávamos ser capazes de enfrentar. A graça de Deus dá a única resposta verdadeira para a culpa que uma pessoa pode carregar como resultado do evento traumático. Mesmo que alguma culpabilidade pelo que aconteceu possa ser atribuída à pessoa, ela ainda pode experimentar as misericórdias de Deus. A graça de Deus também significa que a pessoa nunca está realmente sozinha nas consequências do trauma. Não há lugar onde podemos estar longe de Sua presença, e podemos nos dirigir a Ele com nossos medos e ansiedades, sabendo que Ele se importa e entende. Não apenas isso, Ele promete nos dar a Sua paz que ultrapassa todo o entendimento (Sl 29.11; 119.165; Is 26.3, 48.18; Jó 14.27; Fp 4.6,7). Deus é uma ajuda muito presente na tribulação. Muitos crentes encontraram grande esperança no Salmo 46 depois dos acontecimentos de 11 de setembro.

Temas bíblicos que encorajam

Vários temas bíblicos destacam-se em primeiro plano enquanto tentamos ministrar àqueles que sofrem as consequências de eventos traumáticos.

Corpo e coração

Jesus se importa com nosso corpo e nosso coração (espírito). Considere a resposta de Jesus ao menino com ataques epiléticos em Marcos 9.14ss. (cf. Mt 17; Lc 9). Em geral, sempre que eu pregava sobre Marcos 9, passava superficialmente por este incidente. Ele está situado entre duas passagens supostamente mais significativas: a transfiguração de Jesus e a discussão dos discípulos sobre qual deles seria o maior. E quando me detinha nessa passagem específica sobre o menino epilético, costumava me ater à sua possessão demoníaca e ao fato de que Jesus trouxe

cura ao espírito do menino por meio do poder da oração.

Olhe, porém, para os sintomas físicos que esse menino manifestava: convulsões violentas, ataques epiléticos, espuma pela boca, ranger de dentes e corpo rígido. Imagine o estresse que esse menino e seus pais enfrentavam. Jesus não se dirigiu somente às questões espirituais na vida do menino, mas Ele também trouxe cura física. Observe a conexão clara e inegável entre o corpo e o coração.

Ao longo dos evangelhos, muitas vezes vemos esta mesma preocupação pela pessoa como um todo. Em Marcos 5.21-43, uma grande multidão seguia Jesus enquanto Ele se direcionava para a casa de uma menina que estava morrendo. Uma mulher com uma hemorragia de doze anos juntou-se a essa multidão. Ela enfrentava o estresse diário de não saber como parar o sangramento e não saber o quanto mais ela poderia viver com essa condição. Ela enfrentava o ostracismo ao seu redor, por parte daqueles que a consideravam 'impura' por causa de seu sangramento. Ela vivia em muita angústia. Em desespero, ela pensou: "Se eu apenas tocar na Sua roupa, eu serei curada". E quando, de fato, ela tocou na ponta do manto de Jesus, ela ficou imediatamente curada. Jesus se virou e lhe disse: "Vá em paz. Fique livre de seu sofrimento". Jesus se dirigiu ao seu coração (condição emocional/mental) dizendo-lhe para ir em paz, e também ao seu corpo (condição física) declarando que estava livre de seu sofrimento.

Em Mateus 9.35-39, Jesus viajava de cidade em cidade ensinando sobre o reino de Deus e curando toda sorte de doenças e moléstias. Em todos os lugares, Ele demonstrou profunda preocupação pela condição espiritual do povo, bem como pela condição física. Ele sentiu grande compaixão quando viu o Seu povo "aflito e desamparado, como ovelhas sem pastor" (Mt 9.36).

Deus preocupa-se com todo o nosso ser, coração e corpo, porque Ele nos criou dessa maneira. Como crentes, devemos ministrar tanto ao corpo como ao coração se quisermos ministrar para a pessoa como um todo.

Cristo é a resposta

Hebreus 2.17,18 faz ligação entre o sofrimento e a tentação. Primeiro, Jesus tinha que se tornar semelhante a nós *em todos os aspectos*. Segundo, Ele foi *testado* e *sofreu*. Pense por um momento sobre o evento mais traumático e estressante experimentado por Jesus: sua traição, prisão, julgamento e crucificação. Em termos de execução, nada pode ser mais repugnante ou traumático do que ser pregado numa cruz e ficar pendurado, nu, até a morte.

No jardim do Getsêmani, Jesus orou a Deus enquanto esperava o que estava por vir. Ele pediu a Deus que evitasse a Sua morte se fosse possível. Ele suou gotas de sangue. Ele submeteu, porém, a Sua vontade à vontade de Deus, o Pai, e permitiu ser preso, humilhado, torturado e morto. Jesus não era apenas inocente das acusações feitas contra Ele; Ele era verdadeiramente sem pecado. Ao enfrentarmos os traumas, hoje, nenhum de nós pode dizer que é isento de pecado.

Porque Jesus foi testado e sofreu, Ele é capaz de ajudar aqueles que são tentados. Por que isso faz diferença? Em Hebreus 4.14-16, podemos aprender duas implicações de Sua tentação e sofrimento. Jesus é capaz de ser solidário conosco, pois Ele foi tentado em *todos os aspectos*, como nós

somos. E em nossas provações e sofrimentos, podemos pedir corajosamente ajuda a Deus, com a confiança de que receberemos misericórdia e encontraremos graça.

Cristo é capaz de tratar o nosso sofrimento e se dirigir às nossas reações ao sofrimento de forma que nenhum terapeuta ou sessão de grupo poderia nem mesmo entender. Ele ingressou no sofrimento humano para experimentá-lo pessoalmente. Muitos dos que sofrem de estresse pós-traumático ficam indignados com aqueles que acham que sabem o que eles sentem. Somente a pessoa sofredora sabe exatamente aquilo que ela sente. Cristo, porém, conhece intimamente o sofrimento da pessoa. Quando consideramos tudo quanto Cristo suportou carregando o pecado do mundo e experimentando a ira de Deus por causa do pecado, qualquer sofrimento que suportamos é apenas uma amostra do que Ele experimentou. Cristo carrega o fardo do sofredor.

Cristo é o exemplo fundamental de uma pessoa inocente que enfrenta sofrimento e trauma. E Ele é a fonte de ajuda para nós, que somos pecadores que sofrem. No evangelho de João, lemos as seguintes palavras de Jesus:

> Aproxima-se a hora, e já chegou, quando vocês serão espalhados cada um para a sua casa. Vocês me deixarão sozinho. Mas eu não estou sozinho, pois meu Pai está comigo. Eu lhes disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo. (Jo 16.32,33)

Essas palavras foram ditas por Jesus aos Seus discípulos enquanto Ele estava com eles na noite em que foi traído e preso. Jesus enfrentaria a maior experiência de trauma jamais suportada, e Ele a enfrentaria sem a ajuda dos homens nos quais Ele mais confiava. Eles se espalhariam ao primeiro sinal de perigo. Jesus experimentou o abandono e, até mesmo, a traição. No entanto, Ele não estava sozinho. Deus, o Pai, estava com Ele. Se Jesus foi capaz de vencer o mundo e o maior trauma já enfrentado, nós podemos ter confiança que, à medida que enfrentamos aflições (observe que Jesus diz que nós deveríamos, de fato, esperar por elas), podemos vencê-las porque Ele venceu.

Descanso

O tema bíblico do descanso é especialmente útil para aqueles que experimentam estresse pós-traumático. Cristo nos diz para nos voltarmos para Ele, aprendermos com Ele e experimentarmos o descanso. Ele promete descanso àqueles que estão cansados e sobrecarregados. Mateus 11.28-30 diz:

> Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.

O estresse leva a pessoa afetada a enxergar sua necessidade de ter um

descanso do evento traumático e suas consequências. Ninguém consegue sobreviver, indefinidamente, em um estado de estímulo e tensão acentuados. Cristo sabe disso e nos chama a encontrar descanso nEle. A pessoa que está sofrendo pode descansar no fato de que o Criador importa-se conosco. Podemos descansar no fato de que Ele está no controle, Ele tem um propósito para cada vida e é capaz de remir até mesmo o acontecimento mais terrível. Podemos descansar no fato de que Ele nos carrega ao longo do caminho. Podemos descansar em tudo o que Deus diz sobre Si mesmo e em todas as Suas promessas.

Nossa fé em Cristo e na Sua obra em nosso favor leva-nos a esperar pelo descanso em Cristo (Hb 4.9). Esse descanso não diz respeito apenas ao descanso do trabalho, mas também ao alívio e renovo dos problemas da vida. Ele vem pelo conhecimento de Cristo, o perdão dos nossos pecados e a permanência na Sua presença para a eternidade. Hebreus indica que podemos experimentar apenas um pequeno sabor do descanso eterno durante nossa vida aqui na terra. Esse descanso terreno não é o descanso final pelo qual esperamos na eternidade, mas é um descanso que podemos ter agora.

Encoraje aqueles que estão sofrendo experiências traumáticas a se voltarem para Deus em oração, lançarem seus fardos e suas ansiedades sobre Ele, lerem as promessas de Sua Palavra, deixarem o Espírito Santo encher seu coração e envolverem-se com outros crentes enquanto perseveram na fé. A paz e o descanso de Deus virão sobre eles em meio ao trauma e às consequências angustiantes.

O Conselheiro Desanimado

Sue Nicewander[1]

> Expondo essas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido. (...) Exercita-te, pessoalmente, na piedade. (1Tm 4.6,7)

Se você está no ministério, você sabe reconhecer os sinais de um conselheiro desanimado. O equilíbrio espiritual torna-se cada vez mais difícil enquanto, dia após dia, as pessoas que precisam desesperadamente de ajuda continuam à sua procura.

Normalmente, minhas energias são renovadas no processo de apontar Cristo para essas pessoas e ajudá-las a crescerem e mudarem segundo as Escrituras. O aconselhamento é a minha paixão, o trabalho da minha vida. Amo compartilhar a esperança do evangelho na Pessoa do meu Salvador. Ele é a razão para eu levantar cada manhã. Às vezes, porém, fica muito difícil ir adiante no ministério de aconselhamento. Os problemas das pessoas parecem não ter solução. A pressão de uma agenda carregada de compromissos, as batalhas espirituais inesperadas ou prolongadas, as necessidades urgentes, as limitações físicas e as responsabilidades ministeriais simplesmente deixam-me esgotada. Os dias correm na luta e na oração por força para dar mais um passo, a cada momento. Uma agenda cada vez mais lotada ou as finanças magras levam a questionamentos incômodos e persistentes sobre a direção ministerial. Será que de alguma forma eu saí do plano ou do tempo de Deus? Clamo a Deus por socorro. Mergulho em Sua Palavra. Estou determinada a perseverar pela fé, custe o

[1]Tradução de adaptação de "The Discouraged Counselor". Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 24, n. 2, Spring 2006, p.53-57.

Sue Nicewander é diretora executiva e conselheira do Biblical Counseling Ministries na Calvary Baptist Church, em Wisconsin Rapids, Wisconsin.

que custar. O alívio, porém, é ilusório. O ajudador precisa de ajuda. O que fazer?

O alimento da fé: a atividade com plena confiança na verdade do evangelho.

1Timóteo 4.6,7 fala a crentes que ministram a verdade do evangelho com fidelidade, seja no aconselhamento, na pregação ou no ensino. Esses versos revelam quatro recursos para o alimento contínuo e o crescimento em piedade:

- as palavras da fé,
- a sã doutrina,
- a perseverança,
- a disciplina pessoal.

Em minhas lutas pessoais com a dúvida e o desânimo, Deus tem ensinado lições importantes em cada uma dessas quatro categorias. Espero que você também encontre utilidade nessas lições.

Verifique seu coração.

As palavras da fé só podem fluir de um coração fiel. Você adora a Deus em espírito e em verdade na esfera do aconselhamento? Onde repousam a sua fé e a sua confiança? Você tem procurado ser aquilo que *somente* Deus pode ser? Você é tentado a assumir responsabilidades divinas, como um pretenso messias, a fim de motivar os aconselhados a mudarem? Você diz, na prática, "seja feita a *minha* vontade" em vez de "seja feita a *Tua* vontade"? Deus não o chamou para substituí-lO. Você é ferramenta nas mãos dEle. Lembre-se: "Isso é obra de Deus, e não minha". Você não é o salvador. Você é somente um servo do único Salvador. Negue a si mesmo a cada dia. Ofereça a si mesmo e seus planos com as mãos abertas para que Deus use como Ele quiser. Você pode ter o desejo piedoso de que os aconselhados respondam pela fé à indução do Espírito Santo por meio da Palavra, mas não procure ser *você* mesmo o espírito santo de ninguém. Você pode pensar que seu ministério deva ir em determinada direção. Não procure, porém, responder às suas próprias orações. Você é somente o mensageiro de Deus. Deus é perfeitamente capaz de completar a obra. Talvez o propósito principal de Deus seja transformar *você*, e não o seu aconselhado ou o seu ministério.

Ande com Deus.

Você só poderá ser uma pessoa piedosa se andar no Espírito. No entanto, uma agenda carregada de compromissos e o peso dos problemas das pessoas podem levá-lo a uma comunhão deficiente com o Senhor. Mesmo mantendo as disciplinas espirituais, você pode se distrair na leitura da Palavra, ficar distante na oração ou mecânico no serviço. O cansaço extremo pode motivá-lo a baixar o ritmo por um tempo.

1Timóteo 4.7 lembra-nos que a disciplina pessoal só é biblicamente produtiva quando produz piedade. Manter um ritmo rigoroso não é a mesma coisa que construir um relacionamento com Deus, mesmo quando isso é feito em nome dEle. Posso testemunhar pessoalmente que é possível passar horas orando e lendo as Escrituras sem se aproximar de Deus.

As Escrituras dirigem-se continuamente aos que se distanciam do relacionamento íntimo com Cristo. Tiago 4.8 promete que quando nos aproximamos de Deus Ele se aproxima de nós. Hebreus 13.5 afirma que Ele nunca deixará nem abandonará Seus

filhos. Filipenses 4.13 ensina que Cristo provê a força suficiente para tudo o que nos é dado a fazer. A identidade e a união espiritual não encontram base em emoções agradáveis ou circunstâncias favoráveis, mas na pessoa imutável do nosso Senhor Jesus Cristo.

Se o seu relacionamento pessoal com Deus parece distante, faça a si mesmo as seguintes perguntas:

- Em minha luta diária para "cumprir o ministério", tenho negligenciado meu primeiro amor, o próprio Deus?
- Que impacto essa negligência pode ter na minha luta com o desânimo?
- Minha esperança está alicerçada em Cristo? Ou meu coração está em alguma outra coisa?
- Onde fixo meu olhar? Nos problemas diários aparentemente esmagadores ou na minha eternidade com Cristo?
- Quais pensamentos ocupam minha mente? Pensamentos sobre esses problemas ou sobre Deus?
- Meu conhecimento pessoal de Cristo está crescendo? Ou a minha atenção está focada em outro lugar?
- Considero Cristo como suficiente? Vivo de acordo com a verdade de que Ele é tudo o que eu preciso?

O alimento da sã doutrina: tenha como centro a Palavra de Deus.

Alimente-se da Verdade e viva de acordo com ela.

Evite a tentação de andar a esmo ou de duvidar, e foque os desejos do seu coração na Palavra de Deus. Não importa o que aconteça ao seu redor, a Palavra de Deus lhe diz a verdade. As Escrituras o guardam de cair nos laços inebriantes da sabedoria humana. As palavras do seu Senhor o impedem de ceder diante das pressões que enfrenta.

Você tem nas mãos (e no coração!) as Escrituras vivas e poderosas que não erram nem perdem seu valor. Você costuma aconselhar a Palavra com sinceridade, e sempre aponta para Cristo? Certifique-se de que você tem base bíblica para tudo o que ensina. Aconselhe diretamente a partir do texto. A verdade nunca volta vazia, mas é necessário que você tenha uma dieta constante na Palavra a fim de ministrar de fato. Você conhece a Palavra? Acredita nela? Você a vive? Você a manuseia bem?

Lembre-se também de que você caminha em intimidade com uma Pessoa que incorpora a verdade. Você já decidiu confiar somente nEle? "Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme, porque ele confia em Ti. Confiai no SENHOR perpetuamente, porque o SENHOR Deus é uma rocha eterna." (Is 26.3,4) Repasse os atributos de Cristo. Medite em Sua Palavra, coloque-a no coração e siga-a. "Sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão." (1Co 15.58) Permaneça em Cristo quando a vida ficar difícil.

Confie nas promessas de Deus.

Meses atrás, alguém me desafiou publicamente quanto à minha abordagem bíblica para o aconselhamento. Aquela situação inesperada tirou-me da minha zona de conforto. Defendi a Palavra o melhor que pude, mas as minhas respostas pareceram desajeitadas e insuficientes. Conforme eu lamentava minha incapacidade, Deus me

consolou e encorajou com o texto de 2Coríntios 2.14-16:

> Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do Seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para essas coisas?

"Certamente, eu não sou suficiente", pensei comigo mesma, "eu não tenho certeza de que fiz algo bom". Essa atitude, porém, relega a efetividade de Deus à esfera daquilo que o homem pode ver. 2Coríntios 3.5,6 afirma claramente que só Deus é suficiente, pois Ele tem o controle sobre os resultados. À medida que sou chamada para servir fielmente, *Deus* manifesta seu conhecimento e traz triunfo, seja em um debate público, seja em uma sessão de aconselhamento. E Ele nunca cessa de operar. Alguns dos meus aconselhados rejeitam a Palavra nos encontros de aconselhamento, mas se arrependem depois de um ano ou dois. A minha esperança tem que estar em Deus, e não na resposta humana. Quem pode saber o que Deus fará com a verdade que Ele compartilha por meio de você e de mim?

Não somos chamados a encontrar as respostas para tudo. Somos chamados a andar por fé e não por vista (2Co 5.7). Deus age em todas as coisas para tornar Seus filhos mais semelhantes a Cristo, mas Ele o faz usando os métodos e o tempo dEle. Essa é a Sua promessa. Apegue-se a ela.

As promessas de Deus são especialmente preciosas à luz da fraqueza e do pecado humano. Você não foi chamado para ser o salvador do seu cantinho de mundo. Você foi chamado simplesmente para glorificar a Deus. Reconheça a sua completa dependência de Deus e alegre-se por Ele ter-lhe dado a oportunidade de lançar sobre Ele seu fardo. "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós." (2Co 4.7)

O alimento da perseverança: siga a Deus com fidelidade.

Siga em frente.

Gálatas 6.9 adverte: "E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos". Se eu parar de regar minha horta no calor do verão, a safra falhará. Da mesma forma, como conselheiro, eu só colho quando ministro fielmente, mesmo em meio a provações desanimadoras.

"Se te mostras fraco no dia da angústia, a tua força é pequena." Provérbios 24.10 motiva-me. Esse texto faz-me lembrar que a minha força é realmente pequena. Eu tropeço quando confio em mim mesmo, ainda que usando os dons, os talentos, a educação, a experiência, a posição e a capacidade mental dados por Deus. Semelhante a um carro esportivo novo com um motor fundido, as habilidades pessoais parecem ser promissoras, mas são funcionalmente inúteis, a não ser que Cristo capacite o "motor" do aconselhamento. Eu vacilo quando confio mais nos dons dados por Deus do que no próprio Deus. Ele

prometeu que se eu espalhar fielmente a semente e regar a planta, *somente* Ele produzirá a safra.

Repense seus alvos.

A piedade está na sua lista de alvos pessoais? Naturalmente, ela deveria estar no topo da lista. Com certa frequência, porém, o conselheiro acha que a urgência dos alvos ministeriais é mais atrativa. Separe um tempo para reavaliar esses alvos.

A guerra espiritual sobrevirá na vida do crente fiel. Somos chamados a vestir nossa armadura (Ef 6.11-17), combater o bom combate (1Tm 6.12) e suportar a dureza como bons soldados de Cristo (2Tm 2.3). Em que áreas você precisa aceitar esse chamado? Você deixou cair alguma peça da sua armadura?

Pelo que você está lutando? O alívio não deveria ser o seu alvo, como não foi o de Cristo. Isaías 43.7 afirma claramente que os crentes foram criados para a glória de Deus. O propósito divino para você é, portanto, glorificar a Deus em qualquer ambiente em que Ele o colocar. Ao fazê-lo, você reflete piedade. Em que áreas você tem alvos errados em suas motivações, pensamentos e buscas?

Mantenha os olhos no grande quadro de Deus.

É tentador avaliar a vida somente da perspectiva do meu pedacinho atribulado de mundo, mas Deus me diz para olhar além do que posso ver. 2Coríntios 4 descreve o apóstolo Paulo como aflito de todos os lados, perplexo, perseguido, abatido e próximo da morte. Você consegue se identificar com essa condição? Então, anime-se em saber que todos esses problemas terrenos perdem a importância diante da glória eterna com nosso Salvador. Paulo conclui: "Por isso não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia". Ele se refere às suas muitas tribulações como leves e momentâneas, pois produzem para ele, como crente, um "eterno peso de glória, acima de toda comparação". Ele nos lembra de olharmos "não para as coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas" (2Co 4.8-18). A fé não repousa sobre as coisas deste mundo, sejam palpáveis ou cognitivas, mas no próprio Deus.

Programe sua hora silenciosa.

O primeiro capítulo do evangelho de Marcos mostra-nos como lidar com uma agenda cheia. Você já percebeu o quanto Jesus fazia em um dia? Mesmo assim, Ele separava tempo para a oração e a comunhão com o Pai (Mc 1.35). Como queremos florescer espiritualmente se não fazemos a mesma coisa que Ele?

A hora silenciosa não se tornará realidade a não ser que você a planeje. Anote em sua agenda. Esteja disposto a superar obstáculos. Não tema ser criativo. Levante-se cedo, como Cristo fez. Desligue o telefone. Ore ou ouça gravações de textos bíblicos ao fazer exercícios. Prepare-se para uma hora de oração e meditação entre um aconselhamento e outro ou aproveite quando alguém cancelar um encontro. Ore enquanto dirige, fica parado no semáforo ou espera na fila do correio. Use gravações para memorizar as Escrituras enquanto dirige seu carro.

Descanse enquanto espera.

Esperar é inevitável, mesmo quando não há brechas no planejamento do dia. Todos nós somos chamados a esperar de Deus força, sabedoria, direção ou até mesmo a simples definição da luta. O segredo para a espera significativa é aprender a descansar.

"Descansa no SENHOR e espera nEle", escreveu o salmista (Sl 37.7). A palavra descansar usada no texto original significa silêncio interior ou tranquilidade diante do Senhor, e não inatividade. Quando você confia silenciosamente em Deus enquanto lida com suas atividades diárias, você evita as tentações da complacência ou de passar na frente do que Deus está dirigindo. Aqueles que descansam ficam satisfeitos em ficar onde estão ou em se moverem em qualquer direção que Deus indicar, seguindo o ritmo que Ele escolher. Isso caracteriza você?

"Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas" (Pv 3.5,6). De que forma você é chamado a confiar em Deus em novas dimensões? Exercite a fé nessa direção, mesmo que isso signifique ter que esperar por algum tempo. Aproveite ao máximo esse período de provação, sabendo que Deus não dará a você mais do que você pode suportar (1Co 10.13). No final, você descobrirá que Ele é completamente confiável. Por que você não decide descansar nesse conhecimento agora?

O alimento da disciplina pessoal: sirva ao Mestre com diligência.

Preste contas a alguém.

A vida cristã é vivida em uma comunidade de crentes que são chamados a andarem ao lado uns dos outros. Quem é a pessoa que pergunta a você que versículos você tem memorizado, quais são os seus pedidos de oração ou quais livros você está lendo? Você responde a alguém por suas prioridades? Busque um parceiro piedoso, reconheça sua luta e preste contas àqueles que podem exortá-lo fielmente e orar com você.

Alguns anos atrás, participei de um seminário onde um palestrante bem conhecido admitiu que tinha se deixado esmagar pelas exigências do ministério. Sua sinceridade e coragem me impressionaram, e comecei a orar. Da mesma forma, você também pode descobrir que Deus está movendo pessoas para andarem com você se você reconhecer com cuidado sua necessidade.

Obedeça a Deus.

Você está vivendo um padrão duplo? Você exorta as pessoas a mudarem e ao mesmo tempo resiste a Deus em alguma área da sua vida? Onde o dedo de Deus tem tocado seu coração? Quais passos específicos de obediência submissa você tem dado?

Verifique os fatores de fracasso.

Por que o aconselhamento fracassa? Por que às vezes ele simplesmente manqueja? Pense nas seguintes perguntas. As respostas podem ajudar a identificar algumas razões para os fracassos no aconselhamento.

- Você consegue identificar nas Escrituras a definição do problema e a solução?
- Você conhece bem o seu aconselhado? Ou alguma questão ofusca o seu relacionamento com ele?

- O seu foco está no problema ou em Deus?
- Você ora pedindo que os seus aconselhados enfrentem suas lutas com fé? Você ora por sabedoria divina para ajudá-los a lidarem com seus problemas da maneira de Deus e por graça para amá-los como Cristo os ama? Você está disposto a amá-los?
- Você crê que há esperança? Você comunica esperança chamando o pecado de pecado e apontando para o Redentor?
- Como você usaria os recursos da igreja local de modo mais eficaz?[2]

Investigue essas questões, mas não pare nelas. Adquira habilidade em suas áreas mais fracas. Verifique se existe um livro, um curso, uma série de lições, um amigo ou colega sábio ou uma conferência que poderiam ser úteis. Peça ajuda a seus colegas quando precisar. Outro conselheiro sábio pode contribuir com uma perspectiva valiosa. Tome cuidado com a complacência. Mantenha suas habilidades de aconselhamento em movimento.

Se esse passo é particularmente desagradável ou difícil, avalie se o temor aos homens não é um fator em questão. Você recua quando tem que compartilhar seus conflitos espirituais pelo temor de não parecer bem aos olhos de outros conselheiros ou de colegas? O que você busca mais: amar as pessoas ou *ser amado* e aprovado por elas? A quem você quer agradar mais: a Deus ou aos homens?

O temor aos homens também traz problemas nos encontros de aconselhamento. Quando você "necessita" pessoalmente que um aconselhado progrida sob seus cuidados, você pode usar aquela pessoa para satisfazer seus próprios propósitos. O seu desejo procura tomar o trono de Cristo. Leia mais uma vez os evangelhos e busque amar como Cristo amou.

Estenda a mão em amor.

Somos chamados a amar e consolar uns aos outros (2Co 1.3-6). Você conhece um conselheiro isolado, a quem um pouco de encorajamento seria útil? Use sua experiência de desânimo para reconhecer as necessidades das pessoas à sua volta e estenda a mão àqueles que estão desanimados.

Lembre-se da fonte de toda boa dádiva.

Os recursos ministeriais são limitados somente ao plano horizontal. Você serve ao Deus Todo-Poderoso do universo, o Princípio e Fim, o Amado da sua alma, o Senhor soberano. Lembre-se da história de Elias, que pensou estar só. Seu Deus cuidadoso deu a ele comida, água e descanso junto ao rio. Deus não mimou Elias, mas satisfez suas necessidades físicas e espirituais de forma maravilhosa.

"Nenhum bem sonega aos que andam retamente" (Sl 84.11). Você não tem tudo o que gostaria de ter? Se você andar no Espírito, você terá todas as coisas boas em abundância, direto das mãos de Deus. Resista ao desejo de se lamuriar e reclamar pelo que está faltando em sua vida. Em vez disso, agradeça a Deus por todas as boas dádivas que você tem recebido.

[2]Adaptado de Jay Adams, O *Manual do Conselheiro Cristão* (São José dos Campos: Fiel, 1976) p. 416-418.

Procure as pérolas.

Quando as mulheres do nosso grupo de estudo bíblico leram os profetas maiores e menores pela primeira vez, eu temi que elas achassem as profecias de juízo severas e duras. Por isso as encorajei a procurarem "pérolas" (palavras, expressões ou histórias que achassem particularmente encorajadoras) à medida que prosseguiam na leitura. Ao final da série de estudos, as mulheres foram unânimes em dizer que o estudo tinha sido rico e agradável. Uma delas observou que tinha sido desarmada pela constante paciência, misericórdia e graça de Deus.

Deus também colocou pérolas nas dificuldades que você enfrenta. Reconheça o valor que há na luta. Ele usará a sua provação para equipá-lo para caminhar de modo significativo com os aconselhados. A sua tentação de dedicar horas demais ao trabalho pode ajudá-lo a compreender o cônjuge que assume mais compromissos do que pode cumprir. O seu desânimo persistente pode conduzi-lo a algumas ferramentas bíblicas que ajudarão aquele aconselhado deprimido. Reconhecer o seu temor aos homens pode equipá-lo para socorrer o adolescente terrivelmente tímido. Deus nunca desperdiça nossas provações.

Ainda que você e eu sejamos humanamente inadequados para a obra do aconselhamento, podemos ter a confiança que o Redentor soberano nos alimenta e equipa para fazermos Sua vontade. Conselheiro, você realmente crê que Deus está trabalhando em todas as coisas para cumprir Seus propósitos eternos? Então fale as palavras da fé, apegue-se com determinação às Escrituras, persevere resolutamente e discipline a si mesmo fielmente na piedade. Alegre-se no fato de Deus tê-lo escolhido para Seu serviço. Siga adiante com um coração submisso, e Ele usará a fragilidade humana para acentuar a Sua glória.

Ajuda aos Ajudadores

Michael Emlet[1]

Jorge não é mais o homem que costumava ser. Um ano atrás, ele teve um derrame cerebral que o deixou parcialmente paralisado. O derrame não o afetou apenas fisicamente, mas também afetou sua personalidade e o comportamento. Jorge já foi um bem sucedido advogado empresarial, e servia fielmente em sua igreja, mas agora passa a maior parte do dia sentado em uma cadeira. Ele normalmente é passivo e retraído, mas pode também ficar impaciente e exigente. Alguns dias, a menor coisa o tira do sério e ele explode em ira ou fica choroso e "pegajoso". Seu humor é frequentemente vulgar e lascivo. Esses comportamentos são novos para Jorge, e seus familiares lutam para responder adequadamente. Quando procuram conversar com Jorge sobre seu comportamento, ele se mostra absorto ou defensivo.

A família está de coração partido, confusa, desanimada e irritada. Eles querem demonstrar compaixão a Jorge em seu sofrimento, mas se sentem esgotados com sua lamúria contínua. Eles estão aflitos com sua transformação de um pai e marido amoroso e humilde em um homem que não parece se importar muito com eles. E eles têm muitas perguntas. Como devem entender as mudanças na personalidade de Jorge? Como devem amar e ajudar o "novo" Jorge? Como podem viver com esperança, debaixo da pressão de terem uma pessoa constantemente sob seus cuidados?

Se você cuida de um portador de uma doença crônica, é provável que você tenha perguntas semelhantes. Este artigo fornece uma estrutura que pode servir de orientação no cuidado de alguém com

[1]Tradução de adaptação de "Help for the Caregiver". Publicado em *CCEF News*.

Michael Emlet exerceu a profissão de clínico geral antes de se aposentar e integrar o corpo docente e a equipe de conselheiros de CCEF. É também professor de Teologia Prática no Westminster Theological Seminary, em Filadelfia, Pensilvânia..

problemas físicos ou mentais crônicos. Ainda que as condições específicas sejam diferentes no cuidado das vítimas de derrame, mal de Alzheimer ou transtorno bipolar, há princípios gerais que podem ser aplicados à sua situação. Esses princípios o ajudarão a pensar biblicamente, a agir com amor e a perseverar, mesmo quando você sentir vontade de "pendurar a chuteira" no cuidado de outra pessoa.

Todos foram criados à imagem de Deus

Quando usamos expressões como "Ele é a cara do pai", normalmente queremos dizer que o filho tem as mesmas características físicas do pai biológico. Ele se parece com o pai (e talvez até se comporte como ele). De forma semelhante, mas muito mais profunda, refletimos o Deus do universo em caráter e ações. Você e a pessoa que está sob seus cuidados foram criados à imagem de Deus (Gn 1.26-28; Sl 8.4-8).

Deus nos fez para refletirmos Sua imagem diante do mundo. Não fazemos isso de modo perfeito por causa do pecado e da doença, mas a despeito das nossas inaptidões, nós nunca deixamos de refletir a imagem de Deus! Jorge não passou a ser menos portador da imagem de Deus depois do derrame do que o era antes da doença. A pessoa de quem você cuida também é portadora da imagem de Deus.

O evangelho diz respeito à renovação da verdadeira imagem de Deus por meio de Jesus (Ef 4.24; Cl 3.10). Esse processo não é interrompido por uma doença ou por alguma incapacitação; pelo contrário, Deus usa essas coisas para nos tornar mais semelhantes a Ele. Deus promete completar a obra que começou em cada um de nós (Fp 1.6). Isso significa que Deus está realizando Sua obra de transformação na pessoa de quem você cuida e em você, à medida que você enfrenta os desafios de cuidar dela. Deus está aperfeiçoando o caráter de Cristo em vocês dois, em meio às suas lutas.

Todo ser humano tem um corpo e uma alma

Você e a pessoa sob seus cuidados têm um corpo e uma alma (Gn 2.7; Ec 12.7; Jo 3.6; 2Co 4.16-18). A Bíblia nos diz que somos constituídos de dois aspectos: o espírito (ou alma, coração, mente, homem interior) e o corpo (ou carne, homem exterior).

Quando falamos do "espírito" ou do "coração", falamos sobre questões de motivação e de crença, falamos sobre a pessoa estar a favor ou contra Deus, sobre justiça ou impiedade, as emoções e a vontade de agir. Quando falamos do corpo, pensamos em termos de saúde versus enfermidade, e de pontos fortes versus fraquezas. Algumas dessas distinções são mais simples que outras: fofoca e ódio são claramente questões do coração. Por outro lado, um derrame, o mal de Alzheimer ou um traumatismo craniano são evidentemente problemas do corpo. Você pode se arrepender do ódio, mas não do mal de Alzheimer.

Por que é necessário lembrarmos esses dois aspectos da nossa pessoa? Porque somos inclinados aos extremos. Às vezes, focamos os aspectos físicos da nossa existência e menosprezamos o aspecto espiritual da imagem de Deus de que somos portadores. Outras vezes, focamos os aspectos espirituais e minimizamos os aspectos físicos.

Quando cuidamos de alguém, devemos considerar o corpo e o coração. Você deve tratar as fraquezas físicas e também o pecado gerado pelo coração. O que você

vê à mostra na pessoa de quem você cuida - o pacote completo de como aquela pessoa se relaciona com Deus e com os outros por seus pensamentos, emoções, motivações e ações - é uma combinação de pontos fortes e fraquezas físicas, bem como das motivações do coração.

Alguns fatores pesam a favor do corpo/cérebro (a paralisia de Jorge) e outros pesam a favor do coração (suas explosões de ira e seus comentários obscenos), mas há também muita sobreposição dos dois aspectos, concorda? A passividade de Jorge pode ser resultado de um amor pelo conforto e pelo bem-estar físico que o leva a se afastar de sua família em vez de se empenhar na tarefa árdua de se comunicar com eles. No entanto, o cansaço físico e mental é o resultado comum de um derrame, o que sugere que a fraqueza física também está presente.

O ajudador sábio e eficaz faz, portanto, as seguintes perguntas:

- Quais comportamentos pesam a favor do espiritual (questões de obediência ou desobediência a Deus)?
- Quais comportamentos pesam a favor do físico (questões de fraqueza e sofrimento do corpo)?
- Seria esse comportamento (como frequentemente acontece) uma mistura de limitações físicas e questões espirituais?

Fazer essas perguntas esclarecerá e dará direção ao seu trabalho de cuidar de alguém. Não ser capaz de compreender e processar o comportamento visível da pessoa aumenta a dificuldade de cuidar dela. Entender a distinção entre o espiritual e o físico ajudará a discernir quando é hora de oferecer consolo e quando se deve questionar um comportamento.

Não se surpreenda com o fato de as pessoas terem mais lutas espirituais no contexto de uma doença crônica ou após um derrame cerebral. Há uma estreita ligação entre o corpo e o coração. O físico afeta o espiritual para melhor ou para pior. Você pode, porém, lembrar à pessoa de quem você cuida que Jesus continua a operar a renovação interior em sua vida, mesmo quando o corpo fraqueja (2Co 4.16).

Encoraje a pessoa que está sob seus cuidados a pedir ajuda diária ao Espírito Santo. Embora algumas tentações específicas estejam vinculadas à incapacidade física, o apóstolo Paulo nos lembra que "não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1Co 10.13). Relembre diariamente à pessoa a fidelidade de Deus. Orem juntos por graça para suportarem a situação.

Esteja ciente das suas tentações

Assim como a pessoa que está sob seus cuidados tem suas tentações características, o mesmo acontece com você que a ajuda. Permita-me citar três lutas comuns: ira, medo e indispensabilidade.

Como você pode discernir se está lutando com ira contra Deus ou contra a pessoa de quem você cuida? Pergunte a si mesmo se você tem algum destes pensamentos:

- Eu quero alívio, mas Deus não está me socorrendo.
- Será que as coisas não poderiam ser mais tranquilas? Tudo o que eu quero é...

- Eu mereço algo melhor.
- Tudo o que eu quero é uma família normal.
- Deus colocou sobre mim mais do que eu posso suportar.

Medo e ansiedade frequentemente se expressam em pensamentos como estes:

- E se as coisas piorarem? Eu sei que eu não conseguirei lidar com isso!
- Eu não vou conseguir fazer isso por muito tempo.
- Eu não vejo nada senão sofrimento pelo resto da vida.
- Se eu não agir apropriadamente, tornarei a situação ainda pior.
- Como pagaremos a conta da farmácia?

Se a sua vida está tão envolvida em cuidar de alguém que você ignora outros relacionamentos, incluindo a sua vida espiritual e física, você pode estar sofrendo da "síndrome da indispensabilidade". Essa síndrome expressa-se mais ou menos assim:

- Ninguém faz melhor do que eu.
- Ninguém se importa, a não ser eu.
- Se eu não fizer, ninguém fará.

Quando você perceber essas três ideias (e ainda outras!) em seu coração, volte-se para o Senhor. Peça a Ele graça, misericórdia e ajuda em seu momento de necessidade (Hb 4.16). Contra a ira, medite no fato de que o Deus que não poupou Seu próprio Filho (o presente maior de todos) não nos negará aquilo que realmente necessitamos (Rm 8.32). Contra o medo, ouça as palavras de Jesus: "Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o Seu reino" (Lc 12.32). Contra um senso de indispensabilidade e de autossuficiência, lembre-se de que o poder de Deus é de fato aperfeiçoado em um contexto de fraqueza (2Co 12.9).

Lembre-se de que você e a pessoa que está sob seus cuidados têm mais semelhanças do que diferenças. Vocês dois foram feitos à imagem de Deus e Ele quer transformar ambos para que sejam um belo reflexo de sua imagem diante do mundo que os observa. Essa transformação acontece à medida que você pede diariamente a Deus sabedoria e força que vêm do Espírito, e depende dEle, pela fé, para tudo o que necessita para a vida e a piedade (2Pe 1.3).

Prepare-se para começar, coloque-se a postos e aquiete-se!

Se você não praticar o aquietar-se diante de Deus, você esquecerá quem Ele é (Sl 46.10). Você esquecerá que "Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações" (Sl 46.1). Não se transforme física e mentalmente em uma constante máquina de cuidar de outros. Sem dúvida, como você já percebeu, é necessário ser mais proativo, cuidadoso e sacrificial do que você poderia imaginar. Certifique-se, porém, de não abandonar o hábito de simplesmente sentar aos pés de Jesus e aprender dEle. Embora isto seja um clichê, é também verdade: no que diz respeito ao ministério, você não pode dar o que não tem. Se você quiser ministrar a graça de Cristo à pessoa que você ama, você também precisa receber a graça e a misericórdia dEle em sua hora de necessidade (Hb 4.15,16).

Cuide de sua saúde

Não esqueça que Jesus, em meio ao furacão do ministério, ainda comia, bebia,

dormia e passava Seu tempo tanto com os santos quanto com os pecadores. O constante cansaço físico, a falta de sono ou o adiamento das suas próprias questões de saúde, podem acabar por destruir sua capacidade de ministrar com sabedoria e compaixão.

Trabalhe seu coração

Victor Frankl, sobrevivente de um campo de concentração, disse: "Quando está fora do nosso alcance mudar uma situação, somos desafiados a mudar a nós mesmos". Você pode não ser capaz de mudar os aspectos crônicos da luta física ou espiritual que afeta a vida da pessoa que você ama. No entanto, você pode ter certeza de que Deus está determinado a formar em você o caráter de Cristo em meio ao cuidado que você dá a essa pessoa.

Trabalhe seu coração avaliando como os seus desejos, exigências, temores, inseguranças, vontades e expectativas impactam a sua capacidade de prover cuidado. Volte à seção que fala das suas tentações pessoais. Peça que Deus lhe mostre em que pontos você enfrenta dificuldades. Para onde os seus "se tão somente" o conduzem? Fazer essas perguntas revelará qual o seu maior tesouro e o que pode tomar o lugar da sua submissão ao desígnio sábio de Deus para a sua vida.

Seja um instrumento de redenção

Peça a Deus sabedoria para entender qual é a sua responsabilidade. Você foi chamado para ajudar o seu irmão, e não para ser o salvador dele! Em cada situação, há coisas que Deus nos chama a fazer, e que não podemos transferir para outra pessoa. Essas são as nossas *responsabilidades*, e Deus promete os recursos para que obedeçamos fielmente ao Seu chamado. No entanto, há também muitas coisas que nos *afetam*, e que mesmo assim estão além de nossa capacidade de controlar ou mudar.

Pense em Jorge. Quais são algumas das responsabilidades específicas que Deus deu à família de Jorge? Eles são chamados a orar por ele. São chamados a viver o que Paulo diz em Efésios 4.31,32:

> Longe de vós toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou.

Isso significa não responder da mesma forma quando Jorge os ataca irado; significa praticar a longanimidade e o perdão quando Jorge peca contra eles. Além disso, eles são chamados a levar a verdade do evangelho para a vida de Jorge, buscando restaurá-lo com mansidão (Gl 6.1). Eles são chamados a encarnar o amor de Cristo, entrar no mundo de Jorge e entender o quanto possível a razão de seus conflitos pessoais.

O que deveria preocupar a família de Jorge e, no entanto, não ser visto como responsabilidade deles? Com certeza, as responsabilidades que são de Jorge! Sua família não é responsável pela forma de Jorge responder, ainda que lhes parta o coração. Ainda que a família de Jorge queira ver mudança nele e que Deus os chame para criarem um contexto que ajude Jorge a mudar, voltando ao que eu disse sobre responsabilidade, a missão deles não pode ser "consertar" Jorge. Só Deus pode realizar esse tipo de mudança. Eles devem se preocupar com que Jorge honre a Deus

mais e mais com sua forma de interagir com as pessoas ao redor? Sim! Eles devem se preocupar com que ele se arrependa quando pecar? Sim! Em todas essas coisas, porém, eles precisam deixar Jorge nas mãos de Deus. Essa atitude de confiança em oração ajudará a esclarecer quando um intervenção mais específica (responsabilidade da família) se faz necessária.

Algumas vezes, seu erro pode ser observar e esperar, quando deveria ter uma ação corretiva e restauradora junto à pessoa a quem ama. Outras vezes, você pode errar assumindo responsabilidade demasiada no cuidado desse membro da família. Agradeça ao Senhor por lhe mostrar as vezes em que você deveria ter escolhido um caminho diferente, mas depois siga em frente, pedindo a sabedoria que Ele prometeu para o guiar em meio aos seus constantes desafios (Tiago 1.2-5).

Nos momentos em que você acreditar que foi chamado para agir (e não simplesmente para orar e esperar), adapte a sua atuação à pessoa de quem você cuida, tendo como base as distinções entre corpo e espírito conforme já discutimos. Reconheça as limitações que o corpo/cérebro impõe sobre o membro de sua família e responda de acordo. Suas expectativas quanto à outra pessoa podem variar, baseadas nos pontos fortes e nas fraquezas físicas que a pessoa tenha.

Viva em comunidade

Na Bíblia, depender de outras pessoas é o modo normal de se viver. Por favor, não sofra em silêncio; pelo contrário, peça ajuda. Peça ajuda à sua família, aos amigos e à comunidade da sua igreja. E aceite a ajuda oferecida. Mesmo que as pessoas não façam as coisas exatamente como você faria, elas ainda podem ser uma bênção. Combata sua tendência de ser "o indispensável", e compartilhe suas lutas com as pessoas ao redor. Aceite o apoio que as pessoas oferecerem.

Prover um cuidado integral a uma pessoa cuja enfermidade crônica você não pode resolver é ao mesmo tempo algo difícil e redentor. Permita que as palavras de Paulo o encorajem neste dia:

> Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão (1Co 15.58).

Deus confiou a você uma oportunidade única de ministrar o evangelho de Jesus Cristo em palavra e ação. Ainda que por vezes você sinta que ninguém sabe o que você está passando, Deus está vendo. Ele sabe tudo sobre suas lutas e sacrifícios. Ele está com você, pronto para ajudá-lo em sua hora de necessidade.

Cuidado Pastoral para Missionários

John Sherwood e Scott Fisher[1]

Praticar o aconselhamento bíblico é tomar os princípios de Deus para a vida diária e aplicá-los à nossa história pessoal de vida. No entanto, a história de vida de um missionário é mais complexa do que a maioria das pessoas imagina.

Os missionários são pessoas normais. Os mesmos princípios bíblicos que se aplicam àqueles que nunca deixam sua cidade natal aplicam-se também para o crescimento e o cuidado cristão dos missionários. No entanto, as circunstâncias de vida de um missionário são muito diferentes das circunstâncias dos que não são missionários. Nossa singularidade está relacionada com o nosso "mundo". Nosso "calor" é único.

Scott: Um tema mencionado constantemente entre missionários que voltam para casa é que ninguém os compreende a não ser outros missionários. Nem as pessoas de sua cultura natal nem os nativos a quem servimos no campo missionário entendem nossa vida, nossos problemas e nossa missão. Quando os missionários retornam ao seu país de origem, depois de passarem um período extenso no campo, sentem-se frequentemente como se fossem estrangeiros em sua própria cultura natal. É como se fôssemos autistas. No meu caso, senti como se estivesse excluído e isolado enquanto escutava conversas ao meu

[1]Tradução de adaptação de "Pastoral Care for Missionaries". Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 25, n. 3, Summer 2007, p.23-31.

John Sherwood é vice-presidente da comissão de diretores da CrossWorld, uma missão evangélica não denominacional que cuida de 350 missionários. Ele e sua família serviram por dez anos implantando igrejas nas Filipinas.

Scott Fisher é diretor do setor de desenvolvimento e cuidado do missionário da CrossWorld. Sua esposa e ele serviram na Guiana, América do Sul, pela missão CrossWorld.

Este artigo foi extraído de uma entrevista extensa com os autores.

redor, que eu entendia intelectualmente, mas que não faziam sentido algum na realidade.

John: Quando retornei de um período extenso no campo, eu queria conversar sobre as coisas que aconteceram ali, tanto as corriqueiras como as mais significativas. No entanto, quando fiz comentários sobre o ministério no campo com as pessoas à minha volta, mesmo as pessoas da igreja, elas tinham um olhar vazio, sentiam-se incomodadas e mudavam de assunto. Elas simplesmente não entendiam, pois as questões missionárias não estão associadas com o seu mundo cotidiano. Portanto, quando os missionários retornam em sabático, muitas vezes eles não têm um ponto de contato com as pessoas ao seu redor.

Os missionários também têm lutas. No entanto, infelizmente, quando buscam aconselhamento, eles ouvem comentários pouco proveitosos mesmo da parte dos conselheiros bíblicos. Quando um missionário falou sobre o estresse que enfrentava ao mudar de país para país, um conselheiro disse: "Sim, mudança é frustrante. Mudei da Carolina do Sul para a Pensilvânia e foi difícil!". Este conselheiro simplesmente não conseguiu se identificar com a perspectiva do missionário. Ele focou as dificuldades físicas da mudança como encaixotar as coisas e transportá-las para o novo local. Ele simplesmente não entendia a complexidade das dificuldades físicas, sociais e emocionais relacionadas à mudança para um novo país, língua, sistema financeiro, sistema social, sistema de transporte. Ele não tinha noção da complexidade das questões envolvidas.

De certa forma, existe um crescimento na compreensão de alguns aspectos da vida missionária, já que muitos pastores e membros de igrejas têm se envolvido com viagens missionárias de curto prazo para outros países. As viagens de curto prazo, porém, podem ser enganosas. Elas fornecem um falso senso de compreensão. Duas semanas, ou até mesmo três meses, em uma atividade missionária de curto prazo permitem que a pessoa experimente as alegrias e frustrações externas de se viver em outro país: o clima, a comida, o trânsito, o início das amizades e a hostilidade do povo. No entanto, aqueles que vivem em outras culturas por um período extenso dirão que isto é apenas o princípio das diferenças culturais.

O "calor" missionário

John: Vou dar alguns exemplos do tipo e grau dos problemas que os missionários enfrentam. Nos últimos dez anos na liderança, tenho trabalhado com missionários que enfrentaram um ou mais dos seguintes problemas pessoais, interpessoais ou situacionais:

- problemas emocionais: desânimo, solidão profunda, depressão profunda, ira, alcoolismo, tendências suicidas;
- problemas matrimoniais: conflito, violência doméstica, adultério, divórcio, problemas financeiros graves;
- problemas familiares: pais idosos dependentes, dificuldades de aprendizado por parte dos filhos, ferimentos fatais de filhos, sequestro de filhos, filhos que fogem de casa, filhos rebeldes;
- problemas de saúde: câncer, fraturas, doenças e infecções comuns do campo missionário;
- problemas civis: assaltos a mão armada, prisão imerecida porém extensa, processos legais;

- desordem social: tensões civis, evacuações de emergência obrigatórias devido à desordem social, perda de bens materiais;
- problemas criminais: estupro, assalto, danos pessoais;
- imoralidade: homossexualismo, pornografia;
- problemas ministeriais: desunião da equipe, problemas financeiros, problemas de comunicação.

As dificuldades mais estressantes de se morar e ministrar em um campo missionário em longo prazo não são percebidas, porém, até que o missionário esteja presente em um determinado país por algum tempo. No final das contas, os missionários entendem que nunca serão compreendidos por completo no país onde servem. As diferenças culturais fundamentais de cosmovisão os separam das pessoas às quais eles ministram. O missionário pode ler tudo sobre a mentalidade holística dos africanos, sobre o conceito oriental de preservar a reputação ou a diferença de percepção que os povos eslavos têm com respeito ao trabalho, e ainda assim levar anos de lutas para desvendar essas diferenças. Fiz minha tese de doutorado em ministério sobre uma cultura em que a vergonha é determinante. Contudo, não ouso dizer que conheço essa cultura de um ponto de vista interno. As diferenças fundamentais de cosmovisão cultural dão tamanha dor de cabeça e estresse para os missionários, que escapa às palavras.

Os problemas familiares

Scott: Outro fator a considerar são os filhos dos missionários. Essas crianças, criadas a maior parte do tempo em uma outra cultura, chamadas de "crianças de terceira cultura", são influenciadas por uma mistura cultural. Elas geralmente absorvem mais da mentalidade nacional e cosmovisão do ambiente do que os pais, no entanto, continuam a ser diferentes. Elas não se encaixam muito bem com as pessoas ao redor. Elas combinam aquilo que aprendem da cultura do mundo que as cerca e da cultura de casa. As suas experiências de vida são muito diferentes das experiências de crianças que viveram a vida toda na mesma cidade de seus familiares. Essa combinação única de oportunidades também resulta em frustração para as crianças de terceira cultura. Imagine quando elas retornam para o país de origem e convivem com seus antigos amigos. Elas simplesmente não se encaixam mais.

Os filhos de missionários crescem sem conhecer seus avós. Por outro lado, os avós que são missionários não fazem parte da vida de seus netos, pois se encontram em outro país por um período de tempo consideravelmente longo. Os missionários não estão imunes à dor que estas separações causam.

Os riscos ambientais

John: Dependendo do país, os missionários podem enfrentar problemas constantes de insegurança e riscos impostos pelo ambiente à sua volta. Um missionário na cidade de Manila, nas Filipinas, poderia presumir que se sua estadia no país fosse extensa, a sua expectativa de vida diminuiria consideravelmente devido à densa poluição do ar. Os níveis de criminalidade elevados podem fazer parte da experiência de quem vive em outro país. Não encontramos um bom sistema de segurança em muitos países do mundo. Os aspectos básicos de saúde e segurança que fazem par-

te da nossa vida diária como, por exemplo, cintos de segurança, policiamento, eletricidade constante, água potável, bom sistema de saúde, serviço postal eficiente, ar limpo, e assim por diante, podem estar ausentes no campo missionário. Estas diferenças acrescentam estresse aos missionários. Certo missionário ficou tão obcecado por fornecer água potável à sua família que gastava horas do seu dia para cumprir esta tarefa. As provações como estas expõem o coração humano a muitas tentações.

As transições

John: Há também as despedidas constantes e as mudanças nos relacionamentos. Uma família missionária foi vizinha nossa e ficamos bastante íntimos. A família iria se mudar na semana seguinte. Um dia, logo antes de se mudarem, eu estava conversando com a menininha da família, mas ela se mostrou estranhamente tímida comigo. Não pude deixar de pensar se ela já estava se protegendo emocionalmente. Os missionários e os filhos de missionários mantêm relacionamentos superficiais, às vezes, por temerem as despedidas inevitáveis.

Scott: Todas as transições e mudanças, o encaixotar e desencaixotar, as mudanças em estilo de vida e cultura, o contínuo conhecer pessoas novas e despedir-se de tantas outras - tudo isso forma uma combinação única na vida da família missionária.

O choque cultural da volta

John: Isto não diminui necessariamente com o tempo. Um casal de missionários dos mais produtivos, que esteve no campo por vinte e cinco anos, informou-nos que está passando por uma das fases mais difíceis agora que está de volta ao lar. Uma mulher, que morou na Europa por muitos anos e agora está de volta nos Estados Unidos, disse-nos que não sabe mais como se comunicar e se relacionar com as pessoas ao seu redor. Ela ficou longe durante muito tempo.

Qual é a dimensão real do problema? Nossa comissão de missões lançou um projeto para reduzir o desgaste missionário. Aqui estão as principais descobertas na pesquisa:

> Em termos de força missionária global, estima-se que, por ano, um entre vinte missionários de carreira (5,1% da força missionária) deixa o campo missionário e retorna para casa por ano. Destes, 71% abandonam o campo por razões que poderiam ser evitadas. Se estimarmos que a atual força transcultural missionária internacional de longo prazo está por volta de 150.000, arredondando para baixo, uma perda de 5.1% corresponde a 7.650 missionários que deixam o campo anualmente. Em um período de quatro anos, o valor pula para 30.600. Esse é o valor total de perda, incluindo todos os tipos de razões, e 71% dessas razões poderiam ser evitadas - quase 22.000.[2]

O contexto da vida missionária

Scott: Vamos olhar para os aspectos que compõem a vida de um missionário. Em primeiro lugar, a cultura. Obviamente, a extensão da diferença entre a cultura natal e a cultura nacional do campo missionário

[2]Comissão Missionária da CrossWorld, "Reducing Missionary Attrition Project" (ReMAP) – (Projeto para reduzir o desgaste missionário) – www.crossworld.org

costuma variar grandemente. As diferenças amplas de cosmovisão podem incluir alguns dos itens a seguir.

Culturas informais versus culturas formais

Os missionários provenientes da América do Norte saem de um contexto cultural em que a informalidade reina. Sua tendência é estar à vontade, evitar protocolos formais e tradições honorárias. No entanto, esses missionários trabalham frequentemente em contextos culturais altamente formais, em que os cumprimentos formais, os títulos, as hierarquias de relacionamento e o respeito aos códigos de conduta são cruciais e complexos, mas não muito bem definidos para as pessoas de fora.

Muitos missionários ocidentais sentem-se frustrados e estressados quando quebram inadvertidamente as formalidades da cultura local ou procuram decifrar aquelas regras conhecidas, mas não escritas. Em muitas culturas, um missionário ocidental pode nunca ser aceito por completo pelos nativos com a mesma intimidade de familiares ou concidadãos. O missionário pode enfrentar desentendimentos constantes.

O fato de sermos sempre "estrangeiros" pode se tornar difícil às vezes. Independentemente do tempo que vivemos na Guiana, por exemplo, nós sempre éramos brancos, diferentes e um pouco marginalizados.

Tarefas versus relacionamentos

Scott: Para mim, foi uma luta aprender a simplesmente "estar com" as pessoas da Guiana. Os relacionamentos eram de suma importância. A cultura americana valoriza a produtividade de uma forma muito estranha para os guianos. Eu tinha minha lista de coisas para realizar, mas isso não impressionava ninguém.

John: Nas Filipinas, um amigo filipino disse certa vez: "Vocês americanos vêm nos visitar, mas só falam o que planejaram e são rápidos para irem embora. Queremos que vocês gastem tempo conosco quando não têm um propósito específico em mente para a visita. Fiquem tempo suficiente para comerem uma refeição conosco". Eu não tinha o costume de fazer isso porque estava certo de que eles também tinham suas listinhas de afazeres, e eu não queria atrapalhar. Minha lista e agenda eram tão estranhas para eles quanto fazer uma visitinha inesperada era estranho para mim.

Comunicação direta versus comunicação indireta.

Em muitas culturas ocidentais, as pessoas costumam falar aquilo que pensam e dar respostas diretas às perguntas. No entanto, em outras culturas ao redor do mundo, pelo fato de existir uma preocupação maior com os relacionamentos do que com os fatos, as pessoas falam e respondem de forma mais indireta. Quando convidávamos um filipino para um programa a resposta típica era: "Vou tentar". Essa era uma resposta negativa, quase com certeza, mas também era uma tentativa de ser sensível aos sentimentos de quem estava convidando. Todas as variações da comunicação indireta resultaram em muitos desentendimentos para nós.

Individualismo versus identidade grupal

Na cultura ocidental, coloca-se muita ênfase no indivíduo. Defendemos nossos direitos, damos nossa opinião e trabalha-

mos duro para sermos bem-sucedidos. Em outras culturas ao redor do mundo, a identidade de uma pessoa está quase totalmente ligada ao grupo ao qual ela pertence. Aliás, a pessoa pode ter "identidades" múltiplas dependendo do grupo com que ela está se relacionando em dado momento, quer seja família, amigos, colegas de trabalho, e assim por diante. É muito difícil para a pessoa tomar decisões importantes sem considerar o grupo com o qual ela se identifica. Essa diferença é provavelmente a causa de alguns dos demais problemas que mencionamos a seguir.

Inclusão versus privacidade

Quando tomávamos refeições em casa, durante os nossos primeiros anos nas Filipinas, as crianças filipinas ficavam coladas em nossa janela para observar cada movimento nosso e faziam comentários em seus dialetos. Eles não consideravam isso uma falta de educação. Os filipinos não imaginavam o que seria querermos privacidade. Nós até mesmo aprendemos a apreciar a música dos nossos vizinhos enquanto eles compartilhavam-na conosco pela janela aberta. Esta invasão da privacidade pessoal do missionário pode incomodar especialmente aqueles que estão nos seus primeiros dias de adaptação. Nós podemos rir disso agora, mas a história era bem diferente na época em que tínhamos acabado de nos mudar para as Filipinas.

Em muitas culturas, a invasão da privacidade do missionário inclui ser encarado pelos outros ou ter alguém apontando para ele. Isto não é inapropriado em algumas culturas. Nas Filipinas, as pessoas ressaltavam o fato do nosso nariz ser diferente, não redondo como o deles. Alguns missionários estressavam-se com comentários deste tipo, especialmente as mulheres solteiras.

Infraestruturas organizadas versus infraestruturas desorganizadas

Scott: Recentemente, um missionário veterano descreveu a falta de organização na infraestrutura do país hospedeiro: "É loucura a maneira como esses nativos fazem as coisas. Por que não o fazem do nosso jeito?". Vemos ineficiência no país hospedeiro e queremos consertar. Comparamos e estabelecemos uma diferença com a nossa cultura, onde as coisas fluem com maior facilidade. Em muitos campos missionários, a desorganização é norma: o trânsito é caótico, o lixo acumula-se nas ruas, a poluição do ar e da água são visíveis a olho nu, o esgoto corre aberto em canais à beira das ruas. Os frangos, os porcos, os bodes e outros animais correm soltos nas ruas dos vilarejos. Os programas não começam na hora marcada. As reuniões duram horas e horas, com muitos intervalos, e assim por diante. A frustração aumenta com cada uma dessas inconveniências.

Formalidade versus espontaneidade

Onde a privacidade, o planejamento e o tempo não são importantes, a espontaneidade não é problema. Por exemplo, Juan Pablo sentia-se à vontade para chegar de improviso em minha casa e ficar por algumas horas sem um motivo específico. Minha tendência era receber Juan à porta e ficar esperando que ele dissesse o propósito de sua visita. Minha esposa teve que me curar desse mal rapidamente. Acostumamos-nos com estas visitas e quando retornamos aos Estados Unidos nos sentimos sozinhos por um período de tempo

porque o oposto acontecia - ninguém ia nos visitar!

Primeira língua versus segunda língua

Adicione às diferenças culturais o estresse de tentar entender toda essa complexidade em uma outra língua! Eu tinha me formado no seminário, pastoreado uma igreja e apreciava palavras e idiomas. Após vários anos de trabalho com a língua Tagalog, embora eu usasse bem o idioma, descobri que eu nunca seria fluente em Tagalog. Nunca entenderia todas as expressões ou nuanças. Para cada sentença pronunciada, eu precisava pensar duas vezes, principalmente no começo. Decidir o que falar, para depois pensar nas palavras e no modo gramatical correto de falar, deixava-me exausto.

As questões relacionadas ao coração dos missionários transculturais

John: Uma das reações mais comuns a todas as pressões é a ira. Colossenses 3.8 menciona três ou quatro membros da família da ira. Costumamos expressar alguns deles de forma aberta e intensa, enquanto outros, como a malícia, nós expressamos de forma mais sutil. Posso lembrar de três ocasiões diferentes em que eu estava no trânsito, acompanhado de missionários, em lugares onde os padrões de trânsito eram, no mínimo, estranhos para os americanos. Presenciei esses missionários expressarem sua ira verbalmente. Um dos missionários chegou a bater seu punho no para-brisa. Não pude deixar de pensar onde mais esta ira se manifestava. No caso de dois casais que não fazem mais parte da nossa missão, os maridos reagiram com ira controladora para com suas esposas que tinham muito a oferecer, mas que eram vistas por eles como ameaças. Um desses casamentos terminou em divórcio.

Lembro-me de ter lido algo que definia a ira como "um tipo de julgamento estimulado emocionalmente contra um mal percebido". Esse mal podem ser os nativos que não respondem positivamente ao evangelho, podem ser os missionários que estão no campo conosco e requerem parte do nosso tempo, os filhos que são imperfeitas e ameaçam nossa reputação por causa do mau comportamento ou os nossos mantenedores que simplesmente não contribuem para suprir o sustento necessário. Ficamos bravos com qualquer coisa que atrapalhe o alcance daquilo que queremos muito, ou seja, de nossos ídolos.

A adoração idólatra dos missionários é, na verdade, a mesma das outras pessoas. Se perguntarmos por que eles fazem o que fazem, no final das contas, a resposta será a mesma que obtemos para todas as outras pessoas. Sam Evans, líder de direitos civis, disse numa entrevista ao *The Philadelphia Inquirer*: "Todas as pessoas, todos nós, somos noventa e nove por cento iguais. O um por cento de diferença está relacionado com o ambiente e a cultura". Eu diria que, quando falamos da dinâmica com que os missionários reagem aos desafios de sua vida, o mesmo é verdadeiro. CrossWorld adotou, portanto, um valor principal com relação à "prioridade do coração":

> Em nosso ministério uns com os outros (Cuidado dos Membros) e no ministério para com nossa população alvo (Estratégia Missionária), devemos focar aci-

ma de tudo as questões do coração. O cenário onde se originam tanto a adoração falsa quanto a verdadeira é o coração. Ele é a fonte das decisões da vida e de todo comportamento. No coração, todos nós compartilhamos a mesma dinâmica com relação ao pecado e à santidade e também podemos crescer em conformidade com Cristo. Acima de tudo, buscamos como resultados pessoas que conheçam e adorem a Deus de coração. Sempre que possível, procuramos olhar para os princípios relacionados ao coração ao invés das regras que governam o comportamento. As questões do coração ficam "encobertas" entre as circunstâncias culturais e pessoais que vivenciamos. Portanto, devemos ser sensíveis às circunstâncias como expressões e portas de entrada para as questões do coração.

Cremos que as mesmas verdades bíblicas aplicam-se a qualquer problema que um missionário possa enfrentar. Aqui estão algumas formas típicas de cobiça.

Temor aos homens

Scott: A igreja americana tem expectativas elevadas quanto ao retrato típico de uma família missionária. Referimos-nos à questão de sermos sempre colocados em um pedestal. Respirar o ar das alturas pode nos deixar leves, mas no final cria uma pressão. Podemos começar a acreditar que a imagem é verdadeira ou, pelo menos, tentar viver para alcançar as expectativas. Fui pego por essa cilada durante o nosso segundo período no campo missionário. Meus próprios filhos salientaram a minha dureza para com eles. Enquanto minha esposa e eu procurávamos o motivo que teria nos levado a agir de tal forma, não pude deixar de perceber que parte do problema era que eu desejava ter filhos que refletissem a família missionária perfeita.

Os missionários estão sob a tremenda pressão de produzir frutos tangíveis. Escrevemos cartas aos nossos mantenedores regularmente. Temos que voltar ao país de origem regularmente para darmos relatórios. Muitas agências missionárias exigem relatórios regulares e prestação de contas dos seus missionários. Por exemplo, um missionário negligenciou sua esposa e filhos enquanto se concentrava excessivamente em seu trabalho. Por meio de conversas, descobrimos que a força que o impulsionou a trabalhar tanto foi a falta de frutos visíveis em seu ministério e a preocupação com que as igrejas mantenedoras cessassem de apoiá-lo financeiramente. Raramente temos missionários preguiçosos, porém muitos trabalham demais à custa de suas famílias.

Controle

Os missionários costumam partir de um mundo em que eles têm controle sobre seus horários, transporte, alimentação, saúde, escolha de escolas, finanças, e assim por diante. Chegam em uma cultura onde estas escolhas são menos certas. Isto traz insegurança e a pessoa fica tentada a exercer controle. Por exemplo, saímos de uma cultura onde um assunto típico é a aposentadoria, mas esse é um assunto inconcebível em muitas partes do mundo. Alguns missionários tentam exercer poder sobre o ambiente em que vivem. Querem produzir resultados, garantir a segurança,

sentir-se confortáveis ou simplesmente desfrutar de posição e poder. No entanto, isso é muitas vezes impossível de se fazer em uma nova cultura.

Conforto

O escritor de missões Justin Long escreveu recentemente: "Alcançar os não alcançados é uma tarefa desafiadora, mas nosso problema principal não são as barreiras culturais, econômicas, logísticas ou políticas que enfrentamos. Temos um problema muito mais simples: carecemos de um número suficiente de obreiros".[3]

Muitos observadores preocupados acreditam que o desejo de conforto pessoal pode ser o principal obstáculo para o recrutamento de missionários da América do Norte. Sem nos darmos conta, nós empacotamos e carregamos em nossas malas os nossos deuses americanos porque eles são tão preciosos para nós. Quando some o conforto que inconscientemente presumimos que sempre estaria presente - os cintos de segurança nos carros, o cuidado médico excelente, o ar condicionado, as boas estradas, a facilidade de comunicação em nossa língua mãe - os sacrifícios fazem marcas profundas.

Aconselhamento bíblico no contexto missionário

Scott: Você não tem que ser um missionário para ajudar um missionário da mesma forma que você não precisa ser divorciado para ajudar um divorciado. No entanto, quanto mais podemos aprender e entender as circunstâncias e lutas de um missionário, mais podemos adaptar nossa abordagem de aconselhamento para ajudá-lo.

Assim como falamos sobre abordagens específicas de aconselhamento para crianças, para aqueles que sofreram abuso ou lidam com transtornos alimentares, os missionários também precisam de uma abordagem específica de aconselhamento. Uma combinação de treinamento pró-ativo para a perseverança espiritual e de habilidade para identificar sinais vermelhos pode capacitar alguns missionários para servirem por um período mais longo. Precisamos, primeiramente, entender as Escrituras, mas também precisamos entender algo do contexto da pessoa que estamos ajudando. Quando o escritor de Hebreus escreveu que devemos "considerar também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras" (10.24), ele se referiu ao processo de focar a pessoa para oferecer ajuda de forma a atingi-la da melhor maneira.

A transformação de coração deve dar a direção para o aconselhamento no campo missionário, assim como dá para o aconselhamento na igreja local. Este é o ponto crucial. Quando nos tornamos missionários, não nos voltamos para um conjunto de verdades diferentes ou habilidades de vida diferentes. O "calor" conhecido pelo missionário no campo pode ser bem estranho ao pastor ou ao conselheiro em seu país de origem. Por outro lado, boa parte dos desafios enfrentados pelos missionários têm, na verdade, muito a ver com aquilo a que a Palavra de Deus se dirige. As Escrituras têm muito a dizer sobre viver em situações fora do nosso controle, sobre resistir ao engano do conforto, ser rejeitado e enfrentar insegurança. Temos missionários

[3]Momentum, Julho/Agosto (2006), 7. www.momentum.org.

que precisam escolher cuidadosamente as rotas que fazem porque o sequestro de estrangeiros tem-se tornado predominante. Aliás, damos treinamento sobre como agir em uma situação de sequestro. Outros têm que manter cuidados especiais com as casas e os escritórios para que a sua identidade não seja descoberta.

O contexto não nos faz agir de forma negativa, mas ele expõe aquilo que o conforto da cultura ocidental disfarça com suas redes de segurança. Para aqueles de nós que provêm de culturas afluentes, a cultura do conforto dificulta a adaptação. Frequentemente, somos tentados a buscar a paz e a logo querer que esta paz nos seja garantida. Quando se vive em um contexto transcultural, as experiências de "calor" levam-nos a ter uma consciência mais profunda de que nossa dependência total está na graça de Deus para vivermos uma vida frutífera. Durante meus primeiros seis meses no campo da Guiana, descobri muitas coisas sobre mim mesmo que não seriam expostas na zona de conforto da América do Norte. Descobri uma fé que era mais frágil do que eu pensava e uma autoconfiança maior do que eu imaginava. A princípio, fiquei profundamente desanimado, mas depois fui atraído à cruz de forma que eu jamais tinha experimentado antes. Penso que o mesmo seja verdadeiro na vida de muitos missionários.

John: Temos visto muitos exemplos maravilhosos da graça de Deus transformando missionários que estavam presos em padrões pecaminosos, alguns de longa data. Em minha experiência na CrossWorld, vimos dois casos de homossexualismo, e cada um deles terminou em arrependimento e mudança incríveis. Deus usou aquela área específica de pecado para revelar outras áreas a serem tratadas, e o resultado foi um relacionamento mais íntimo com Deus. Ambos os indivíduos estão ativos no ministério hoje e ajudam outros. Quando pedi permissão para mencionarmos esse caso, um deles escreveu:

> Espero que vocês possam transmitir a necessidade do evangelho na vida diária. Espero que possam mostrar que os missionários não são super-crentes. Espero que possam mostrar os desafios difíceis e únicos da vida missionária e como nossa reação a estes desafios revela realmente o nosso coração, que precisa ser continuamente transformado pelo evangelho.

Ainda lembro de uma experiência que me deu arrepios quando visitei uma das nossas áreas ministeriais. Algumas pessoas da equipe vieram até nós para questionar o estilo de liderança do líder da equipe. Encorajamos o líder a ouvir as preocupações dos membros da equipe. Em uma expressão maravilhosa de humildade, ele pediu para que o grupo se abrisse com relação às suas falhas. Enquanto a equipe expressava suas queixas, o líder não se tornou defensivo, ouviu humildemente e pediu perdão quando foi necessário. Muita confiança mútua foi construída naquele dia. Ele demonstrou o tipo de coragem que o evangelho dá. A equipe toda desfrutou de um ótimo momento de louvor.

O papel da igreja local no cuidado dos missionários

John: Os conselheiros não precisam ser craques em missões e nem mesmo

missionários para aconselhar com sucesso os missionários. Assim como ser casado pode ajudar a aconselhar uma pessoa casada, temos visto algumas vantagens de ter um missionário aconselhando outro missionário, principalmente quando as lutas estão relacionadas especificamente à vida missionária. Contudo, qualquer pessoa que seja competente na Palavra de Deus tem competência para aconselhar os missionários. Nosso círculo de experiências não precisa sobrepor os círculos de experiências daqueles a quem ajudamos para que possamos aconselhá-los.

Um ouvido sensível para escutar, a habilidade de questionar, de aprender e ganhar entendimento, algumas das mesmas habilidades de observação que usamos para estudar as Escrituras - são essas as habilidades que precisamos usar ao aproximarmo-nos de alguém proveniente de uma experiência de vida bem diferente da nossa.

Às vezes, um missionário pode precisar de um período de interrupção em seu ministério. Pode precisar de ajuda específica com relação às necessidades críticas de saúde, as preocupações financeiras ou educacionais. O apoio físico e emocional pode ajudar aqueles missionários que estão sofrendo. No entanto, os missionários também precisam de apoio para desenvolver a dependência em Deus. A família, os amigos, os membros da igreja e os conselheiros podem se aproximar e apoiá-los ativamente e com compaixão, ajudando-os a recarregar os recursos para sua fé quando estes recursos parecem ter-se esgotado. Podemos estar prontos para ajudar quando as tribulações e os fracassos vierem. Os missionários que recebem esse tipo de apoio, e cujos alicerces estão fortemente edificados na fé, podem resistir às tempestades.

Scott: A igreja local tem um papel central no cuidado dos missionários. Alegramo-nos quando as igrejas que enviam missionários tomam a frente no preparo e cuidado contínuo dos seus missionários. Como uma agência missionária, não queremos tomar o lugar da igreja. Convidamos os pastores para que se juntem a nós e possam ser nossos parceiros em providenciar esse tipo de cuidado. Temos tido exemplos maravilhosos do excelente funcionamento dessa estratégia. Infelizmente, nem todos os pastores e igrejas estão preparados para isso e precisamos, então, tomar a frente algumas vezes.

É um pouco difícil quando a perspectiva da igreja e a nossa diferem com relação ao cuidado do missionário. As mesmas deficiências existentes no mundo evangélico em geral no que se refere ao aconselhamento e cuidado das pessoas refletem-se também no âmbito do aconselhamento dos missionários. Muito do que se faz não tem base bíblica. Temos ficado decepcionados quando missionários da CrossWorld retornam à igreja local precisando de cuidado, buscam esse cuidado bíblico na igreja, mas não o recebem de maneira adequada e bíblica.

John: Paulo edificou constantemente as comunidades por onde quer que ele andou e até levou alguns daqueles crentes consigo. Hoje em dia, poderíamos chamá-los de equipes missionárias. Uma leitura cuidadosa do livro de Atos e das cartas de Paulo revelam pelo menos dez equipes diferentes das quais Paulo esteve cercado. Não é necessário que estas equipes sejam formadas por pessoas de uma mesma cultura, porém todos nós precisamos ser uma comunidade bíblica.

Temos investido muito em recursos para desenvolver uma cultura de cuidado em toda a comunidade de CrossWorld. Temos treinado nossos líderes de equipes para que possam cuidar de seus grupos e promover o relacionamento dentro da equipe. Temos convicção de que os missionários perseveram e são mais produtivos nesse tipo de ambiente. O cuidado das equipes providencia um modelo crucial de comunidade para o crescimento das igrejas nacionais que os missionários buscam implantar.

Scott: Ao mesmo tempo, preferimos estabelecer uma parceria com as igrejas no ministério dirigido aos missionários que passam por dificuldades. Temos um desafio, no entanto, quando a igreja mantenedora não está no mesmo barco com relação à perspectiva bíblica de intervenção. Em um determinado caso, um de nossos missionários que caiu em pecado teve uma reunião com o pastor de sua igreja local. O pastor recomendou um psiquiatra incrédulo que nem mesmo considerava a atividade imoral como pecado. Várias vezes, a igreja local lida com o pecado superficialmente ou pelo mero ângulo administrativo. Os problemas do coração continuam encobertos.

Pelo fato de que os problemas do coração não são comumente tratados nas igrejas locais, os diretores da CrossWorld que supervisionam as equipes missionárias têm frequentemente se engajado nas questões de vida e do coração de forma direta. Não nos contentamos em sermos meros líderes administrativos, mas queremos pastorear os nossos missionários. O quadro da página seguinte capta a filosofia ministerial que é base para nossa abordagem no cuidado e aconselhamento dos missionários.

Conheça a CrossWorld e alguns princípios que conduzem seu cuidado missionário

CrossWorld é uma missão missionária evangélica, interdenominacional, que cuida de 350 missionários transculturais. Teve início em 1931 e visa o estabelecimento de igrejas entre povos não alcançados do mundo.

Os princípios que orientam o nosso cuidado com os membros da equipe são:

1. **Guiados biblicamente** – 2Pedro 1.21,22. A Palavra de Deus escrita é mais segura do que as "fábulas enganosas" ou as experiências de "testemunhas oculares" (v.16). Portanto, nós dependemos totalmente dela até que venha a hora da "estrela da manhã voltar". As Escrituras são suficientes para explicar porque os missionários fazem o que fazem. Os missionários não são produtos de um contexto único de vida. Pelo contrário, eles fazem o que fazem por causa das reações do coração ao contexto. Lidamos com o cuidado missionário com a segurança de que a saúde redentora constante do evangelho transpõem culturas.

2. **Relacionados – cuidado abrangente.** Em essência, atamos todo o nosso treinamento ao conceito fundamental de relacionamento: relacionamento com Deus em adoração, relacionamento com outros crentes em cuidado mútuo e relacionamento com o mundo em ministério estratégico. Isto providencia a base ou alicerce para uma cultura de cuidado equilibrada e abrangente.

3. **Pró-ativos – não apenas prontos para remediar.** Buscamos lidar com as questões de crescimento, tanto espiritual quanto profissional, antes que a crise ocorra.

4. **Integrados na vida – aprendizado durante a vida.** "Do berço à cova" é a frase que usamos. Antes mesmo de uma pessoa se unir à nossa missão, já a envolvemos em várias áreas de treinamento preparatório. No entanto, fazemos constantemente essas perguntas mesmo aos missionários veteranos: Que habilidades você deve desenvolver mais? Em que áreas novas você gostaria de crescer? Investimos tempo e fundos para esse tipo de treinamento.

5. **Descentralizados - treinamento vida na vida.** Não buscamos ter em nossa missão um departamento com conselheiros profissionais que podem ir a todos os cantos do mundo e cuidar das pessoas. Ao contrário, sonhamos com equipes em que os missionários cuidam uns dos outros assim como a igreja foi criada para atuar. Nesse contexto, as vitórias, os desafios, os conflitos, as tentações, os problemas e as alegrias podem ser todos enfrentados em comunidade e a maioria dos obreiros pode permanecer no seu ministério.

O Pecado Sexual e a Batalha Mais Ampla e Profunda

David Powlison[1]

Os pecados sexuais prendem a atenção de todas as pessoas. Eles assombram a consciência e aguçam a fofoca. Eles deixam os outros pecados em segundo plano e ganham maior evidência[2].

Nenhum pecado, porém, fica isolado de outros. O aconselhamento precisa focar sempre os pontos específicos, pois é impossível falar sobre tudo ao mesmo tempo. No entanto, quando o aconselhamento tenta isolar um problema específico como o "Problema", ele perde a conectividade que existe entre os vários aspectos da vida de uma pessoa. A visão de um túnel não é a forma pela qual Deus trabalha com as pessoas. Frequentemente, um problema difícil e complicado começa a ceder quando um dos "arredores", "conexões" ou "causas subjacentes" entram na jogada. Enxergar quão ampla e profundamente os problemas conectam-se ao "Problema" traz-nos grande esperança e permite ao ministério de aconselhamento focalizar o progresso em várias frentes diferentes, criando efeitos de onda. Isso torna o aconselhamento maravilhosamente flexível e surpreendentemente efetivo.

Comparo esta estratégia à forma escolhida pelos Aliados para conduzirem

[1]Tradução e adaptação de "Sexual sin and the wider, deeper battles". Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 24, n. 2, Spring 2006, p.30-36.

[2] Essa consideração refere-se a tendências dentro da cultura cristã norte-americana. Outras culturas cristãs podem fazer seus cálculos de consciência de forma diferente. Por exemplo: na Uganda, a ira é algo tremendamente vergonhoso, que desqualifica automaticamente a pessoa do ministério. Mas o povo da Uganda enxerga o pecado de imoralidade sexual da mesma forma que os norte-americanos olham para as explosões de ira e para a glutonaria: um tipo de conduta pecaminosa, mas não singularmente chocante nem condenatória. A *Divina Comédia* de Dante retrata os pecados sexuais – sensualidade, fornicação – como merecedores de uma punição mais rasa no inferno. Assim como a glutonaria ou a preguiça, estas são distorções de desejos normais. No entanto, pecados como a traição da confiança encontram-se na parte mais profunda do inferno.

a Segunda Guerra Mundial. Houve, sem sombra de dúvida, batalhas armadas em campos específicos. Mas também muitas outras formas de batalha contribuíram para a vitória final: bombardeio de suprimentos inimigos, organização logística eficiente para manter as tropas equipadas, setores de desenvolvimento para melhorar continuamente o armamento. O aconselhamento funciona de forma similar. Não é um combate mano a mano entre o pecado e o Redentor. Ele é a invasão de um continente, lançando mão de inúmeros meios. Vamos olhar o que isso significa ao aconselharmos uma pessoa presa em pecados sexuais.

A batalha é ampla

Considere a luta contra o pecado da seguinte forma: imagine um cinema que projeta vários filmes ao mesmo tempo em diferentes salas. O pecado sexual é o "sucesso de bilheteria", anunciado no saguão do cinema. No entanto, outros filmes importantes estão sendo projetados em outras salas. A guerra contra o pecado acontece em vários focos, simultaneamente. Ao ministrarmos às pessoas que lutam com pecados sexuais, podemos encontrar em outras salas de projeção aquela brecha que precisamos identificar, um pecado que pode não ter sido notado ou pode não ter sido considerado de importância para ser relatado pelo aconselhado. Uma brecha como essa – talvez ira, orgulho, ansiedade ou preguiça – pode ter efeitos de onda que ajudam a desarmar o monstro que conquistou toda a atenção e preocupação. É de extrema importância ampliarmos a frente de batalha e não permitirmos que os pecados "mais significativos" ofusquem nossa visão do todo. Trabalharei um estudo de caso para mostrar como o pecado sexual pode e deve estar inserido em batalhas mais amplas.

"Eu perco a cabeça com Deus."

Tom é um jovem solteiro, de trinta e cinco anos de idade. Você seria capaz de imaginar o resto da história, pois seu padrão de comportamento é muito comum. Ele se entregou a Cristo com uma profissão de fé sincera quando tinha quinze anos de idade. Naquele momento, começou sua batalha de vinte anos com a cobiça sexual. Essa batalha inclui o uso ocasional de pornografia e a masturbação, com as quais Tom está tremendamente desanimado. Durante esse tempo, ele teve inúmeros momentos de "vitória", diretamente proporcionais às suas "derrotas".

Tom veio pedir minha ajuda como seu conselheiro e líder de grupo de estudo bíblico. Ele estava fortemente desencorajado por suas derrotas recentes, especialmente por sua última queda que parecia um espiral descendente sem fim. Durante os anos, ele havia tentado "todos as coisas certas", as respostas e as técnicas padrão. Ele tentou a prestação de contas, de forma muito sincera, e ela o ajudou um pouco, mas não completamente. A prestação de contas começou de forma intensiva, mas acabou diminuindo. A uma certa altura, relatar a alguém uma nova queda, e receber a compreensão ou a simpatia, parou de ajudar.

Tom havia memorizado as Escrituras e batalhou por aplicar a verdade nos momentos de luta. Por vezes, isso ajudou, mas em momentos de apagões, quando ele mais precisava de ajuda, ele esquecia tudo quanto sabia. O sexo preenchia a sua mente e as Escrituras sumiam do campo de visão.

Em outras situações, ele simplesmente apagava a verdade num ato de rebeldia do tipo "Quem se importa com isso?". Mais tarde, ele se sentia muito mal – sua consciência só se apagava por alguns instantes! Ele tem orado e continua a orar. Ele tem jejuado, tem buscado se disciplinar, tem planejado fazer coisas construtivas e usar bem o seu tempo em benefício pessoal e de outras pessoas. Ele tem se envolvido no ministério com adolescentes. Tem tentado coisas que não estão na Bíblia: exercício físico vigoroso, banhos frios, alimentação muito balanceada. Por um curto período de tempo, ele buscou conselho até mesmo num livro de auto-ajuda, na tentativa de pensar acerca da masturbação como algo "normal, que todo mundo faz, permissível". Sua consciência, porém, jamais poderia apagar as palavras de Cristo: "Mas eu lhes digo: qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração" (Mt 5.28).

Tom havia tentado de tudo. A maioria das coisas (exceto desistir da luta) ajudaram um pouco, mas o sucesso era frágil e acabava manchado pelas queda. Tom não conseguiu adquirir uma perspectiva mais profunda a respeito de como o pecado e a graça operavam em seu coração. Durante vinte anos, o que aconteceu foi: "O pecado é ruim. Não o cometa. Apenas faça _____ para ajudá-lo a não pecar". Sua vida cristã toda foi concebida e construída ao redor dessa luta contra o pecado sexual ocasional.

Seu padrão habitual é o seguinte: períodos de pureza, que podem durar dias, semanas e até meses. Ele mede o sucesso perguntando a si mesmo: "Qual foi a última vez que caí?". Quanto maior o intervalo, maior a esperança. "Quem sabe agora eu tenha quebrado a espinha dorsal do pecado que me aflige". E aí ele cai novamente, e continua a tropeçar nas derrotas, vagando rumo ao velho inferno pessoal. "Será que eu sou um cristão? Por que me incomodar? Qual o nexo disso tudo? Nada mais funciona mesmo." Culpa, desencorajamento, desespero e vergonha são um tormento. Por vezes, Tom volta-se para a pornografia para amainar a dor da própria culpa por fazer uso dela. Ele implora a Deus por perdão vez após vez, sem qualquer tipo de alívio ou alegria. Duas semanas ou um mês de "vitória" contribuem muito mais para aliviar sua culpa do que para um crescimento do seu relacionamento com Cristo. Por motivos inexplicáveis, algumas vezes as coisas melhoram. Ele sente nojo do pecado e se vê inspirado a lutar. É em momentos assim que ele me procura, com sinceridade, desejoso de alcançar um livramento permanente.

O que devo fazer para ajudá-lo? Sinto-me reticente em recomendar a Tom simplesmente mais uma das mesmas coisas que ele tentou inúmeras vezes e fracassou. Não quero oferecer a ele apenas uma conversa incentivadora e um texto bíblico, persuadi-lo a prender o leão para seguir em frente, e oferecer telefonemas para prestação de contas. O que está faltando? O que está acontecendo nas outras salas de projeção da vida de Tom? Será que existem motivações e padrões que nenhum de nós ainda enxergou? O que acontece nesses momentos ou horas antes de ele tropeçar? O que dizer de como ele lida (bem ou mal) com os dias e semanas após uma queda? Por que, no seu entendimento, a vida parece ser uma engrenagem

complicada que não permite evitar o fracasso moral? Por que, no seu entendimento, a vida cristã parece tão desumanizada e despersonalizada? Seu cristianismo parece uma grande produção, um esforço ardente para o autoaperfeiçoamento. Por que a sua coleção de verdades e técnicas parece jamais aquecer e revigorar a qualidade de seu relacionamento com Deus e com as pessoas? Será que a peça central da vida cristã é o ciclo infinito de "eu peco, eu não peco, eu peco, eu não peco, eu peco"? Onde é que estamos falhando?

Pedi que Tom fizesse algo simples para tentar obter um panorama mais aprimorado de sua vida: "Você pode fazer um diário de quando você é tentado?". Eu quero saber o que está acontecendo quando ele tem problemas. Quando? Onde? O que foi que aconteceu? O que ele fez? Como estava se sentindo? No que ele estava pensando? Se ele resistiu, como é que ele fez isso? Se ele caiu, como se sentiu após a queda? Algo mais está relacionado às tentações sexuais?

Em meio a tantos altos e baixos, Tom manteve um ótimo senso de humor. Ele riu e me disse: "Não preciso manter um diário. Já sei qual é a resposta. Eu só caio nas sextas-feiras e sábados de noite – normalmente na sexta-feira, visto o sábado vir logo antes do domingo". Se algum gene de aconselhamento corre em suas veias, ele logo desperta com um comentário desse tipo. Os padrões repetidos são sempre muito reveladores quando investigamos o problema de alguém. Perguntei a ele: "Por que o pecado sexual vem à tona na sexta-feira à noite? O que acontece nessa situação?". Ele me respondeu: "Eu saio e compro uma revista *Playboy* quando perco a cabeça com Deus".

Incrível. Observe o que acabamos de descobrir: um outro filme está sendo exibido na sala de projeção ao lado. Agora não estamos apenas lidando com duas condutas pecaminosas, compra de material pornográfico e masturbação. Estamos lidando com a *ira contra Deus* que impulsiona esses comportamentos. O que está acontecendo? Tom continuou a falar e apresentou o quadro completo: "Chego do trabalho na sexta-feira à noite e fico sozinho no meu apartamento. Imagino que os meus amigos solteiros estão com suas namoradas e que os meus amigos casados estão investindo tempo com suas esposas. E eu estou completamente sozinho em meu apartamento. Começo a construir uma nuvem de autocomiseração. Lá pelas nove ou dez da noite, eu penso: você merece um descanso hoje. Então, os desejos sexuais parecem se tornar completamente doces. Digo a mim mesmo: Deus tapeou você. Se eu tivesse apenas uma namorada ou uma esposa eu conseguiria aguentar. Por que não me sentir bem por alguns momentos? Qual o problema disso? Em seguida, pego meu carro, corro para uma loja de conveniências e caio em pecado.

Surpreendente, não? A pornografia e a masturbação receberam toda a atenção, geraram toda a culpa, definiram o momento e o ato do "fracasso". Vamos chamar isso de Sala de Projeção 1. Mas também ouvimos sobre a ira contra Deus, que precede e legitimiza o pecado sexual: Sala de Projeção 2. Ouvimos sobre os momentos miseráveis de autocomiseração, murmuração e fantasias invejosas: uma sessão matinê na Sala de Projeção 3. Ouvimos Tom falar qual foi o desejo original que conduziu à autocomiseração, à ira para com Deus e,

finalmente, à cobiça sexual: Deus me deve uma esposa. Eu preciso, quero, exigo uma esposa que me ame. Esse filme está passando na Sala de Projeção 4, um filme de classificação livre, aparentemente inofensivo. Essa é uma cobiça da carne de ordem não sexual, que Tom jamais enxergou como algo problemático. Na realidade, em sua mente, trata-se praticamente uma promessa de Deus. Afinal, o Salmo 37.4 diz: "Agrada-te do SENHOR, e Ele satisfará aos desejos do teu coração". "Se eu fizer a minha parte, Deus deve fazer a parte dEle e me dar uma esposa."

À medida que Tom e eu continuamos a conversa, descobri que Deus devia uma esposa a ele: "Tentei fazer todas as coisas corretas. Eu servi a Deus. Tentei a prestação de contas. Memorizei as Escrituras. Tentei ser um bom cristão. Estou envolvido num ministério da igreja. Dou meu testemunho, dou o dízimo. No entanto, Deus não cumpre com o Seu dever". Em outras palavras, fazer as "coisas certas" deveria ser uma alavanca para forçar as bênçãos de Deus. As palavras de Tom soam assustadoramente como o clamor de justiça própria do irmão mais velho na parábola de Jesus do filho pródigo: "Eu sou bom; portanto, Deus me deve os bens que quero". A ira subsequente contra Deus opera como qualquer outra ira pecaminosa: "Você não está me dando o que eu quero, espero, desejo e exijo". Esse filme de justiça própria, orgulho e pensamento legalista clássico está passando na Sala de Projeção 5. Por que Tom fica atordoado numa depressão dilacerante por dias e semanas após cair, ao invés de descobrir as misericórdias vivas de Deus a cada manhã? Este é o lado autopunitivo e desesperador do pensamento legalista: "Sou mau; então Deus não me concederá bênçãos". A Sala de Projeção 6 exibe a autopunição, a autorreparação, a penitência e o ódio contra a própria pessoa.

Não é necessário muita percepção teológica para se dar conta de como todas estas distorções no relacionamento entre Tom e Deus expressam diferentes formas de falta de fé. Nós anulamos o conhecimento vivo do Deus verdadeiro. Criamos para nós um universo nulo da presença, da verdade e dos propósitos de Deus. A falta de fé não significa um vácuo: ao contrário disso, o universo é preenchido com ficções sedutoras e persuasivas. A Sala de Projeção 7 está exibindo uma bomba que Tom jamais percebeu como um problema.

Durante nossa conversa, nós até descobrimos a razão de Tom estar tão ávido para receber meu conselho. Por que ele queria a vitória sobre o seu problema de cobiça, por que queria tentar de novo e derrotar o monstro da cobiça de uma vez por todas? Recentemente, ele havia fixado seus olhos numa mulher que começou a frequentar nossa igreja. Isso reacendeu sua motivação para lutar. Se a cobiça se fosse e se Deus permanecesse, quem sabe ele conseguisse a esposa de seus sonhos. Até mesmo o plano de aconselhamento de Tom tem um papel nessa batalha mais ampla: Sala de Projeção 8.

Observe até que ponto fomos em meia hora de conversa. A queda de Tom às 21:30 da sexta-feira começou bem antes disso. E ela não foi um momento devastador isolado. Ajudar Tom com um discipulado cristão não é simplesmente oferecer dicas e verdades que possam ajudá-lo a permanecer "moralmente puro" nas sextas-feiras que virão. O aconselhamento diz respeito ao re-escrever totalmente a vida de Tom. A

"cura da alma" é o que o ministério de aconselhamento faz.

Você é capaz de compreender por qual motivo precisamos alargar as frentes de batalha para sermos eficientes na cura da alma? Tom concentra toda a sua atenção num pecado evidente que vem à tona esporadicamente, definindo e dando força aos seus sentimentos de culpa. No entanto, essa redução do foco da atenção serve para mascarar pecados muito mais sérios e impregnantes. Como pastor, amigo ou conselheiro, você não deseja concentrar toda a sua atenção no mesmo ponto que Tom concentra. Existem outras oportunidades mais profundas para que a graça e a verdade escrevam o roteiro da vida deste rapaz. Tom havia feito da sua caminhada com Deus um andaime bambo. A justiça própria ("vitória no final da batalha") concederia a ele os bens que ele desejava em sua vida. Embora Tom conhecesse e professasse uma doutrina correta, na prática da vida diária ele reduziu Deus a um garoto de recados para cumprir suas ordens e desejos.

Tom e eu ateamos o fogo da verdade e da graça no andaime. Algumas mudanças maravilhosas começaram a acontecer em sua vida. Não ignoramos a tentação do pecado sexual, mas várias outras coisas, que passavam desapercebidas aos olhos de Tom, tornaram-se de extrema importância. Foi muito maior a quantidade de tempo que investimos falando sobre a autocomiseração e a murmuração como pecados "alertadores", sobre como o desejo de ter uma esposa tornou-se uma cobiça controladora, sobre como a justiça própria constrói as quedas diante das dinâmicas da graça, do que a quantidade de tempo que gastamos propriamente no pecado sexual. As tentações para cometer um pecado sexual diminuíram grandemente. A topografia do campo de batalha mudou radicalmente. O significado do amor de Cristo cresceu. As luzes de um autoconhecimento mais acurado e compreensivo entraram em cena. Um homem que andava em círculos, confuso no meio do caminho, começou a correr e a orientar o percurso na direção correta. Experimentamos a alegria de uma temporada de crescimento assustador. Ministrar a alguém que lutou durante vinte anos contra a mesma coisa é desanimador e, via de regra, acaba em futilidade. Ministrar a alguém que está começando a lutar contra uma dúzia de inimigos recém-descobertos é extremamente animador! Ampliar a guerra serviu para aprofundar e aumentar o significado do Salvador, que se juntou a Tom em todas as frentes de batalha.

É uma batalha mais profunda

A Bíblia sempre trata do comportamento, mas ela nunca trata apenas do comportamento. A acusação divina acerca da natureza humana sempre penetra rumo ao coração. O olhar fixo de Deus e a Sua Palavra expõem pensamentos, intenções, desejos e temores que moldam completamente a forma de encararmos a vida. A prática de um ato imoral ou um comportamento de fantasia são pecados. No entanto, essas práticas sempre surgem de desejos e crenças que destronam a Deus.

Sempre que faço algo errado, estou amando de todo o meu coração, alma, mente e força alguma outra coisa em lugar de Deus. Estou escutando atentamente outras vozes. Tipicamente (mas nem sempre), as práticas imorais surgem em conexão com os desejos eróticos que destronam o senhorio de Deus, mas a

imoralidade é resultado de muitos outros motivos também e, normalmente, surge de uma combinação destes. Vimos isso claramente no caso de Tom. Os motivos eróticos, o "sentir-se bem" promovido pelo sexo, tiveram um papel fundamental. No entanto, outros motivos – "quero uma esposa"; "se eu for bom, Deus me concederá bênçãos"; "estou bravo porque Deus me desapontou" – estão interconectados com o erotismo.

Muitos conspiradores entram em ação quando Tom começa a explorar o tobogã do "eu quero ver uma garota da Playboy nua" e "preciso de livramento sexual agora". Muitas outras cobiças dão as mãos para dar um impulso de queda a esta cobiça sexual. Vale a pena descobrir o que está por trás do pecado, tanto para entender a si mesmo quanto para poder ministrar de forma mais adequada às pessoas. À medida que aprofundamos o nosso entendimento dos desejos íntimos do pecado, nossa capacidade de conhecer e apreciar o Deus da graça também se aprofunda.

Os desejos irados por vingança

O sexo pode ser uma forma de expressar ira. Certa vez, aconselhei um casal que havia cometido adultério por vingança. Primeiro, eles tiveram uma briga feia, com muita gritaria, ameaças e acusações amargas. Irado com tudo, o homem saiu e dormiu com uma prostituta. Ainda ardendo em ira, ele voltou para casa e vangloriou-se de seu feito perante a esposa. Em retaliação, a esposa saiu e seduziu o melhor amigo de seu marido. Será que eles experimentaram algum tipo de prazer erótico com essas ações? Provavelmente. Mas eros foi a força que conduziu a ação? De maneira nenhuma. Embora nem sempre seja tão dramática, a ira sempre exerce um papel na imoralidade: um adolescente acha que o sexo é uma forma conveniente de rebelar-se contra os pais ou machucá-los, um homem navega pela Internet depois que ele e sua esposa trocaram palavras duras, uma mulher masturba-se alimentando fantasias com antigos namorados depois que ela e seu marido discutiram. Em todas essas situações, a redenção da sexualidade manchada pelo pecado só pode acontecer juntamente com a redenção da ira manchada pelo pecado.

Os desejos de sentir-se amado e aprovado, e de receber atenção romântica.

Considere a situação de uma garota com sobrepeso, sozinha, cheia de espinhas, cujo prazer no sexo como um ato é mínimo ou mesmo nulo. Por que, então, ela é promíscua, e cede favores sexuais a qualquer garoto que lhe dá alguma atenção? Ela entrega seu corpo a serviço não de uma cobiça erótica, mas de uma cobiça consumidora por atenção romântica. Quando os garotos dizem coisas doces e lhe prometem amor fiel, ela pode até saber lá no fundo que eles estão mentindo. Ela sabe que eles a estão usando meramente como um receptáculo para a sua cobiça, mas ela bloqueia temporariamente esse pensamento. Ela pratica o sexo de qualquer jeito, pois está presa ao "sentir-se amada". Ao ministrar a uma pessoa como essa, prestaremos um desserviço se nos concentrarmos apenas na fornicação pecaminosa e não fizermos nada para ajudá-la a entender a sutil escravidão de viver para obter a atenção humana. O sexo pode ser um instrumento nas mãos da

cobiça não sexual. Ambas as perversidades precisam ser alvo da misericórdia e do poder transformador de Cristo.

Os desejos empolgantes por poder e o entusiasmo da perseguição.

Algumas pessoas gostam do sentimento de ter poder e controle sobre a reação sexual de outra pessoa. O namorador, o provocador, o Don Juan, o sedutor não são motivados apenas por desejos sexuais. Via de regra, o desejo erótico perverso é acentuado e complementado por prazeres perversos mais profundos: a perseguição, a caça, a emoção da conquista, a excitação que vem da capacidade de manipular a reação romântico-erótica de outra pessoa. Existe uma forma de prazer sádico que dirige os prazeres sexuais. As pessoas gostam de ver outras excitadas, "caindo" por elas e se contorcendo. Elas podem se tornar indiferentes a um parceiro sexual uma vez que essa caça termina. Para os sedutores, arrependimento e mudança dizem respeito ao desejo por poder e ao entusiasmo perverso, bem como à cobiça sexual.

Os desejos por dinheiro para satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência

A ligação mais óbvia do sexo ao dinheiro é a "indústria do sexo": o sexo dá muito dinheiro a muitas pessoas. Como no caso anterior, o eros pode ser um fator. No entanto, no sexo que gera dinheiro, o prazer fica em segundo lugar em relação ao dinheiro. Existem também situações mais súbitas. Uma mãe solteira em nossa igreja encontrava-se numa situação financeira bem difícil. Ela se sentiu fortemente tentada a oferecer seu corpo para favores sexuais em troca dos aluguéis que deveria pagar ao proprietário da casa onde morava. Se ela tivesse caído nisso, o desejo sexual teria sido inexistente. Na realidade, ela teria fornicado a despeito de sentir repugnância, vergonha e culpa no ato. Para a glória de Deus, ela se abriu a respeito dessa luta com uma mulher sábia. Numa variedade de formas apropriadas, a igreja foi capaz de socorrê-la com cuidado e aconselhamento. Um aspecto do cuidado para com ela veio dos diáconos (que nunca souberam o que de fato quase aconteceu a ela): "Saiba que você não terminará na rua. Nós somos sua família. Se você estiver em apuros, tentando descobrir de onde virá o dinheiro para o aluguel, o supermercado ou a conta da farmácia, não pense duas vezes antes de pedir ajuda". Interessante, não? O ministério de misericórdia e suprimento das necessidades financeiras teve um papel importantíssimo na diminuição da vulnerabilidade daquela mulher diante de uma tentação sexual em particular. Ela também precisou de aconselhamento para continuar sua caminhada cristã, mas assuntos como ansiedade, finanças e o caráter de Deus tomaram mais espaço nas conversas do que a tentação sexual.

Um desejo messiânico distorcido de prestar ajuda a outros

Certamente existem pastores e líderes que são predadores sexuais, mas essa não é a única dinâmica do pecado sexual no ministério. Lidei com um número considerável de situações que envolveram o desejo de ajudar a outros e acabaram por arrancar completamente a pessoa dos trilhos. Por exemplo: um pastor tem uma preocupação profunda para com uma adorável jovem viúva ou divorciada. Ele quer muito (demais) ajudá-la e confortá-

-la. Ela aprecia o conselho sábio e bíblico do pastor. Ele é um perfeito exemplo de bondade, gentileza, comunicação, preocupação atenta. Como a vida continua a ser difícil e dura para ela, ele começa a consolá-la e eles terminam na cama. Os motivos? Sexuais, sim. No entanto, mais importante nesse ato foi o desejo distorcido do pastor de ser útil, de ser admirado, de fazer diferença real, ser importante e "salvar" aquela moça. Quando qualquer pessoa, que não o Messias, começa a agir messianicamente, as coisas vão de mal a pior. Quando você aconselha um ministro que se envolveu em pecado sexual, você facilmente descobre que o sexo foi apenas a sobremesa envenenada. A entrada envenenada pode ter sido um conjunto diferente de desejos enganosos, desejos que surgiram mais da mente do que do corpo (Ef 4.22; 2.3).

Os desejos por alívio e descanso em meio às pressões da vida

O pecado sexual normalmente serve como um tipo de "válvula de escape" de outros problemas. Quando a pressão do vapor fica muito alta na panela de pressão, ela deixa escapar um jato de vapor. Essa é uma metáfora para o que é frequentemente verdade com respeito às pessoas também. Considere um homem que se depara, e lida de forma errada, com pressões extremas em seu trabalho. Ele faz parte de uma equipe que está lidando com um prazo fatal para um projeto muito importante. O projeto está atrasado. Ele trabalhou cerca de oitenta horas semanais no último mês. Ele é casado, está preocupado, aflito e esgotado. Todos os dias seu chefe impõe maior pressão, acompanhada de pânico e ameaças. Na equipe do projeto, acontecem lutas feias: quem é responsável por qual tarefa, de quem é a culpa pela falha, quem recebe o crédito pela tarefa concluída. Tudo isso somado ao fato de que ele não tem deixado seus cuidados com Deus e está altamente ansioso. Após duas noites passadas em claro, o projeto foi terminado. Eles conseguiram. Ele conseguiu. Sucesso! Finalmente ele tem uma noite livre, sem prazos, sem a hostilidade profissional, sem preocupações quanto ao amanhã. No entanto, após um mês de vida sob pressão, ele não sente nenhum alívio nem a menor satisfação naquilo que realizou. Então ele navega na internet, diverte-se com a pornografia, esquece seus problemas. O que está acontecendo com ele?

O pecado sexual é parte do quadro, mas há muito mais a ser considerado. Todo o desejo deturpado – cada cobiça da carne, mentira, amor falso – é um usurpador que imita algum aspecto de Deus e deturpa alguma promessa de Deus. Considere que cerca de dois terços dos salmos apresentam Deus como "nosso refúgio" em meio aos problemas da vida. Em meio a ameaças, dores, desapontamentos e ataques, Deus protege e cuida de nós. Nosso amigo enfrentou problemas: pessoas que queriam derrubá-lo no trabalho, exigências intoleráveis, semanas implacáveis. No entanto, durante esse mês de total frenesi, ele não encontrou nenhum refúgio verdadeiro. Agora, num espasmo de imoralidade, ele encontra um "refúgio falso" no erotismo. Seu comportamento sexual serve como um descanso falso para os problemas. O Salmo 23 revela o verdadeiro refúgio: "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque Tu estás comigo". Aquele homem buscou um refúgio falso: "Depois

de andar pelo vale da sobra da morte distante de Deus, não temerei mal algum porque a fotografia de uma mulher cirurgicamente equipada e sem nenhuma roupa está comigo". Um refúgio falso parece absurdamente tolo quando exposto ao que ele realmente é.

A batalha mais profunda pelo amor essencial do coração

O pecado sexual é uma expressão de uma guerra mais profunda pela lealdade e o amor essencial do coração. Aprender a enxergar de forma mais clara é parte crucial na sua jornada de santificação. Ensinar os outros a terem seus olhos abertos para esta batalha mais profunda é parte crucial de um ministério pastoral sábio. A figura de Cristo torna-se cada vez mais bela à medida que enxergamos o que Ele realmente é. Ele não está apenas limpando os borrões morais que nos envergonham. Uma perspectiva mais profunda da batalha nos dá um o significado mais profundo do Salvador. Somente Ele enxerga seu coração com precisão. Somente Ele o ama o suficiente para fazer com que você O ame.

Como Acontece a Verdadeira Transformação Bíblica no Momento de Crise?

Heather L. Rice[1]

Transformação. Todos nós ansiamos por ela nas pessoas a quem ministramos. Queremos ver as pessoas transformadas pelo maravilhoso evangelho de Cristo. Nós nos entregamos integralmente ao ministério para vermos vidas revolucionadas por inteiro pela graça de Deus. No entanto, se você é um pouco parecido comigo, há vezes em que no mais íntimo do coração você recua e pergunta a si mesmo: "Será que alguém *realmente* muda?". Ao meu redor, vejo as pessoas fazendo sempre as mesmas coisas e tropeçando sempre nos mesmos pecados. A Bíblia, porém, promete uma realidade completamente diferente. O Espírito de Deus vive e opera no coração do crente para torná-lo mais e mais semelhante a Cristo. Deus promete fazer de nós "carvalhos de justiça" (Is 61.3). Então, por que eu não vejo isso acontecer sempre?

Muitas vezes, não vejo transformação porque procuro algo errado. O crescimento em Cristo não é uma questão de tudo ou nada. Em nossa busca por uma transformação grande e dramática, por vezes não vemos as "pequenas" vitórias gloriosas e minimizamos, não levamos em conta ou mesmo ignoramos a obra de Deus em nossa vida. Com isso, fazemos um desserviço àqueles que aconselhamos, a nós mesmos e à glória de Deus. Se quisermos ajudar uma pessoa a reconhecer a obra de Deus em sua vida, gerando crescimento e transformação, precisamos antes reconhecer Sua obra em nossa própria vida por meio dessas pequenas vitórias.

O calor das circunstâncias

Como, de fato, identificar a verdadeira transformação bíblica? Vou exemplificar

[1]Tradução e adaptação de "What Does Godly Change Look Like?". Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 24, n. 1, Winter 2006, p.61-64.

Heather L. Rice é assistente executiva da Whosoever Gospel Mission em Filadélfia, Pensilvânia.

por meio de uma experiência pessoal. Sirvo em tempo integral na Whosoever Gospel Mission, um ministério centrado em Cristo, que oferece aos sem-teto serviços de reabilitação e preparo para um emprego. A cada outono, damos um banquete para celebrar as bênçãos e a bondade do Senhor para conosco. Algumas centenas de pessoas costumam estar presentes para apoiar o ministério, e meu trabalho como assistente executiva é cuidar de tudo - desde as reservas até a decoração, entre outros. Na noite do banquete, o espaço de tempo de que dispomos para fazer os preparativos no salão antes que as portas se abram para os nossos convidados é curto. Por cerca de uma hora, há uma tempestade frenética de atividade enquanto Bob, o diretor executivo, e eu arrumamos tudo.

Como é de costume e tradição, um representante do restaurante sempre nos oferece algo para beber enquanto arrumamos o salão. Naquela noite, em particular, eu estava de olho nele, pois minha garganta estava inflamada e eu sentia muita sede. Eu estava ávida por um refrigerante. Enquanto isso, a esposa de Bob, Márcia (que sempre foi uma amiga muito querida), apareceu para oferecer a ajuda de que tanto precisávamos. Dei-lhe algo para fazer. Após terminar, ela voltou a mim pedindo mais trabalho. De passagem, disse a ela que eu estava com muita sede e que estava procurando o rapaz do restaurante. Ela respondeu: "Oh, ele estava aqui agora mesmo e me perguntou se queríamos algo para beber. Eu agradeci e disse que estávamos bem. Ele disse que mesmo assim traria um pouco de água".

Aquele simples e tão desejado refrigerante, porém frustrado, fez aflorar o pecado do fundo do meu coração.

Os espinhos emaranhados do pecado

Esbocei um sorriso plástico e artificial e disse: "É mesmo?". Meu coração ficou inundado de ira contra minha amiga querida: "Quem ela pensa que é?! Ela deve perguntar para mim; eu sou a encarregada aqui! Como ela pode responder em meu lugar?". A ira corria pelas minhas veias enquanto eu continuava a arrumação do salão para aquela grande celebração da bondade de Deus!

Eu sabia quão terrível e má era a minha atitude, mas minhas emoções eram muito fortes! Clamei ao Senhor por misericórdia e graça quando abrimos as portas e eu vesti meu semblante de "relações públicas" para saudar nossos mantenedores.

Aquele não foi o último problema que tive com ira naquela noite. Após o final de cada banquete, Bob tem o hábito de me levar até em casa. No caminho, costumamos conversar sobre as pessoas com quem fizemos contato, o retorno que tivemos da parte delas e as bênçãos do Senhor com relação ao evento e, de modo geral, ao nosso ministério. Naquela noite, no entanto, Deus tinha planejado algo diferente, que arrancou o sorriso do meu rosto e trouxe à vista de todos o que havia no meu coração.

Após todos terem ido embora, vários membros da equipe permaneceram para conversarem sobre a noite. Quando estávamos para sair, Bob virou pra mim e disse: "Heather, você se importa se Márcia levar você para casa hoje?". O que eu poderia dizer? "Sim, eu me importo se Márcia me levar para casa. Este é o tempo que eu e você temos para conversar sobre o ministério, e ela na verdade não é parte do ministério; ela só é sua esposa!" Eu não

podia dizer isso, por isso vesti outro sorriso artificial e plástico e disse: "Tudo bem".

Minha ira estava chegando perto do descontrole! O que eu fiz? Entrei no carro, encostei a cabeça e virei o rosto para a janela. Dei uns bocejos educados para não parecer rude demais. Eu só estava cansada, e isso era compreensível, afinal eu era a única pessoa envolvida naquele ministério em tempo integral e tinha acabado de participar do maior evento de relações públicas do ano. Márcia tentou fazer algumas perguntas sobre o andamento do evento e como eu estava. Dei a ela no máximo algumas respostas curtas, na esperança de que ela percebesse que eu estava cansada demais para falar.

A cruz de Cristo traz uma nova identidade

Foi então que aconteceu um dos mais gloriosos momentos de transformação em minha vida. Superficialmente, ele pode parecer insignificante, mas para mim foi algo grande. O Senhor interveio graciosamente e a batalha interior começou. "Ei, mocinha, quem exatamente você pensa que é? Você esqueceu quem EU SOU? Eu sou Aquele que fez você, que a redimiu, que lhe deu esse ministério e que segura a sua vida e o seu fôlego, neste exato momento, na palma da mão. Como você se esquece rapidamente! Você esqueceu também que eu sou soberano? Eu coloco você onde eu quero que você esteja, com quem eu quero e quando eu quero. Portanto, pare com isso! Negue a si mesma e me siga."

Com as emoções ainda se agitando dentro de mim, clamei a Deus de coração: "Lá vai, Senhor. Socorro!". E com isso tirei o rosto da janela, olhei para Márcia e comecei a conversar com ela. Eu não lembro o que conversamos, mas só sei que falei com ela e a ouvi como uma amiga, uma irmã em Cristo, que Deus havia colocado de propósito em minha vida naquela noite pelos quarenta e cinco minutos de trajeto.

O fruto de um coração e de uma vida transformada

Então, qual é o problema? Uma guerra estava acontecendo em meu coração, mas uma batalha tinha acabado de ser vencida. E é exatamente aqui que a batalha é vencida: nas pequenas escolhas de cada momento da vida. Devo continuar a olhar pela janela do carro ou me voltar para minha amiga? Devo me revolver em autocomiseração ou me dedicar a uma irmã em Cristo? Devo alimentar minha amargura ou clamar: "Ajuda-me, Senhor, a fazer o que é certo"?

A vida pela fé é assim! No momento em que meu coração se agita em ira, eu posso escolher andar pela fé e confiar em Deus ou posso andar por vista e tentar desesperadamente satisfazer à minha maneira o mau desejo do meu coração. A cada momento de cada dia eu tenho essa escolha. E a cada vez que eu escolho o caminho da fé, isso é uma vitória e um testemunho da obra de justiça que Deus está fazendo em minha vida.

Aplicando a lição

Escolher o caminho da fé é mais fácil na teoria do que na prática. Como encorajar a nós mesmos e aos nossos aconselhados a decidirem pela fé em meio às situações assoladoras de sofrimento? Para respondermos a essa pergunta, vamos observar uma mulher da Bíblia que conhecemos bem.

Ana estava profundamente perturbada. "Levantou-se Ana, e, com amargura de alma, orou ao SENHOR e

chorou abundantemente" (1Sm 1.10). Incapaz de engravidar, ela vivia em uma sociedade que encarava a fertilidade como sinal da bênção de Deus e a esterilidade como Sua maldição. Seu marido, Elcana, tinha outra mulher, Penina, que comparada com Ana parecia ser a encarnação feminina do Crescente Fértil! Penina zombava de Ana e a ridicularizava vez após vez, provocando sua amargura. Ana estava tão angustiada que chorava e não conseguia nem comer.

Esse ciclo de zombaria da parte da Penina, e a consequente tristeza da Ana, continuava ano após ano. Para piorar a situação, Elcana não se mostrava sensível à angústia de Ana. Ao tentar consolá-la, ele só a deixava ainda mais triste, fazendo pouco da sua dor. É bem possível que Ana sentisse como se o mundo inteiro estivesse contra ela: a sociedade em que vivia, a segunda esposa do seu marido e suas próprias percepções eram fatores que falavam contra ela e apontavam para um fracasso.

Às vezes, a vida dói tanto que parece estar a ponto de desmoronar em uma inundação de lágrimas amargas. Foi assim com Ana. Como podemos tomar decisões pela fé quando a amargura nos oprime, as lágrimas inundam nossa alma e estamos arrasados pelo desespero? Uma vinheta da vida de Ana, que encontramos em 1Samuel 1.11, ilustra de forma pungente a esperança da oração capaz de restaurar a vida daqueles que estão oprimidos sob o peso da devastação deste mundo. Algo aconteceu no mundo de Ana que transformou tudo, independentemente das circunstâncias.

Transformação a sós com Deus

A transformação acontece não necessariamente nas circunstâncias, mas no coração, inicialmente no relacionamento com Deus e, em seguida, no relacionamento com as pessoas. Todos nós conhecemos a agonia do sofrimento porque experimentamos o calor das nossas circunstâncias pessoais. Por essa razão, é natural que oremos como Ana, que clamou ao Senhor para que transformasse sua situação. Como são as nossas orações quando nosso pai está com câncer, nossa filha vai embora de casa, quando vamos deitar todas as noites sozinhos, sem um cônjuge, quando nosso bebê está vacilando entre a vida e a morte? Como Ana, que derramou sua alma diante do Senhor (1Sm 1.15), nós também clamamos e imploramos a Deus de todo o coração que Ele transforme nossas circunstâncias, restaure a vida, reconcilie os relacionamentos e acalme nossa dor.

Às vezes, nossas orações parecem ficar sem resposta, e aquilo que temíamos torna-se realidade. Outras vezes, o Senhor nos concede o que pedimos e nós nos alegramos grandemente por um tempo. No entanto, a maior parte da nossa vida é vivida na espera, na oração e no clamor, em meio aos anseios da incerteza.

É no ínterim da espera que o chamado da fé soa mais alto. E também nesse momento que surge uma esperança. Quando Ana derramou sua alma diante do Senhor no templo, não recebeu uma resposta audível da parte de Deus, garantindo que seu pedido seria atendido. Ela não engravidou miraculosamente no pátio do templo nem mesmo encontrou um marido, uma família ou uma sociedade diferente ao voltar para casa. Não obstante, algo aconteceu com Ana na comunhão com Deus. Ela se foi em paz, comeu, e o seu semblante já não era triste (1Sm 1.18).

O Salmo 73 tem a chave para desvendar o mistério da transformação pela

comunhão com Deus e da esperança para a nossa própria transformação. O salmista conseguia se identificar com o coração aflito de Ana. Ele também esteve aflito. Ele também viu seus opressores prosperarem em sua arrogância. Tanto Ana quanto o salmista foram profundamente perturbados por suas circunstâncias. Ambos poderiam declarar: "Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim".

> Com efeito, Deus é bom para com Israel, para com os de coração limpo. Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos. Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos.
>
> Quando o coração se me amargou e as entranhas se me comoveram, eu estava embrutecido e ignorante; era como um irracional à Tua presença.
>
> Todavia, estou sempre contigo, Tu me seguras pela minha mão direita. Tu me guias com o Teu conselho e depois me recebes na glória. Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre.
>
> (Salmo 73.1-3, 21-26)

Antes que qualquer uma das duas circunstâncias mudasse, uma transformação maravilhosa aconteceu que os capacitou a decidirem pela fé naquele momento. Tudo se resume na frase: "Até que entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles". Ana e o salmista tiveram um encontro com o Deus vivo que reajustou completamente aquelas vidas. Após entrarem conscientemente no santuário de Deus, ainda que suas circunstâncias continuassem as mesmas, o coração mudou. O pecado do salmista, antes tão consumidor, dissipou-se quando ele compreendeu que o Senhor o segurava pela mão e o conduzia com Seu perfeito conselho, apontando para a glória que viria adiante. Nós não podemos deixar de ser transformados quando estamos a sós diante do Rei da Criação e nos deparamos com Sua glória.

Por que o salmista pôde fazer uma escolha de fé? Porque ele se lembrou do quadro maior: Deus ainda está em Seu trono, este mundo não tem a palavra final, e esse Deus, longe de ser um conceito ou uma religião, é real, vivo, poderoso e profundamente comprometido a realizar tudo o que prometeu e planejou fazer, de acordo com todas as Suas grandes e preciosas promessas a Seu povo.

Erga os olhos

Qual conflito não perde a importância em comparação com essa verdade? No aconselhamento, portanto, não nos esqueçamos que somos instrumentos de Cristo para estimular uns aos outros a erguermos os olhos acima dos problemas que nos afligem, para contemplarmos a vastidão da presença de Deus, a majestade do Seu poder e a fidelidade da Sua dedicação em fazer tudo o que Ele disse que fará em nós e por meio de nós. Isso inclui a promessa de continuar a operar a nossa santificação até o dia em que iremos ao Seu encontro na glória. Quando

nos lançamos sobre Sua misericórdia, Ele transforma os desejos do nosso coração, dá nova direção às nossas afeições e coloca em nós o próprio desejo dEle. Então, com o maior prazer, Ele se deleita em cumprir nosso desejo recém-descoberto, enquanto Ele nos mostra cada vez mais a plenitude de bênção que nos pertence em Sua presença. É como se Ele gritasse: "Busquem-me e prometo que vocês me encontrarão. Eu *quero* que vocês me encontrem".

Dar as costas a si mesmo e escolher o caminho da fé em determinado momento é algo bem menos assustador quando você compreende que aquilo que o espera no final é nada menos do que o abraço ardente do Pai. A decisão de dar meia-volta em determinado momento é o que identifica a verdadeira transformação bíblica. Poucas vezes é algo sonoro ou pomposo, por isso você pode muito bem deixar de percebê-la se não olhar com cuidado. Não minimizemos a impressionante obra de Deus na vida dos Seus filhos quando eles tomam grandes decisões de fé nas pequenas circunstâncias da vida. Deus promete santificar Seu povo. Se deixarmos de identificar, estaremos perdendo as demonstrações mais incríveis da Sua gloriosa graça ao nosso redor. Esforcemo-nos para adquirir a habilidade de reconhecer a mão de Deus, que opera em nós e ao nosso redor, para o louvor e a glória da Sua graça!